



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE DESIGN DE MODA**

**MÁRIO FELLIPE FERNANDES VIEIRA VASCONCELOS**

**MEETIDOS: O MONTA/ DESMONTA DOS CORPOS, PERFORMANCES E  
IDENTIDADES GAYS NA BOATE MEET- MUSIC & LOUNGE.**

**FORTALEZA**

**2013**

MÁRIO FELLIPE FERNANDES VIEIRA VASCONCELOS

MEETIDOS: O MONTA/ DESMONTA DOS CORPOS, PERFORMANCES E  
IDENTIDADES GAYS NA BOATE MEET- MUSIC & LOUNGE.

Monografia apresentada ao Curso de Design de Moda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisição parcial para obtenção do Título de Bacharel em Design de Moda.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Dolores de Brito  
Mota

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

V451m Vasconcelos, Mário Fellipe Fernandes Vieira.

Meetidos : o monta/desmonta dos corpos, performances e identidades gays na Boate Meed - Music & Lounge / Mário Fellipe Fernandes Vieira Vasconcelos. – 2013.  
122 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2013.  
Orientação: Prof. Dr. Maria Dolores de Brito Mota.

1. Boate Meet. 2. Corpos. 3. Identidades. 4. Moda. 5. Regulação. I. Título.

CDD

---

MÁRIO FELLIPE FERNANDES VIEIRA VASCONCELOS

MEETIDOS: O MONTA/ DESMONTA DOS CORPOS, PERFORMANCES E  
IDENTIDADES GAYS NA BOATE MEET- MUSIC & LOUNGE.

Monografia apresentada ao Curso de Design  
de Moda do Instituto de Cultura e Arte da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisição parcial para obtenção do Título de  
Bacharel em Design de Moda.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Maria Dolores de Brito Mota (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Deisimer Gorczewski  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Araguacy Filgueiras Paixão  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

A minha amada vizinha, Zélia Coelho  
Fernandes Vieira,

E ao meu eterno amor, Franco Carvalho  
Braga.

## AGRADECIMENTOS

Há muito que agradecer, pois muitos estiveram comigo nesse percurso que ainda não acabou... Essa pausa de leve é, sem dúvida, mais que necessária.

Agradeço a Deus por sua presença sempre presente.

Agradeço a minha mãe Orgete Coelho Fernandes Vieira e irmã Bruna Fernandes Vieira Vasconcelos pela compreensão e cuidado permanente e por sempre estarem abertas para me receberem em todos e quaisquer momentos.

Agradeço a minha amada vizinha Zélia Coelho Fernandes Vieira, que por mais que não comungue mais da lógica do mundo físico, em espírito sempre estará presente, sendo minha eterna referência.

Agradeço a quem sempre esteve comigo desde o início dos meus tensionamentos meu amigo e companheiro Franco Carvalho Braga, suportando-me de todas as formas sem me fazer muitas cobranças.

Agradeço também aos meus aos amigos pela paciência de me suportar falando horas a fio do meu objeto, pelas palavras sempre tão norteadoras e revigorantes, pelo carinho, pelo cuidado, enfim, por todos eles existirem de fato em minha vida. Yágda, Nilo, Janaina, Brendda, Raíra, Bianca, Jéssica, Rafaela, Gabriela, Renata, Isabele, Nayara, Eveline, Cléa, Addanick e a todos os outros que de algum modo não mencionei quero que saibam da importância que vocês tiveram nesse processo. Sem as palavras, o carinho, o cuidado e a paciência de todos os processos teriam sido bem mais dolorosos. Cada um está presente de uma maneira bem particular nos caminhos que tento de algum modo apontar aqui.

Estendo minha gratidão a pessoas igualmente amigas e que com toda a minha verdade as tenho como minhas referências e como pessoas que sempre me inspiram nos meus incômodos enquanto sujeito-pesquisador. Professora Deisimer Gorczewski obrigado por me tornar conhecida uma maneira tão leve de pesquisar que se faz acompanhada de nossas próprias vivências enquanto sujeitos, a partir da lógica da implicação. Com você, em sala de aula, e não com nenhum outro teórico aprendi uma relação diferente gestada entre mim e meu objeto. A experiência é o que nos torna possíveis, pois só existimos nela. Professora e amiga Dolores além de minha orientadora você sempre me inspirou e ainda me inspira com suas reflexões tão lúcidas e tão a frentes do seu tempo. Obrigado por me acompanhar em todo esse processo, que foi doloroso você bem sabe. Obrigado por além de orientadora e referência para mim você ser amiga.

Agradeço aqueles que contribuíram com suas falas, experiências, e, sobretudo, com o seu tempo. Victor, Klisman, Adrian, José, Davi, Pedro e aos outros nos quais tive a oportunidade de estabelecer contatos pontuais no interior da boate obrigado por compartilharem comigo suas percepções e suas vivências, trazendo a empiria particular de cada de modo a enriquecer as reflexões aqui pretendidas.

Agradeço também a todos aqueles que fazem parte da família MEET. Meu obrigado especial a uma das proprietárias e promotor da casa que abriu literalmente as portas da boate para nos receber, viabilizando, assim essa pesquisa. Monah Monteiro e a todos os “MEETIDOS” de Fortaleza, “os mais”, “os menos” e os “nem tanto”, muito obrigado.

“Naquela mesa ela sentava sempre  
E me dizia sempre o que é viver melhor  
Naquela mesa ela contava histórias  
Que hoje na memória eu guardo e sei de cor  
Naquela mesa ela juntava gente  
E contava contente o que fez de manhã  
E nos seus olhos era tanto brilho  
Que mais que seu filho  
Eu fiquei seu fã  
[...] Naquela mesa tá faltando ela e a saudade  
dela tá doendo em mim.”

(Nelson Golçalves – letra adaptada)



## RESUMO

O Trabalho analisa o espaço da boate Meet- Music & Lounge, localizada na cidade de Fortaleza como um território em que emergem dinâmicas e jogos simbólicos que tem nos movimentos do próprio território, dos corpos e das identidades que ali se agenciam um de seus meios de manutenção. Entendendo a boate como um espaço que possibilita construções de um corpo e de uma identidade específicas, só possíveis a partir de processos que envolvem uma reprodução ressignificada de formas de vida masculina, corroboradas e corporificadas por uma cultura heteronormativa, a pesquisa cruza experiências empíricas vividas *in loco* e diálogos ainda muito tímidos com alguns teóricos/as que fundamentam suas reflexões nas questões de corpo, gênero, identidade, moda entendendo que esses processos quando conjugados resultam em formas de vida, em maneiras específicas de estar no mundo. Apropriando-me da História Oral como opção metodológica, as falas de antigos e novos frequentadores da boate se cruzam tornando possível uma cartografia do território meetiano bem como dos corpos e das identidades que ali são negociados em uma “Noite na Boate”. Nesse sentido, as reflexões caminham na tentativa de compreender que lógica se impõe e torna possível uma noite dos Gays MEETIDOS de Fortaleza, mediada pelos corpos, aparências, performances, revelando a partir disso, um território marcado pela lógica da regulação e do controle.

**Palavras- chave:** Boate Meet – Corpos – Identidades – Moda- Regulação

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Performance dos Gogo dancers na Boate Meet .....	50
Figura 2 - Performances dos bailarinos do <i>Face On Face</i> , coordenado pelo paulistano Diego Cruz .....	68
Figura 3- <i>Flyer</i> de divulgação de uma das festas promovidas pela casa .....	75

## SUMÁRIO

<b>CAP. I INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAP. II TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES MEET: ETNOGRAFANDO ESPACIALIDADE E SOCIABILIDADE GAY</b>	<b>18</b>
2.1. Uma Noite na Boate	21
2.2. “É na Fila onde o Evento se Inicia”: A Boate como um Território Estendido	30
2.3. <i>Nice To Meet You</i> : Encontros e Desencontros em um Espaço de Regulação	34
2.4. Meetidos de Ontem, Meetidos de Hoje: Mudanças e Permanências na Noite “Top” Gay da Cidade	40
<b>CAP. III CORPOS E PERFORMANCES ENSAIADAS: REPRESENTAÇÕES DE SI EM TERRITÓRIO “MEETIANO”</b>	<b>49</b>
3.1. Representações de um Corpo MEETIDO: A Performatividade de gênero	55
3.2. “Homem com H”: A Roupas e o Estilo como expressão de um Corpo- Aparência Discreto	60
3.3. Meu Corpo, minha salvação: Formas, Exibição e Voyeurismo)	67
3.4. É possível falar de um Corpo Gay em Território Meetiano?	72
<b>CAP. IV DISTINÇÕES <i>IN</i> E DISTINÇÕES <i>OUT</i>: IDENTIDADES NO ESPAÇO MEET</b>	<b>79</b>
4.1. Sexo, Gênero e Sexualidades – Rompendo Fronteiras Identitárias	81
4.2. Identidades Gays: Possibilidades e Plasticidades	89
4.3. Entre Meetidos: mais, menos e nem tanto...	100
<b>CAP. V CONCLUSÃO</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>112</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

Início minhas palavras evocando territórios, geografias, espaços dotados de vida, de significados que criam e dão novos sentidos a cidade de Fortaleza, fazendo-nos repensar em cidades-plurais que são tecidas de acordo com a emergência de novos sujeitos sociais que vão requerendo novos espaços de sociabilidade, criando e recriando cartografias de uma cidade-devir. É preciso, antes de adentrarmos no espaço físico e simbólico que esse trabalho procura se debruçar, remetendo a territorializações e desterritorializações falar de outros campos espaciais e sociais da cidade que possuem signos de convergência que apontam para existências de sociabilidades gays na cidade.

A existência de um circuito de diversão gay nas cidades, como espaços construídos pelas existências deste grupo configuram e exprimem uma cultura própria, uma cultura gay como denomina Garcia (2013), formada de relações pessoais afetivas, desejanças, eróticas, e sexuais, estendendo-se por diversos grupos de gays nomeados como: bichas, viados, pederastas, homossexuais, homoeróticos, bissexuais, barbies, ursos, michês, *drag queens*, caricatas, transformistas, travestis, transexuais, cada qual com seus signos, suas performances, imagens, gestualidades, estética que formatam identidades que se articulam com espaços próprios.

Para uma compreensão mais acurada do que venho falando é preciso dialogar com conceitos de território e de mancha para situar melhor a boate MEET-MUSIC & LOUNGE no circuito gay da cidade. A noção de território que pretendo trabalhar aqui é aquela que fala de pensamentos e desejos, a partir daquilo que Deleuze e Guattari (1995) colocam como agenciamento maquínico de corpos, agenciamento coletivo de enunciação, desterritorialização e reterritorialização. O primeiro está relacionado a uma interação dos corpos humanos, animais e cósmicos. São as máquinas sociais e os possíveis atravessamentos que possibilitam

uma mistura de interações dessas modalidades de corpos na sociedade. O segundo se relaciona aos signos, aos significados que se concentram mais no campo do simbólico e é expresso na língua. O terceiro e o quarto estão relacionados a processos de desconstrução e construção. Desterritorializar é produzir linhas de fuga, alternativas, possibilidades, emergências sempre processuais que exemplifico como ritos de passagens que antecedem a ritos de iniciação. O rito de passagem seria o desterritorializar-se e reterritorializar-se seria o rito de iniciação que possibilita uma readequação dos espaços, dos corpos e das identidades em uma interação dialética e oblíqua. As reterritorializações possibilitam novos agenciamentos, ou seja, a construção de novos agenciamentos maquínicos de corpos bem como de novos agenciamentos coletivos de enunciação. Nesse sentido:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

Trabalhar alguns dos movimentos de desterritorializações e reterritorializações do perfil de público que figura na boate MEET, percebendo distanciamentos e aproximações, apropriações e desapropriações, bem como ressignificações de paradigmas da cultura heteronormativa dentro de um chamado circuito gay na cidade (Fortaleza) configura-se em um antigo desejo, devido a algumas inquietações que se tornaram mais concretas nas minhas férias do ano de 2012. Em algumas idas ao Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar, espaço social em que se verifica uma presença significativa do público gay local, no qual encontram em tal espaço certa possibilidade de reconhecimento, identificação e pertencimento, pude “vasculhar” de perto com meu olhar etnográfico como funcionava a lógica de situações que, embora já conhecidas por mim, teoricamente falando, ainda não haviam sido observadas e sentidas tão de perto. A presença no entorno do Centro de Arte Cultura de algumas boates e de barzinhos que proporcionam um encontro pré-balada<sup>1</sup> garante a esse público, diga-se de passagem, bastante heterogêneo “ser de fato quem eles pretendem ser”, usarem e abusarem de acessórios, de roupas, de um linguajar próprios e um lugar propício à “caça”, como alguns intitulam.

---

<sup>1</sup> espaço de tempo que antecede aquele que é experimentado no espaço físico da boate

Sentado em uma mesa de barzinho, comecei a atentar no movimento dos transeuntes e me veio como que uma espécie de epifania reflexões acerca daquilo que eu estava a observar. Como um bom observador, em outra oportunidade em visita ao mesmo local, ao longe já verificava o movimento de uma boate daquela região. Era um sábado e o movimento era intenso. Passos apressados caminhavam em direção à fila que já se aglomerava. De perto, pude perceber feições ansiosas e uma preocupação evidente com a *toallete*, que figurava no uso de maquiagens, lentes de contato, cabelos pintados, roupas justas, um número grande de camisas em gola em v, shorts curtos e justos, roupas evidenciando o apelo às marcas, uso de tatuagens, enfim, uma série de elementos que em conjunto compõem um visual particular, porém que como o próprio fenômeno moda não se desvincilha das influências do todo social. Percebi indivíduos que agregam elementos simbólicos de acordo com seu gosto particular, porém sem se desligar do meio social que ele está inserido, na tentativa compreender modalidades identitárias que alcançam nas possibilidades de performatividade dos corpos dos sujeitos e nas palavras MACHO (categoria associada aquele que, intencionalmente ou não intencionalmente, constrói uma aparência e a procura performar tomando como referência os signos que estão associados, na cultura, à figura do masculino), BICHA (categoria dissonante da primeira. Constrói, performatiza e ressignifica signos comumente associados ao feminino na matriz heteronormativa, confundindo, embaralhando. Também conhecido como VIADO, MONA...), DISCRETO (performance do MACHO), AFETADO (performance da BICHA, do VIADO...) a força máxima de expressão de que aí há lugares diferentes, há existências diferentes que precisam ser visitadas e cotejadas. De acordo com Del Priore (2011):

[...] o jogo dos modos de subjetividades que fazem e desfazem uma identidade, tecendo outra, desmontando e remontando os dados que definem o campo dos possíveis, agenciando, além disso, o direito e a capacidade, o texto e a realidade, as palavras e os corpos (p.272).

Diante da diversidade possível que se percebe em Fortaleza, envolvendo os sujeitos que formam o público gay no circuito da diversão desta cidade, e tendo situado melhor algumas questões, direciono minhas análises para o espaço da boate MEET – MUSIC & LOUNGE como um território material e simbólico marcado onde figura formas de sociabilidades gays que negociam espaços na casa, criando e recriando extensões de seu lar, de sua cama, de sua rua, de seu trabalho, de sua vida...

Percebendo que esse espaço tem vida própria e possui uma identidade que é expressa na escolha do bairro (localização), do público (um público mais seletivo), da música (de

“batida” mais contínua), das festas que ali são promovidas, do preço do ingresso, das bebidas, dos DJs como figuras que personificam estéticas diferenciadas próprias, dentre outros aspectos, iremos, em um primeiro momento situá-lo melhor, a partir das falas dos frequentadores da casa e daqueles que estão envolvidos diretamente na gerência da mesma e que com seus relatos pessoais, tanto feitos fora do espaço como dentro dele, procurando apreender percepções múltiplas do território dos MEETIDOS<sup>2</sup> de Fortaleza, bem como a partir de uma etnografia do espaço, dos corpos e performances que figuram no espaço da boate, fazendo um mapeamento dos tipos de sensibilidades que ali são construídas, moldadas e representadas em espaços da boate que lembram “avenidas”, “ruas”, “becos”...

A boate está localizada na Rua Coronel Jucá, 273, no bairro Varjota na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. O bairro da Varjota é conhecido como área nobre da cidade, concentrando grandes edifícios residenciais e comerciais, shoppings, cafés, restaurantes, lanchonetes, dentre outros espaços. Podemos afirmar, nesse sentido, que é uma área aformoseada da cidade.

A partir de informações coletadas no endereço virtual da boate, a casa abre semanalmente às 23 horas, durante as sextas-feiras, aos sábados e em vésperas de feriados. Dispõe do serviço de reservas de camarote e aniversários, sob agendamento prévio, sem cobrança para realização dos mesmos. A partir de vinte nomes. O aniversariante que levar trinta pessoas terá como cortesia uma *champagne* oferecida pela boate. Os convidados do aniversariante estarão sujeitos a pagar as seguintes taxas de consumação mínima: Sexta- R\$ 25,00 / Sábado e véspera de feriado – R\$ 30,00 de consumo.

Inaugurada em abril de 2008 e localizada na área nobre de Fortaleza, a Meet Music & Lounge é, hoje, **símbolo de sofisticação e conforto** para quem procura ferveção na noite mix de Fortaleza. O local, que já chegou a abrigar alguns dos **espaços mais bem frequentados da cidade**, está em uma posição estratégica, no coração da Varjota, bairro boêmio e conhecido nacionalmente por sua vocação para a boa comida e para o entretenimento noturno. Além disso, **a discrição e a segurança** externa da boate faz com que ela seja cada vez mais visada numa época onde tais vantagens são cada vez mais importantes para a diversão. Recentemente reformada por um dos melhores arquitetos cearenses, Rodrigo Maia, a casa conta com uma **ambientação diversificada e moderna**. A proposta visual pretende que o club seja o grande ponto de encontro e trânsito de quem faz a cena GLS local. Uma pista moderna com aparelhagem de ponta: jogos de luz, lasers, telões e som de última geração; um grande *lounge* para as horas de conversa e descontração e um bar

---

<sup>2</sup> Meetidos, é uma nomeação usada pelas proprietárias e por alguns frequentadores da boate Meet, para designar um público que se faz diferenciado, contribuindo, assim, para a criação de uma certa identidade tanto para a casa bem como para os sujeitos que ali emergem.

imenso planejado para a paquera; um ambiente externo com descansos e mesas para relaxar e uma discreta recepção que evita o constrangimento de filas externas: é a composição de um dos projetos mais organizados da noite cearense. Ao comando, a conhecida promoter Monah Monteiro, com sua história memorável de festas e boates que ficaram pra lá de marcadas no imaginário mix local; relações públicas assessoradas por Diego Baez e o mix de marketing organizado por Thalles Walker, grandes profissionais da cena GLS alencarina. A boate conta ainda com uma equipe super competente nos bares, na segurança e na infra-estrutura, oferecendo a seus clientes, além de uma qualidade impecável nas idéias e sacadas das festas, um **serviço personalizado e atencioso** em todos os momentos da balada. Nas pistas, a animação se completa com o som dos residentes das sextas-feiras: Diego Baez e Ferrucio Alisson; e dos sábados: Thiago Costa, Roberta Twiggy e Harry. Essa turma com experiência de várias festas e boates, aliada a uma legião de convidados especiais, vem se tornando a preferida dos amantes da house-music no Ceará. É ver e conferir. Além de sua força de trabalho própria, convém destacar as constantes parcerias feitas pela Meet. Entre elas, destaque para o portal Zona Mix; o site Pela Noite, fonte indispensável de informação sobre os bastidores da Cena G local e a coluna Cena G, do caderno Buchicho no jornal O Povo. Funcionando às sextas e aos sábados, com festas esporádicas aos domingos ou em dias regulares off-club, a Meet Music & Lounge oferece a seus clientes diversão completa e se firma cada vez mais como **melhor ambiente noturno da noite mix de Fortaleza**.<sup>3</sup>

Procurando desvelar a intencionalidade das expressões, dos signos que procuram construir e publicizar uma imagem, uma representação daquilo que vem a ser o espaço MEET, o site coloca-se como mediador, como ponte entre um público que existe, busca e é marcado por essas insígnias classificatórias de uma casa que é pensada para atender a uma demanda que vem crescendo, a dos Gays Discretos, a dos Gays MEETIDOS. Expressões, como “símbolo de sofisticação e conforto”, “espaços bem frequentados da vida” e “descrição e segurança” vão cartografando uma boate marcada por uma bioascese, uma micropolítica de poder sobre o corpo e suas sensações que encontra-se diluída no interior da boate.

A boate, nesse sentido, se erige, em um espaço demarcado, território pensado estrategicamente no mapa da cidade, na cultura da cidade. Nada é escolhido ao acaso. “Uma ambientação diversificada e moderna” intenta, sobretudo, criar territórios de sociabilidade possíveis no perímetro da boate, tornando possíveis experiências com o corpo que, para além dos muros da boate não são possíveis. Assim, o “melhor ambiente noturno da noite mix de Fortaleza” é escolhido cuidadosamente para um público dito “exigente”, detalhista e que se dispõe a pagar uma quantia por vezes até maior para vivenciar uma experiência singular, no sentido de ser única na cidade, e, sobretudo, discreta.

Para viabilizar esse “empreendimento histórico-etnográfico” (geográfico-etnográfico), apropriei-me de algumas fontes que me ajudaram a pensar melhor meu objeto, iluminando,

---

<sup>3</sup> Texto disponível no site da boate: <http://meetfortaleza.com.br/>



assim, algumas questões e desconstruindo, portanto, algumas noções de verdades que se apresentam prontas e acabadas, apropriando-me de qualquer tipo de reflexão que aponte para as pluralidades, as possibilidades...

A *priori*, duas fontes foram elencadas: fonte oral viabilizada a partir do método de entrevistas semiestruturadas realizadas com 08 sujeitos que se reconhecem enquanto homossexuais, mas vivenciam a homossexualidade de maneiras distintas e com as duas proprietárias da boate que nos possibilita perceber também intenções e desejos na perspectiva de quem pensa uma determinada lógica para o espaço e tenta a partir dela construir um tipo de imagem, de identidade da casa e do público.

A escolha das 08 vozes que dialogarão comigo no decorrer de minhas reflexões foi feita a partir de dois recursos do sensível do corpo. Primeiro, o exercício da percepção me ajudou na apreensão das formas, das representações que tornam possível um corpo está de um jeito e não de outro, ou seja, um corpo está DISCRETO ou não, um corpo está MEETIDO ou não. Porém, o uso dessa capacidade do corpo só tornou possível a identificação do Corpo do MEETIDO, marcado, na superfície e na performance, por representações apreensíveis. Já os outros corpos que não estão tão em conformidade com aquilo que é inteligível e possível de ser captado pela percepção, compreendê-los e identifica-los só foi possível ativando outra capacidade do corpo: a da sensação, aquela que capta o corpo como um campo de forças vivas. A presença viva da alteridade, nesse sentido, desses menos MEETIDOS ou dessas linhas de fuga que, de um modo próprio ressignificam o lugar ou passam por um trabalho reiterado que às vezes dura a noite toda para estar em conformidade com a representação performática do MEETIDO, ativa então outra capacidade do corpo: sua vibratibilidade. Assim, para conhecê-los se faz preciso re-conhecê-los e esse processo de re-conhecimento do outro só se torna possível a partir do instante em que nosso corpo sai do “coma”, da inércia e se abre para mundo, para o sensível, para o outro (ROLNIK, 2003).

A segunda fonte elencada é a etnografia, haja vista possibilitar uma vivência mais de perto, *in loco*, do fenômeno contemplado pela pesquisa. O recurso da etnografia torna possível essa ativação do corpo da qual mencionei mais acima. A partir da vivência de perto com outro, da observação do modo como esse outro se experimenta, experimenta o outro bem como o território no qual está imerso. A MEET, como um campo de forças vivas, sinaliza, atua, interfere diretamente em cima desses corpos, marcando-os, atravessando-os, cindindo-

os. Estar ali, estar junto, possibilita, nesse sentido, uma experiência de exercício e criação do corpo para perceber, sentir e viver, com o outro, sentidos e sensações dionisíacas, só possíveis a partir de tais mediações. O outro, assim, é o sentido de estar ali, pois sem o Outro, a MEET é só espaço vazio, pois ausente de vida e é essa vida que agita, que movimenta, que transmuta aquele lugar em devires, em conformidades que as subjetividades que ali são negociadas.

Como principal fonte elencada:

A história oral oferece menos uma grade de experiências-padrão do que um horizonte de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginadas. O fato de que essas possibilidades raramente estejam organizadas em [...] padrões coerentes indica que cada pessoa entretém, a cada momento, múltiplos destinos possíveis, percebe diferentes possibilidades e faz escolhas diferentes de outras na mesma situação. Esta miríade de diferenças (...) serve para lembrar que, além da necessária abstração da grade das ciências sociais, o mundo real é mais semelhante a um mosaico ou patchwork de diferentes pedaços, que se tocam, superpõem e convergem, mas igualmente acaentam uma irredutível individualidade”. (PORTELLI, 1997a, p. 88)

Tendo surgindo inicialmente nos Estados Unidos com um propósito de dá visibilidade e registrar os feitos de um grupo social restrito, composto por grandes “protagonistas” da história norte-americana, homens públicos que se destacavam na vida econômica, política e cultural do país, a “primeira geração” da História oral teve um caráter bastante positivista, influenciada, sobretudo, pela ideia de “verdade” corrente na época. Essa ideia de “verdade” histórica alcançou a escola Columbia History Office, na medida em que primava pelo relato de um grupo social específico, reduzindo as possibilidades de percepção e interpretação de uma determinada realidade histórica, alcançando e legitimando noções produzidas apenas por sujeitos de um determinado lugar social.

Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento, mas sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio aos conflitos e movimentos de feministas e sindicalistas de 1968. Pregava-se o “não-conformismo sistemático”, isto é, uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito (MATOS, SENNA, 2011).

A pesquisa também se enquadra em um tipo de pesquisa qualitativa. Penso também que o uso da abordagem enativa proposta por Varela (*apud* Barros, 2010) me foi útil no caminhar da pesquisa, haja vista minhas vivências se imbricarem com algumas das quais o grupo a que estou pesquisando vivencia.

Em outras palavras, não é possível, em uma abordagem enativa, conceber o objeto como independente do ato de pesquisá-lo. Como aqui a experiência está em primeiro plano, a abordagem enativa não pode se furtar à consideração da própria experiência de pesquisa na qual ela se vê incluída. Se a experiência mesma não é propriedade de um sujeito nem um objeto independente do ato de abordá-lo, conseqüentemente uma pesquisa baseada no conceito de enação difere da estratégia representacional, sobretudo por seu modo de proceder. Ao considerar sujeito e objeto como co-dependentes, a abordagem enativa implica uma estratégia de aproximação da questão a ser pesquisada que não é a da representacional, ou seja, que não supõe o objeto pesquisado como um dado a ser descoberto ou revelado, o que modifica os interesses da pesquisa, bem como o modo de avaliação de seus resultados. (BARROS, 2010, p.123).

A pesquisa foi realizada aos sábados na boate MEET MUSIC & LOUNGE, espaço escolhido a partir dos atravessamentos, gerados, sobretudo, pelos modos que tal lugar é visto e relatado por alguns homossexuais. O espaço foi escolhido, haja vista o mesmo ser reconhecido como um território frequentado por um público específico que, em sua maioria, a meu ver, partilham uma imagem de ‘ser gay’ na cena local. Tais sujeitos comunicam através dos signos presentes no todo indumentário, nos gostos, e, sobretudo nas maneiras de se apresentarem ao mundo uma ideia de pertencimento a um dado universo, compartilhado por eles e o motivo maior que os fazem semanalmente se deslocarem de suas casas até o espaço da boate. Deste modo, passei a compreender as existências de grupos gays e não de um grupo homogêneo gay. Cruzam-se aí heterogeneidades, atravessamentos e devires em torno desses sujeitos.

O caminhar da pesquisa foi marcado pelas muitas dificuldades enfrentadas em “terreno desconhecido”. No desconhecido residem signos implícitos que revelam fenômenos da vida social e modalidades de existência não corroboradas socialmente.

Minhas idas à boate foram marcadas por dificuldades. Sair aos sábados à noite para fazer pesquisa em um espaço que socialmente é associado ao lazer, ou a uma vivência de um tipo de sociabilidade gay que é autorizada só em determinados espaços da cidade, sendo você gay, gera-nos uma miscelânea de sensações que nos fazem pensar no que as pessoas estão a pensar sobre você quando te encontram acompanhado de um bloco de notas (diário de campo) e uma caneta e que é utilizada para fazer sucessivas anotações dos *insights* que a noite te traz, bem como a você perceber que há uma divergência de propósito entre o comportamento “metido” do pesquisador que se atreve a pisar em um território estranho e, de certo modo, não partilhar do espírito do tempo que torna a casa o que ela é e o se “meetido” do que vai a casa com objetivos outros que divergem dos propósitos mais habituais. Nesse sentido, a ideia do estranhamento é produzida a partir do lugar social de quem observa.

Como ferramentas também no percurso da pesquisa, utilizei meu diário de campo, no qual produzi anotações que me vieram como importantes. Empreguei, também, simultaneamente um gravador no qual foram gravadas as falas de alguns sujeitos envolvidos na pesquisa, etapa esta que procurei realizar, em alguns momentos, enquanto os mesmos ainda se encontrarem na fila, pois, no meu entendimento, é na fila em que o ‘evento’ se inicia. É na fila, observando os transeuntes, os que lá estão e o movimento compassado dos carros que o acontecimento configurado no ato de ir à boate se inicia. Deste modo, os métodos que me apropriarei tentarão dialogar uns com outros, na tentativa de captar uma forma de vivido que é experienciada nesse espaço a partir do jogo performático dos sujeitos.

Foram observados nessa pesquisa homens de 19 a 30 anos, que frequentam a casa noturna. Apropriando-me da entrevista como método, após o reconhecimento (observação do local e dos sujeitos envolvidos), pautei em torno das seguintes problemáticas iniciais:

1. De que forma o espaço social da boate frequentado por grupos gays interage com os corpos na produção de ressignificações territoriais identitárias?
2. Como, os frequentadores da boate MEET MUSIC & LOUNGE estabelecem a relação entre corpo e vestimenta na construção performática de suas identidades sociais?
3. Quais os símbolos materiais e imateriais compõem as diversas identidades de gays dos frequentadores da boate?
4. Que processos se configuram na boate como engrenagens de rupturas e de regulações sócio discursivas que formatam diferentes identidades gays?

Procurei também a partir da experiência em campo captar diferentes olhares acerca do meu objeto, a partir das três faculdades da alma apontadas como tal por Roberto Cardoso de Oliveira (1998), a saber: o olhar, o ouvir e o escrever do antropólogo. É deste modo que pretendo conduzir minhas observações, a partir da fluidez, pautando-me em uma ideia rizomática de conhecimento de Deleuze e Guatarri (1995). “O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades. O rizoma é a cartografia, o mapa das multiplicidades” (RODRIGUES, 2002).

As reflexões que se seguem procuram etnografar um território, um corpo e uma identidade que, em território meetiano torna-se um capital de valor, baliza sinalizadora das maneiras como esse corpo e essa identidade devem se apresentar e performar. A relação desse corpo-identificação com esse corpo-meet vai criando territorialidades e sociabilidades que são negociadas a partir das exigências do momento, da sinalização do instantâneo. O corpo em suas mais variadas expressões torna-se então alvo de controle e regulação por parte de si, dos outros e do próprio espaço que, como já foi apresentado, é dotado de vida, corporificadas na presença da fila, dos espelhos, do bar, do banheiro, do *music*, do *lounge* e das forças que não são possíveis de serem categorizadas, pois não se pretendem, encontram-se em sua fase gasosa, soltas no ar.

A problemática vai sendo então costurada no decorrer dos três capítulos que seguem, analisada e filtrada a partir do tripé território-corpo-identidade. É a partir do entrecruzamento dessas três forças que o empreendimento físico da boate transmuta os limites impostos pela calçada, pelos muros, pelo teto, pelo piso, pela luminosidade, pelos cheiros, pela música, pelo nome, pela boate como um todo para ser capturada, inicialmente, pela vibratibilidade do olho, depois pela vibratibilidade do corpo, alargando-se, estendendo-se, vibrando-se, distendendo-se, rompendo-se, recriando-se, tornando possível a apropriação do lugar sob outros pretextos.

O capítulo um se intitula **TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES MEET: ETNOGRAFANDO ESPACIALIDADE E SOCIABILIDADE GAY**. Nessa primeira parte procuro apresentar a Boate MEET sob três aspectos que me apontaram algumas questões no decorrer da pesquisa para se pensar o espaço da boate. Tais hipóteses foram vivenciadas e percebidas no caminhar da pesquisa que, somadas à compreensão da existência da boate enquanto um campo de forças vivas em constante transformação, possibilitou uma escrita que problematiza questões que são naturalizadas na lógica da sociabilidade que ali é vivenciada. O capítulo encontra-se dividido em três partes. **Uma Noite na Boate**, na qual irei me apropriar das informações colhidas no meu diário de campo, descrevendo as percepções e sensações experimentadas pelo corpo quando em território meetiano. Procurei remeter a essa parte do trabalho uma estética diferente, trabalhando uma escrita em primeira pessoa que garante uma proximidade maior daquilo que se vivencia. **“É na Fila onde o Evento se Inicia”: A Boate como um Território Estendido**, proponho-me a trabalhar o microterritório da fila como o lugar do meio, já que não é rua nem é ainda a boate. A fila como esse “entre” carrega tanto aspectos próprios da rua, da cultura (que seriam aqueles próprios da vida social fora da boate) bem como

aqueles que só emergem e têm sentido no interior da boate. ***Nice To Meet You: Encontros e Desencontros em um Espaço de Regulação***, aqui trabalho uma de minhas hipóteses sobre o território em questão que é sua natureza reguladora que se encontra diluída no interior da boate, objetivada em espaços da boate bem como nos espelhos que personificam ali o olho panóptico (FOUCAULT, 1984), vigiando, regulando... A vigilância apresenta-se personificada e objetivada. ***Meetidos de Ontem, Meetidos de Hoje: Mudanças e Permanências na Noite “Top” Gay da Cidade***, essa última parte do capítulo vou traçando caminhos que nos fazem pensar em uma boate-devir, marcada por mudanças, demonstrando que, embora as identidades MEETIDAS queiram pretensamente manter-se estáveis elas mesmas passam por processos de mudanças e ressignificações, fragmentando-se e fragmentando o território da boate, dando passagem a emergência de outras performances identitárias.

**CORPOS E PERFORMANCES ENSAIADAS: REPRESENTAÇÕES DE SI EM TERRITÓRIO “MEETIANO”** é o segundo momento do trabalho em que pretendo colocar em questão que modalidade de corpo é construída, apresentada e performatizada desde o momento da fila. **Representações de um Corpo MEETIDO: A Performatividade de gênero**, nesse primeiro momento procuro fazer algumas conexões teóricas e empíricas entre Corpo e Gênero, a partir do entendimento de que são instâncias diferenciadas. Uma máxima que me acompanha no decorrer desse capítulo é a seguinte: o gênero que faz o corpo do meetido ou o corpo dele que cria, que viabiliza um gênero? **“Homem com H”: A Roupas e o Estilo como expressão de um Corpo-Aparência Discreto**, a construção de uma aparência é significativa para pensarmos esse corpo social como uma extensão de uma subjetividade que, para existir, ou, para estar ali temporariamente precisa do auxílio de signos que atuem nesse processo de corporificação de uma identidade ainda marcada por traços, rascunhada, que ainda não “tomou corpo”. **Meu Corpo, minha salvação: Formas, Exibição e Voyeurismo**, aqui o corpo se torna o lugar do desejo, da apreciação a partir da dinâmica do ver e ser visto. O corpo que é malhado para ser apresentado, esculpido para ser revelado e, assim, alcançar o olhar do outro. **É possível falar de um Corpo Gay em Território Meetiano?** É possível falar de um “Corpo Gay MEETIDO”? E se sim, como esse corpo se engendra no território da casa? Que marcas são inseridas nessa forma de feitura de uma Corporeidade Gay Específica que emerge dentro do espaço da boate? A que signos ela se liga e de que modo ela pretende ser vista? Esse subitem colocará em questão se existe uma modalidade específica de Corpo no espaço da boate MEET, ou seja, se são ou não agenciadas, logo negadas, algumas modalidades identitárias, “dando corpo”, assim, ou ensaiando uma única existência possível.

**DISTINÇÕES IN E DISTINÇÕES OUT: IDENTIDADES NO ESPAÇO MEET.** Pensar o espaço MEET como um espaço do possível é considerar que, conjugadas a uma identidade que predomina no espaço da casa, outras pluralidades singulares vão negociando nas fronteiras outros espaços, expressos na presença de elementos novos, do estranho em um território marcado por iguais. Aqui nesse capítulo são trabalhadas duas formas de distinção: uma que é gestada entre os pares, ou seja, entre os gays masculinos que frequentam a boate e a outra que é gestada via sociedade heteronormativa. **Sexo, Gêneros e Sexualidades-Rompendo Fronteiras Identitárias,** são trabalhadas as três categorias conceituais do sexo, do gênero e da sexualidade, demonstrando que as categorias não são estanques e que cada uma tem existência própria, podendo até mesmo ser descategorizadas. **Identidades Gays: Possibilidades e Plasticidades:** É possível falarmos de uma identidade gay no momento histórico no qual estamos vivendo? Se existe essa modalidade identitária que converge uma pluralidade de sujeitos a um modo de vida comum quais são os elementos que tornam possível sua enunciação? O que marca uma vida gay? Será que é possível respondermos essas questões? **Entre Meetidos: mais, menos e nem tanto...** Mas, afinal, como se define a identidade MEETIDA? Na dinâmica atual da boate podemos dizer que há uma identidade MEETIDA ou identidades MEETIDAS plurais? O que torna uma identidade mais MEETIDA que outra? E quais são os embates que refletem a natureza dessas diferenças que são negociadas dentro de um mesmo espaço?

## **1. TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES MEET: ETNOGRAFANDO ESPACIALIDADE E SOCIABILIDADE GAY**

Esse primeiro capítulo é marcado por uma abordagem analítica que aqui é iniciada a partir de entradas nesse emaranhado simbólico corporificado na boate, ponto nevrálgico dessa pesquisa. Começaremos subindo a calçada, parando para observar a fila como um espaço objetivado, concreto, responsável por denunciar a existência de lugares sociais distintos, bem como de um *ethos* ou de alguns que ali são agenciados. Entendendo *ethos* no sentido proposto por Bourdieu (*apud* BAPTISTA, 2012) de princípios interiorizados e adquiridos que permitem a adesão de valores partilhados de determinado grupo social, podemos constatar a existência de um *ethos* da MEET que começa na fila, mesmo esta sendo externa e se prolonga ao seu interior, permitindo identificar um tipo de linguagem e postura corporal dos seus frequentadores.

Depois da fila, as portas, os caminhos são muitos que nos conduzirão até o espaço interno da boate, um sempre de algum modo tangenciando o outro e revelando que todo lugar estabelece uma certa ordem que funciona como uma espécie de fato social total, na medida em que é coercitivo, exterior e coletivo determinando no interior de um *locus* uma performance para os corpos e para as almas.

A percepção, a significação e a reflexão do espaço como produto de inter-relações, representam uma esfera de possibilidades que se encontram em permanente construção e se apresentam como uma educação para a vida, uma educação (do) sensível em que o corpo é *locus* da existência e a corporeidade é práxis de um conhecimento corporificado. O espaço como dimensão constitutiva admite a produção de engajamentos que se voltam para ação criativa e transformadora, assim como, à composição de novas espacialidades que recolocam o sujeito no interior do processo de significação do mundo revelando outras geografias (NUNES; REGO, 2011).

Os corpos definem os espaços e são definidos por ele. As corporeidades instituem micro geografias dentro de uma estrutura macro geográfica que é a boate. A corporeidade perpassa por diferentes escalas espaço-temporais, permite uma apreciação profunda de si, dos outros e da realidade do mundo. “É a mais íntima relação do homem com o espaço, deriva das relações que são estabelecidas entre o corpo e o ambiente, o corpo e outros corpos no espaço vivido” (NUNES; REGO, 2011). A boate, nesse sentido, como espaço possível de vivência de uma sociabilidade gay territorializa e desterritoaliza os sujeitos, imprimindo neles a insígnia simbólica do MEETIDO.

Logo, ser MEETIDO está associado a ritos de passagem e ritos de iniciação que reconfiguram corpos e identidades (representações de si) remodelando-os a partir de técnicas corporais que auxiliam na construção de um corpo, de uma identidade MEETIDA. A partir de vozes que ecoam na casa bem como a partir de uma análise etnográfica empreendida no lugar por alguns meses, pude verificar que essa modalidade identitária está estritamente associada à seletividade e ao ser discreto, ou machudo. Ser seletivo e está entre um público seletivo revela a existência de um *ethos* que se estabelece ali dentro e que acaba por simbolicamente homogeneizar os lugares sociais e as subjetividades que ali são construídas. O processo do monta/desmonta identitário é verificado a partir de jogos simbólicos que são negociados no perímetro da boate, que inclui não apenas o espaço da casa em si, mas a calçada que funciona como uma extensão do espaço da boate.

A fila se torna o espaço primeiro de trocas e de controle do corpo. O controle aqui está associado não só aos cuidados de si bem como de uma espécie de decoro social externo expresso no jogo de apresentação / representação de si. “Reina no domínio do jogo uma



ordem específica e absoluta... ele cria ordem e é ordem” (Huizinga, 2007). É preciso vigiar os comportamentos considerados mais “naturais” do corpo, educando-o, incorporando uma espécie de identidade prótese associada à "limpeza" e à discricção que são autorizadas no lugar. Comportamentos desviantes, corpos afeminados e feminilizados denunciam zonas inhóspitas daquele lugar. Elas existem lá e reconfiguram o lugar, ressignificando-o e ressemantizando-o, incomodando, fraturando e rompendo com a rigidez do local. Elas parecem dá vida, ou humanizar a vida, na medida em que se percebe que o espaço que deveria ser voltando para encontro (MEET- encontro em português) é também um lugar de desencontros, que são possíveis pelo escuro, pelo bar, pelos banheiros, pelos sofás, pelos queijos, pelo *music*, pelo *lounge*...

A corporeidade dominante como objeto ético-estético é importante como objeto de estruturação dos elementos que compõem o lugar. As regulações atingem seu ponto máximo no olhar do outro, na alteridade. Porém, são objetivadas também nos espelhos que são alguns no interior da casa (tanto no *music* quanto no *lounge*); no bar, que pelo fluxo de pessoas propicia olhares, proximidades, identificações ou abjeções; nos banheiros, que sob os auspícios dos sentidos, do movimento, da proximidade e da temperatura excitam os corpos, mas que na maioria das vezes, acabam por ser tomados pelo ascetismo, revelando a existência de uma moral que molda os comportamentos, as sensibilidades, os desejos, os corpos e as representações de si.

Representar significa mostrar, e isto pode se consistir simplesmente na exibição, perante um público, de uma característica natural. O pavão e o peru limitam-se a mostrar às fêmeas o esplendor de sua plumagem, mas aqui o aspecto essencial é a exibição de um fenômeno invulgar destinado a provocar admiração ( HUIZINGA, 2007).

O desejo é aqui compreendido como desejo maquínico, desconstruindo a noção de sujeito-objeto (aquele que deseja e aquilo que é desejado). O MEETIDO não deseja só parecer discreto, machudo <sup>4</sup> e seletivo, ele quer ao mesmo tempo sentir que ele está tudo isso que representa bem como ter a aprovação do olhar do outro, assegurando-lhe que aquela forma de subjetividade que está sendo agenciada está sob controle. O desejo aqui se relaciona a uma pluralidade de desejos que vão desde a construção de uma aparência que objetive por meio das roupas, das modelagens, das cores, dos nomes das marcas, dos óculos escuros, dos cortes de cabelo, dos bonés,..., um corpo social marcado pelo signo, pela linguagem à construção de uma subjetividade discreta, machuda e seletiva.

---

<sup>4</sup> aquele que performatiza o masculino, que redimensiona os signos culturais associado ao masculino. O machudo é o superlativo do masculino)

“É na fila onde o evento se inicia”: a fila como um lugar demarcado. Dedico um espaço específico para fila, pois fora ela a principal geradora de todos os meus tensionamentos, atravessamentos nesse local. A fila fala. A fila fala dos sujeitos que ali frequentam; a fila fala de suas vidas, de suas práticas, de seus gostos, do modo como se apresentam/ representam... A fila denuncia quem estão aquelas pessoas. Nesse sentido, parece que são criadas barreiras simbólicas que impedem a existência de uma sociabilidade homogeneizante entre os gays masculinos. Obviamente, existem as questões particulares, subjetivas atribuídas às especificidades de cada sujeito em questão, no entanto o que se observa também é a existência de muros simbólicos erigidos em torno desses espaços que atuam como espaços seletivos, desde o preço que se paga para poder comungar do mundo dos que ali estão, até normas simbólicas que são criadas para simular identidades que trazem em sua essência modelos de heteronormatividade, de atividade, expressas na tão ainda propalada figura do “macho” e sentidas ainda de um modo mais real nas insígnias, que serão apontadas na etnografia, e que, em conjunto, expressam processos de objetivação e corporificação de uma subjetividade gay naquele lugar. Assim, linguagem e posturas corporais, olhares, gestos, poses parecem estabelecer um jogo no sentido pensado por Huizinga (2007), como atividade própria da cultura, que se estabelece em diversos espaços sociais, com regras consentidas, envolvendo rito, ludicidade e estética, afirmando o jogo como:

[...] uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (HUIZINGA, 2007, p. 33).

A boate emerge, simbolicamente falando, como um espaço de experimentação de jogos que se relacionam com a construção de *ethos* dos meetidos e de sucessivas desterritorializações e de reterritorializações. Espaço de dor e delícias, a boate aqui é problematizada como um espaço de muitos lugares, com territórios demarcados, com ações e posturas previstas. A boate, nesse sentido, como um espaço aberto, de possíveis, cria e recria formas próprias de ser MEETIDO lá dentro, garantindo uma apropriação simbólica do termo a todos, porém com doses maiores para uns e menores para outros.

### **1.1. Uma Noite na Boate**

Várias noites de sábado foram momentos de realização de uma pesquisa etnográfica que começa na fila da boate, esperando o momento de entrar e se prolonga até altas horas observando e interagindo com os frequentadores. Com base no diário de campo resultante desse trabalho etnográfico apresentarei a descrição do que pode ser uma noite na MEET.

Chegamos à boate às 23h20min. Havia chamado minha amiga Janaina para me acompanhar nessa “imersão etnográfica”. Já fazia quase exato um ano que não frequentava a casa, ocasião do aniversário dessa minha amiga.

Ao chegar à portaria, identifiquei-me como pesquisador da UFC e pedi pra falar com a Andreia, pessoa a qual a Monah, sócia da casa, pediu que eu procurasse quando chegasse. Entramos e fomos revistados por outro segurança. Outro funcionário da casa, também segurança falou com a Andrea pelo rádio e logo fomos encaminhados até à recepção. Entramos no local e ficamos aguardando algum tempo. Enquanto aguardávamos, fiquei observando o espaço. Chama a atenção um espelho que revestia todo o espaço de uma parede e possibilitava os clientes da casa observarem a si mesmos por inteiro. Ficamos esperando mais um tempo para falar com Andrea. Estávamos impacientes, pois queríamos entrar na casa antes da entrada do público, pois, nesse sentido, poderíamos observar um pouco da dinâmica do espaço sem e com os corpos.

Depois de um ano sem frequentar o lugar, pude perceber, logo na configuração da fila a partir de uma observada rápida dos corpos que figuravam, percebi mudanças, pois os signos tanto materiais quanto simbólicos denunciavam tais emergências.

Era certo que havíamos chegado um pouco cedo. A casa ainda estava abrindo suas portas e, nesse sentido, possíveis questões de ordem técnica precisavam de tempo para ser solucionadas, como o caso das listas de convidados que ainda não haviam chegado. Havia uma fila pequena de aproximadamente cinco pessoas e já dava início a uma espécie de “jogo” de sondagem, paquera ou para exibição.

As regras já eram estabelecidas fora da boate. Alguns clientes pareciam ser jogadores que já dominavam as técnicas. Porém, os novos ficavam perdidos às vezes, o que não revela que os mesmos em algum momento desse jogo não iriam se encontrar em sua própria confusão. “Tensão significa incerteza, acaso. Há um esforço para levar o jogo até o desenlace. O jogador quer que alguma coisa vá ou saia, pretende “ganhar” à custa do seu próprio esforço” (HUIZINGA, 2007).

Enquanto isso, eu tentava explicar para uma das recepcionistas que nossos nomes estavam em uma lista separada, na medida em que estávamos isentos de consumação mínima. Porém, ela me respondia que nenhuma lista havia chegado. Insisti, ficamos aguardando... Finalmente, nossa entrada é liberada. Foram-nos entregues as comandas e repassadas às orientações devidas. Empurramos às portas que dava um acesso a casa e entramos. Ali eu tentava maximizar meu olhar, meu ouvir para, posteriormente, minha escrita ser reveladora das questões que eu viria a observar e a sentir no local. Era o momento de vasculhar aquele lugar com meus sentidos etnográficos.

Logo na entrada, Janaina me perguntou sobre a área externa que figurava logo à nossa esquerda. Demos uma observada rápida e voltamos para entrar na parte interna da boate. Apressei-me para ir ao banheiro, mas a nova configuração daquele lugar e o modo como ele me recebia e eu recebia a ele era diferente da época em que eu frequentava. Até chegar ao banheiro, comecei a travar uma relação com aquele local e ele começou a se revelar para mim. Eu, a priori, queria só ouvi-lo, perscrutá-lo para depois ter um pouco de legitimidade para falar dele. Achei estranha a presença de duas mesas de madeira, localizadas no centro das duas pistas da casa. Havia comentado com Janaina sobre. Seguimos ao banheiro. Eu já conseguia sentir uma espécie de estranhamento em relação não só ao ambiente, bem como com relação às pessoas que lá chegavam.

A ideia que eu tinha da casa na época em que eu frequentava estava sendo cindida, atravessada por uma nova que figurava ali diante dos olhos, revelando a emergência de novos sujeitos, de um novo lugar, de novas relações. Os corpos presentes me pareciam menos rígidos, o que não eram todos, mais soltos, digamos. O tripé corpo, roupa e atitude (comportamento) também já não era o mesmo. Os MEETIDOS de outrora me pareciam estar cedendo espaço para outros. Ou o espaço me parecia está se abrindo para o até então desconhecido, possibilitando, nesse sentido, um estar juntos. Entretanto, esse estar juntos me pareceu ter fronteiras, limites. Estar juntos não significa partilhar juntos. Dividimos o mesmo espaço, mas não partilhamos (simbolicamente) nem de signos materiais (roupas, sobretudo, imagem) nem imateriais (mais ligados à atitude, ao comportamento, à performance do corpo na boate). A casa dos MEETIDOS que antes se esforçava para construir uma imagem de si que se associava a uma vivência de uma forma de homossexualidade “limpa”, hoje parecia abrir suas portas para todos ou para outros. Naquela noite todos pareciam MEETIDOS, uns mais, outros menos.

Quando voltamos do banheiro, nos acomodamos perto do *lounge* da casa, onde podíamos visualizar melhor toda a casa e nos ajudaria, pelo menos a priori, a manter certo distanciamento. Eu estava com meu diário em mãos e vez por outra fazia alguma anotação, receoso de perder alguns insights que me chegavam. Pedi a Jana para fotografar o espaço enquanto ficava observando a casa tomando outra configuração. Antes, vazia. Agora, com corpos. Corpos que pareciam falar em toda a sua extensão. Havia ali um jogo começava na aparência, mas que não se limitava só a ela, pois conseguia ir mais a fundo. No fundo das aparências existe toda uma rede de signos que a sensibilidade antropológica nos ajuda a perscrutar. No banheiro, pude perceber imagens de corpos sarados estampadas nas portas de cada cabine, fazendo referência a uma festa que seria realizada pela casa no dia 12 de outubro na barraca biruta. Atlantis era o nome da festa. Porque perder também é se achar.

Mas, voltando... Continuamos a observar os espaços da casa. O *lounge* que figurava nas nossas costas, possui um bar, uma grande poltrona vermelha com alguns assentos, 2 mesas centralizadas, tendo cada uma 4 pufes com cores iluminadas. O espaço possui um espelho que cobre toda a sua parede de fundo e possibilita certa regulação dos corpos, bem como de suas imagens. É importante falar disto, pois ali uma figura uma preocupação em sempre manter preservada, por parte de um público que está estritamente associado à imagem da casa, a representação de um tipo de homossexualidade que tem como referências as noções de centro, entendendo o centro como o espaço do homem branco, heterossexual, ocidental e de classe média urbana. O centro ali permanece e continua sendo importante e sedutor como na sociedade heteronormativa que estamos imersos, porém vem sendo ocupado pelas margens. As margens têm dividido seu lugar com o centro e tem ressignificado aquele lugar.

Há também no *lounge* duas tvs led que ficam exibindo clips de músicas ... Ficamos ali algum tempo. Eu ainda queria saber o porquê daquelas mesas de madeira que figuravam no centro das duas pistas. Queria saber com que propósito elas estavam ali. Janaina, vendo minha aflição, foi perguntar ao segurança e eu acompanhei. Eu interrompi sua fala, identificando-me como pesquisador e ele me explicou que elas serviam como suporte para a apresentação dos gogo boys, o que não acontecia todos os fins de semana. Intuitivamente, imaginei que naquela noite não iria ter performance e de fato não houve. A casa ia enchendo. Pedi a Janaina para comprar bebida para gente enquanto eu me detinha a observar. Nesse ínterim, aproximou-se de mim um homem de aproximadamente vinte e oito anos, de barba, meio forte, com uma roupa bem peculiar (uma espécie de malha encorpada que sugere uma valorização e preocupação em evidenciar um corpo malhado, sarado) e começou a puxar assunto comigo.

Disse que me conhecia, que havia visto uma foto no meu perfil de uma rede social na qual eu aparecia com uma barba azul, foto tirada em ocasião de um editorial de moda que participei. Não recordo bem as perguntas que ele me fez naquela noite, porém lembro-me que eu quis deixar claro que estava pesquisando naquela noite, logo estava ali como pesquisador, o que não sei se foi compreendido por ele.

Janaina chegou e ele continuou lá, porém como havia ido com minha amiga estava me sentindo desconfortável em deixa-la sozinha. Lembro-me de um comentário que ele fez sobre o fato de eu estar pesquisando e bebendo naquela noite e eu respondi que a bebida ajudaria a perceber alguns fenômenos, funcionando como uma espécie de catalisadora de reações, aguçando minhas sensibilidades. Eu, em um ímpeto, disse que depois nós conversaríamos, pois não queria deixar minha amiga deslocada. Ele perguntou se aquilo era um fora. Eu respondi que ele interpretasse como quisesse e que em outro momento da noite nos cruzaríamos e voltaríamos a nos falar. Ele se apresentou como Adriano Tomate e disse que estava com a galera do José Walter, apontando. Eu disse que tudo bem e ele se foi. Comentei com Janaina o ocorrido e ela achou engraçado o modo como ele se apresentou.

Janaina me fez atentar para o fato de que logo que as pessoas chegavam elas iam em direção ao bar. Percebi também certo esforço por parte de alguns para atraírem olhares e serem percebidos de uma forma quase que antropofágica. Percebia outros curtindo a noite, o espaço, os amigos, a música... Alguns passavam certo tempo se observando em um dos espelhos que figuravam em uma das pistas, dividindo a atenção com os amigos ou, simplesmente, só consigo próprias, em uma espécie de busca narcísica. A performance dos corpos no espaço, bem como as indumentárias faziam orientar minha sentidos para aquele lugar, que se revelava, a partir de alguns agenciamentos e paródias, como um lugar de erupções sucessivas. Erupções nos corpos, que ao adentrarem naquele lugar, eram tomados, em todos os seus sentidos, pelo som da música, pelo jogo do olhar e do ver visto, pelo cheiro característico do lugar, pela iluminação que possibilitava um equilíbrio pautado na vigilância de si, reforçando formas de representações que eram moldadas para estrear ali e em certa fluidez dos corpos. Não podemos nos esquecer de que esse lugar é um lugar de convivência entre centro e margens. Um lugar do encontro, da caça, dos gays *cults* e “limpos”, mas também dos estranhos, dos afetados, das “passivonas”, dos que incomodam, dos *queers*.

As roupas iam das mais combinadas de jeans com blusas de marcas, característica dos tradicionais frequentadores da casa ao uso de camisetas, chinelos, sapatilhas, bermudões,

bonés que exprimem uma reconstrução, na incorporação de outros clientes. As feições ansiosas, os olhares direcionados constantemente aos espelhos, a ida repetida vezes ao bar, os olhares apressados, o uso constante dos celulares na noite, seja para registrar a experiência do instantâneo, seja para sinalizar que estamos em rede, a dinâmica dos corpos e das aparências no banheiro, é reveladora de questões que estão no fundo dessa superfície, dessa maquiagem social que é feita com cuidado para não ser borrada, pois uma vez borrada os poros ficarão a mostra e revelarão sujeitos que a noite, a representação e a performance tentam simular.

Ficamos em um lugar estratégico, pois me possibilita observar o espaço de um modo mais completo, vendo o traslado dos corpos das pessoas ao bar, aos espelhos, o comportamento que assume esses corpos na noite, e, se de fato, eles conseguem fazer jus ao modo como são intitulados. É interessante perceber a dinâmica não só dos corpos nesse espaço, bem como do próprio espaço e de sua transitoriedade, revelando seu caráter móbil e plástico. Território-plástico. Territorialidades-plásticas. Relações-plásticas. Corpos-plásticos. Aparências-plásticas.

A casa foi enchendo e comecei a observar os corpos que ali iam se corporificando. Percebi dois rapazes, aparentemente, com perfis mais “discretos”, me observarem e tentarem se aproximar de mim algumas vezes, porém eu me esquivava, sobretudo por conta de que eu estava sozinho e isso não me dava muita segurança. Um andava de um lado para o outro, mexia no celular, voltava a olhar para as pessoas, ia ao bar, comprava bebida, retornava ao bar, ia à parte externa, voltava, se aproximava de algumas outras pessoas, permanecendo assim até o horário em que eu fui embora. Já o outro, seu comportamento me chamou também atenção. As roupas de ambos, bem como de todos ou quase todos que ali estavam expressavam ou reforçavam os signos uma “limpeza” e “discrição” na representação do ser gay. Blusas gola polo, de tecido plano, cores mais sóbrias, o look calça jeans/bermuda, camisa de malha e/ou plana é o mais recorrente.

O espírito do tempo agora me parece outro. O espaço normatizador, disciplinador e controlador parece abrir suas portas de detrás para outras emergências identitárias. Estar na casa já dá essa chancela para alguns. Se estou aqui, logo sou MEETIDO. O que não se concretiza nas relações que ali são estabelecidas. Os menos MEETIDOS parecem ficar à margem em alguns momentos. Os “corpos não disciplinados” à lógica do local ainda recebendo dardos inflamados de um público que insiste em “limpar” a casa das bichas afetadas da cidade para não serem associados às mesmas. Dividir um mesmo espaço já parece

demais, quando se percebe corpos perambulando no espaço à procura de seus pares. Chego a considerar essa afirmação quando tenho ouvido repetidas vezes expressões que dizem: “o nível da casa baixou muito”, “a casa recebe um público mais seletivo, tipo advogados, médicos”, a MEET é um lugar *cult* de uma sociabilidade gay”, “o movimento anda fraco”(falas da senhora que vende bebidas que mencionei mais acima e do taxista que me conduziu até minha casa). As opiniões convergem em muitos aspectos, sobretudo quando associam o lugar à “seletividade” do público, como um lugar onde se pode encontrar pessoas bonitas e bem vestidas, de pessoas que se passam, bem como particularmente, como um lugar de pessoas “discretas” e machudas. Vendo de perto os fenômenos que ali se misturavam, pude perceber que novos agentes estão surgindo, que a identidade da casa tem sofrido fissuras que certamente são propositais e constituem uma estratégia de negócios que serão verificadas a posteriori, em outro momento da pesquisa.

A presença marcante de mulheres também remete um novo tom a casa, embora o público que seja marcado ainda notadamente por homens. Pude perceber uma mistura entre o público “tradicional” e o “atual”. Quanto aos corpos, senti uma fluidez maior, mas que ainda respeitava as fronteiras do lugar. Um corpo parecia destoar dos outros. Um corpo mais solto, que dançava com certa “liberdade”. Liberdade que ultrapassava em algum grau as fronteiras e que causava estranhamento. O corpo parecia não atentar para isso. Estava despreocupado. Parecia estar ali para dançar e caçar. Algumas vezes o via olhando para outros corpos que ali estavam, porém, aparentemente, sem nenhum “retorno” positivo. Mas o que mais me tocou nesta noite não foi este corpo, mas outro.

Havia ali um homem mais idoso, um “corpo velho”. O corpo velho dançava, não se importava, caçava... O corpo velho era MEETIDO. Mas para alguns esse corpo não era tão MEETIDO assim. Ele perambulava nos espaços. Observava quase que como um antropólogo que procura se aproximar o mais próximo possível de um mundo que parecia não ser o seu. Ao seu lado, figuravam outras modalidades de corpo que atendiam até certo modo o *ethos* do MEETIDO. Até a hora em que estive na casa, vi poucos corpos ousarem, se despirem do *ethos* MEETIDO para se vestir do seu *ethos*, que configuraria em uma construção de si mais próxima daquilo que se é do que daquilo que se quer representar.

A casa vai ficando mais animada com o avanço da noite, as pessoas ficavam mais EUFÓRICAS, mas a MEET me parecia naquela noite ser o lugar do encontro. A boate ficava pequena frente aos corpos que pareciam desempenhar outra performance, diferente daquela



que identificada em outras noites. O *voyeur* estava ali, mas junto dele dividiam e comungavam aquele espaço não só o sujeito-observador e do distanciamento, mas o sujeito da práxis, da proximidade, do contato, do toque, do beijo, da pegação. As “courageiras” que revestiam os corpos dos MEETIDOS também estavam ali. As identidades, pensando de uma forma holística, ainda não haviam passado por um estado de metamoroseamento. Ali grande maioria ainda eram lagartos. Havia poucas borboletas, mas havia. O casulo revestia os corpos e tornava-os inexpressivos, quase como manequins frígidos e pálidos exibidos em algumas vitrinas. Os manequins que emergiam ali eram múltiplos. O local reconfigurava a atuação desses manequins que ora assumiam a função de lagartos no casulo, ora borboletas que “voavam” de um espaço a outro da casa, demarcando territórios de existência, denunciando nas mais tênues manifestações estabelecidas entre espaço-corpo/corpo-corpo que o encontro era uma espécie de pretexto para o jogo que ali iria se estabelecer. Jogo de trocas simbólicas, em que territorialidade do lugar definia e criava uma territorialidade dos corpos, territórios de existência que contribuía para algumas formas de agenciamento que se engendravam.

As mesas que figuravam nas duas pistas da casa, denominadas de queijos, conforme me relatou umas das proprietárias e promotor da casa Monah Monteiro, estavam cumprindo desta vez uma de suas funções utilitárias. Os queijos não são tão altos, permitindo que sentemos em cima deles e ainda consigamos tocar o chão com os pés (no meu caso, tenho 1.79m e consegui). Isso a meu ver é bem simbólico e intencional. Há aí uma dupla relação de proximidade e distanciamento dos corpos em questão. Para eu situar melhor o que estou falando, os queijos têm uma “função” na casa de tornar possível tanto as apresentações dos gogo boys (a casa possui três contratados) bem como do próprio público que frequenta a casa.

Nesse sentido, “subir no queijo” e assumir uma performance ali em cima tanto é capaz de dar visibilidade a quem ali se apresenta como ocultar, passar despercebido, ser ignorado... Os queijos, para alguns, representam ascensão. Achei interessante “ouvir mais de perto” meu objeto. Para isso, fui me aproximando de algumas pessoas, explicando rapidamente que eu estava fazendo uma pesquisa e interpelando-as de algum modo sobre aspectos da casa e do público, que as incluía. É interessante perceber o comportamento das pessoas quando as interpelamos. O aproximar-se, o tocar são significantes que convergem para um significado de interesse ou apropriação do outro. Comumente, certos corpos se sentem “ameaçados” quando solicitados por motivos que podem ser dos mais variáveis possíveis.

Continuei a caminhar na boate em lugares que lembram ruas, becos e vielas da boate, tentando sinalizar o que mais elas poderiam me dizer. Eu sentia que precisava continuar

interpelando não só o lugar como as pessoas. Decidi ir com minha amiga até a área externa (também área de fumantes) da casa. Chegando lá, encostamo-nos em uma das paredes onde havia uma espécie de um balcão de pedra. Sobre esse balcão havia dois baldes de bebida com alguns gelos. Um ocupado e outro vazio. De repente, se aproxima um homem. Penso eu que ele deva ser o dono daquelas bebidas e me ponho a conversar com ele. Falo rapidamente da pesquisa, enquanto ele me observa de um modo meio disperso. Na medida em que me observava, olhava também e sinalizava muito bem isso tudo o que acontecia ou todos que aconteciam no nosso entorno. Devia ter em média quarenta e poucos anos. Começa falando da bebida. Nada mais apropriado falar em bebida quando a mesma personifica tudo aquilo que parece estar ausente ali. Na ausência de pessoas, a bebida parece representar, em alguns casos, também companhia, presença. Ela sinaliza objetivos, lugares sociais. Ele diz que o motivo que faz ir a casa é porque gosta de bebida. Confesso que achei a resposta meio indefinida. Sentia que não era aquilo. Havia algo mais. Parecia que as pessoas interpeladas fugiam de algumas respostas, pois quando falamos nos revelamos. E nem todos querem falar de si, pois às vezes falar de si aponta fragilidade, demonstrando regiões inóspitas da personalidade do sujeito que ele se esforça para não evidenciar. E para isso, se utiliza das representações que melhor expressam uma espécie de eu desejável e desejado. Para se acalcar tal configuração, tudo é válido. As identidades apresentam fluidez. Montam-se e desmontam de acordo com suas pretensões e conveniências. Há nesse processo todo um trabalho com o corpo, com a imagem e as representações de si. Ele segue falando que um elemento que não agrada na casa é a futilidade das pessoas. Quando pergunto porque ele continua freqüentando, sinto que mais uma vez ele cai em contradição, revelando que gosta de ver a futilidade das pessoas. Então me interpelo: o que é ser fútil nesse espaço? Ou melhor, o que é ser fútil para ele?

Retorno à parte interna da casa. Fico tonto por um instante e percebo que um homem se aproxima de mim, pensando certamente que iria cair. Ele justifica isso em sua fala. Agradeço e retomo observar o observar acompanhado do meu amigo Nilo. Percebo que ele me olha algumas vezes e eu retribuo o olhar. Já o conhecia de outros espaços da cidade. No passado, minha irmã havia tido uma experiência com um amigo seu, mas certamente ele não lembrava. O tempo passa. Observando as pessoas encontro alguns rostos conhecidos. Pessoas que de algum modo fizeram parte de meu passado. Algumas falam comigo outras fingem não me conhecer, o que encaro com certa naturalidade, haja vista ter ciência de que essa é uma das dinâmicas que se estabelecem nesses espaços. Ele se aproxima e começamos a conversar. Interrompo, em algum momento, sua fala e adentro na pesquisa. Por um momento, pensei que

aquele moço teria algo interessante a me dizer. E de fato eu não estava errado. Pomo-nos a conversar. Começamos a falar da natureza do ato de pesquisar.

Enquanto eu pareço um pouco prolixo, por vezes confuso, ele parece pragmático. Se dizia mestre em Design. Ele apresenta o lugar como um lugar possível de sociabilidade gay. Um lugar para paquerar e se divertir com os amigos. A conversa poderia ter continuado, mas achei melhor continuar minha imersão. Afinal de contas, precisava observar outros fenômenos, outros sujeitos... Pude confirmar que a presença dos gogoboys na casa reconfiguram o lugar e os corpos, subvertendo alguns códigos e possibilitando a experiência do encontro, azaração, diversão ou simplesmente estar ali, observando.

O espaço da boate parece cristalizar signos no imaginário coletivo que estão associados, pelo menos a partir de observações a nível local, como o espaço da “passassão”. Lugar onde as pessoas vão para se passar. Sem beijos, sem toques, sem proximidades, eu aqui, você lá. A figura do *voyer* ganha força em um local ainda marcado por formas diferentes de segregação. Literalmente marcado por espaços diversos que se fazem *avenidas, ruas e becos* que são reconfigurados e ressignificados a partir da dinâmica que os corpos lhe imprime. É possível dizer, nesse sentido, que uma expressão disso são as listas da casa, a proximidade com alguém que possua certa influência para facilitar o acesso como as donas, os DJs; “ parecer amigo” das donas configura um capital simbólico. Aparecer em fotos, beber juntos se torna um objetivo mais real na vida de alguns sujeitos que a própria realidade da vida dos mesmos. Se bem que para alguns ser real é o parecer real. Assim, todo um estilo de vida, todo um *ethos* passa a ser perseguido e objetivado nas bebidas, nas blusas da marca x ou y, nos lugares que se frequênta, na música que se ouve, enfim...

## 1.2. “É na Fila onde o Evento se Inicia”: A Boate como um Território Estendido

Na fila eu já chego e vejo todo mundo fortinho. Aí eu sou meio magro, aí eu olho assim e já me sinto meio diferente. Aí o pessoal muito sóbrio... Daí eu chego e sinto meu corpo meio diferente lá. Eu sou magro e o pessoal é meio sarado. Aí eu me sinto diferente na roupa. Aí quando eu entro lá, eu me sinto diferente na atitude também. O pessoal de lá não, sei lá, eu acho que não dança muito. A maioria não. Tens uns que dançam sim, mas eu acho que a maioria não dança muito. As pessoas vão lá mais pra se olharem. As pessoas lá são meio contidas. E eu não sou muito contido. Eu me mexo mais, eu danço (Entrevista. **Adrian Brasil**, Fortaleza- CE, 20. Ago. 2013.)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Adrian Brasil é DJ, estudante de moda e antigo frequentador da boate MEET.

Pensar a fila como elemento imprescindível de uma comunicação e apresentação de si, dada a priori, gestada antes de se adentrar na casa, revela dinâmicas estabelecidas entre um mundo externo e um mundo interno. A fila atua como espaço intermediador entre mundos, construindo modalidades corpóreas e performáticas que começam a denunciar tipos específicos de existência que emergem naquele espaço. Logo, é possível perceber que tipo de subjetividade vai sendo esboçada naquele território que funciona como espaço estendido da boate.

Demarcando a fila como um lugar de disciplinamento e regulação dos corpos e aparências, percebemos como as representações de si naquele local passam a ser educadas e trabalhadas para se aproximarem aos tipos de representações que lá dentro são chanceladas. Pensar a fila como o lugar do meio possibilita presumirmos a emergência de técnicas regulatórias que mesclam regulações estabelecidas no ambiente interno da boate e regulações que são gestadas no interior da vida social. As sanções simbólicas, respostas de inadequações ou subversões às regras que ali são instituídas carregam, nesse sentido, signos valorativos produzidos tanto no campo de dentro (da boate) como no campo de fora sob os auspícios da luz do dia e de realidades de existências diferentes daquela realidade que ali é experienciada.

A lógica da fila começa por dividir os corpos em duas filas: a fila daqueles que estão na lista de convidados e a fila dos que não estão. Por serem de naturezas diferentes, o trânsito dos corpos em ambas as filas se dá de maneira diferente. “Estar na lista”, nesse sentido, parece carregar um peso simbólico. Como lugar de espera, de trânsitos e regulações, a fila não funciona como espaço da rua, mas como espaço entremeado, extensão da boate, pois é ali onde são iniciadas as primeiras trocas simbólicas dos sujeitos, com seus corpos, com o outro, com o espaço, com as apresentações / representações que fazem de si, ressignificando seus corpos, suas aparências, seus lugares...

A fila configura outra técnica disciplinar. As fileiras transformam o espaço em que são individualizados os corpos de forma organizada e homogênea, em uma ordem que além de localizá-los, os distribuem no espaço de maneira que exista também uma relação com os outros, por exemplo, organizando-os por ordem de tamanho ou pela separação de meninos e meninas em duas filas (MENESES; SOUSA, 2010).

O controle dos corpos marca presença aí e esses corpos começam a ser regulados pelo eu, pelos outros, pelos espaços... O olhar, a expressão do outro vai atuando de forma seletiva, marcando quais representações que são projetadas naquele espaço estão em conformidade

com os signos de "discrição" que ali se impõem. Ser discreto, nesse sentido, é o mesmo que "não dá pinta", é "ser quieto", é "ficar na sua". "Ser discreto" está associado ao "ser machudo".

Buscando neutralizar o potencial subversivo dos múltiplos fluxos que constituem o inconsciente como equipamento coletivo (Guattari,1990), o poder reduz as forças do corpo aos territórios constituídos a partir de seus encontros com as forças que o dobram, conferindo-lhe assim uma forma, uma previsibilidade e uma sensibilidade moderada, as quais esgotam as possibilidades criadoras da vida (PEIXOTO JUNIOR, s-d).

A representação de si apresenta-se como ato primeiro de significação de si. As subjetividades são criadas, moldadas, trabalhadas, educadas a partir de técnicas corporais de controle dos corpos, das aparências, e das identidades que passam a impor limites entre um estar fora daquele espaço e um estar ali, criando signos de permissividade e legitimidade. Nesse sentido, os ritos iniciados em casa, quando na escolha da roupa e da imagem que melhor definiriam as representações de si que querem ser expressas naquele momento e naquele lugar, continuam seus fluxos e processos de montagens e desmontagens sucessivas que são agenciadas de acordo com as exigências do momento. O lugar na fila acaba por ser determinante nesse processo, pois dependendo do lugar ocupado o sujeito passa a ser alvo, em maior ou menor grau, do crivo do olhar.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação. (...) A disciplina, arte de dispor em fila, individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2002, p.125).

O corpo-performance-representação do MEETIDO começa um aprendizado de práticas que o tornarão aceito, habitável naquele lugar de "iguais". A identidade do MEETIDO apesar de ser pós-moderna ainda apresenta noções típicas das identidades modernas, apresentando aspectos rígidos em sua estrutura de formação e apresentação. Estabilidade. Coerência. Fixidez são aspectos dessas modalidades identitárias que limitam uma conformação mais fluida que os corpos poderiam atingir no espaço/território, reduzindo, assim, suas dimensões performativas. O controle passa a residir não só no lugar nem no olhar do outro, mas, principalmente, no olhar que o sujeito passa a ter de si, escrevendo-se, apagando-se, esquadrinhando-se, desarticulando-se, recompondo-se, disciplinando-se...

[...] o campo de batalha foi, em certo sentido, transportado para dentro do indivíduo. Parte das tensões e paixões que antes eram liberadas diretamente na luta de um homem com o outro, terá agora de ser elaborada no interior do ser humano (...); um padrão individualizado de hábitos semi-automáticos se estabeleceu e consolidou (no homem) um superego específico que se esforça por controlar, transformar ou suprimir-lhe as emoções de conformidade com a estrutura social (ELIAS, 1993, p. 203).

A fila como elemento modulador da identidade cria junto com os corpos as regras do jogo simbólico que ali se inicia. Cada participante vai tomando seu lugar no jogo e dá início à partida. O jogo apenas começa na fila, mas só termina quando o último participante abandona a boate. Porém, como todo jogo há regras, aqui não acontece de maneira diferente. Há alguns aspectos que prefiguram ao jogo e são essenciais para sua realização. Primeiramente, o jogo só acontece quando em coletividade. Quando há dois ou mais presentes, o jogo pode começar. O jogo então está associado a um "estar juntos", a uma experiência que só se efetiva no social. O campo da fila agencia jogos entre as identidades que ali vão sendo formatadas e reformatadas. Jogos que são criados e que criam identidades prontas para o uso que só passam a existir na lógica do encontro.

(...) os jogos são sempre caracterizados por regras, quer elaboradas durante o jogo, quer determinadas antecipadamente. Todos sabemos o que são, ou podem ser tais "regras". O espectro objetivo de "regras literárias" é considerável, indo de formas de linguagem poetologicamente codificadas a hábitos especiais de comportamento comunicativo (...) É evidente que os jogos necessitam de regras porque eles não fornecem aos jogadores motivos claros para guiar o seu comportamento (GUMBRECHT, 1998, p. 119).

Outro aspecto regulador que o jogo impõe está relacionado à emergência de capitais simbólicos que acabam por eleger dentro da dinâmica do jogo os jogadores "mais fortes" dos "mais fracos". O corpo e a representação que se faz de si atua como carta curinga, possibilitando o trânsito "seguro" dos corpos em cada metro quadrado da boate. Aqui o tripé corpo-aparência-performance contribui para fazer uma espécie de seletividade "natural".

Uma "regra do jogo" é o suficiente para nos fazer gozar. O espectador se queima de "viver", maior a representação: não se trata mais de "projetar", de "se" projetar; não, é preciso passar do imaginário ao "real" e assegurar que os corpos em representação sejam "verdadeiros corpos", tomados numa performance não simulada. No auge do triunfo do simulacro, espera-se um espetáculo que não mais simule (COMOLLI, 2011, p. 127-128).

Todo jogo também apresenta jogadores veteranos bem como aqueles que agora estão aprendendo a manipular e interiorizar as regras do mesmo. Nesse caso, não dá para precisar

quais os espaços no jogo dos cativos e dos novatos, na medida em que esse aspecto apresenta certo grau de fluidez que está relacionado "ao que está por detrás do jogo", ou seja, as intencionalidades e as situacionalidades que precisam ser perscrutadas pelos atos cognitivos do olhar, do ouvir e do sentir.

O outro como peça fundamental dessa engrenagem possui instâncias ou faculdades que merecem ser elucidadas para se compreender melhor como um corpo interfere na atuação (comportamento) de outro corpo no território da fila. Os olhos, os ouvidos, a boca, o nariz, a cabeça, o corpo e as suas possíveis interconexões reconfiguram a todo instante os espaços da fila e os espaços dos corpos. Ali é notório que há espaços que são ocupados por corpos, que há um território que é tocado pela planta dos pés dos sujeitos e ocupado por toda a extensão de seus corpos que, a partir de suas performatividades, esticam-no, comprimem-no, ampliam-no, engessam-no, libertam-no, tohem-no, normatizam-no, controlam-no..., criando novos sentidos para aquele lugar que é sempre marcado por transitoriedades.

[...] Os agentes e os grupos de agentes são assim definidos por suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está situado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas (isto é, numa região determinada do espaço) e não pode ocupar realmente, mesmo que seja possível fazê-lo em pensamento, duas regiões opostas do espaço [...] Pode-se descrever o espaço social como um espaço multidimensional de posições tal que toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes. (BONNEWITZ, 2005:53).

A fila como espaço intermediário, o meio, não é rua nem a boate, mas um lugar de passagem onde a regulação se inicia, as aproximações e identificações que vão balizar o corpo a emergir no interior da boate, preparando para o jogo. A penumbra da fila também é meio, pois não é nem o claro da rua nem o escuro da casa. Portanto, a fila como o entremeio revela uma identidade MEETIDA incompleta, ainda em subjetivação, sujeita as condições do meio: cheiros, sensações, percepções, trocas, jogos, olhares, regulações...

### **2.3. *Nice To Meet You: Encontros e Desencontros em um Espaço de Regulação***

[...] olhar minucioso. [...] os olhos de cima [...] olhando para [...] olhou [...] os dois olharam [...] olharam-se [...] olhou de esguelha [...] olhou para ela [...] olhou docemente [...] os olhos de um velho [...] olharam para [...] olhares com um esforço crescente [...] olhos postos [...] olhares atentos e contínuos [...] olhando [...] olhem [...] um rápido olhar ao interior [...] olhava-a [...] olhavam para [...] os olhos [...] olhando o [...] olhou-o de cima [...] olhou-o rápido [...] devolver o olhar [...] se olhando [...] olhavam por um longo tempo [...] olhavam diretamente [...] seu olhar

[...] olhar do cobrador [...] voltada para trás e olhava [...] olhava-a inexpressivamente [...] olhar teimoso [...] olhava de um lado a outro [...] olhos passaram pelo rosto [...] vinham os olhares [...] olhá-los desanimado [...] olhando-a e olhando o passageiro [...] olhando-os entre os [...] se olharam as mãos [...] olhar com uma simples fórmula [...] olhando-os [...] olhava profundamente [...] o olhar [...] os dois olhavam o tenso [...] olhou, olhou sua [...] olhava de cheio [...] Olhavam para mim, [...] cravar os olhos [...]olhá-los [...] olhe [...] olhava a [...] olhar. (CORTÁZAR, s/d, passim).

O olhar. Desde a fila e no interior da boate, parece que tudo acontece com ele. Parece que tudo começa com ele. Olhar que olha. Olhar que vigia. Olhar sanciona. É difícil significar a natureza dos olhares que figuram em um espaço da cidade voltado para uma vivência de uma sociabilidade gay específica. Aqui compreenderemos o olhar sob a ótica da regulação, da vigilância, da seleção, do controle.

-[...] lá eu notava pessoas mais num perfil de discrição, então me atraía mais. Dentro desse perfil.

Eu não sei dizer porque me atrai, mas me atrai. Eu acho que é porque transmite virilidade, transmite segurança, transmite uma pessoa já com a cabeça formada... (Entrevista. **Victor**, Fortaleza- CE, 02. Junho 2013.)<sup>6</sup>

-Eu acho que existe essa hipervalorização por essa masculinidade. Porque eu acho que os valores patriarcais ainda tá na veia muito forte. Esses valores arcaicos ainda tá inserido na cultura. Eu fico assim chocado, sabe, como isso tá inserido. (Entrevista. **Klisman**, Fortaleza – CE, 20. Ago. 2013.)<sup>7</sup>

-O público antigamente era bem mais seletivo. Hoje com a entrada de novos promotores eu acho que misturou mais. Eu acho, os meninos da Proibida, eu acho que é da Proibida, trouxeram o pessoal que andava naquelas áreas do Dragão do Mar. Eles trouxeram mais pra MEET. .

-E isso lhe incomoda?

-Demais. (Entrevista. **João**, Fortaleza, CE, 10. Setembro 2013.)<sup>8</sup>

Que tipo de regulações emerge nesse espaço? Onde elas são objetivadas e que sentidos elas ganham no espaço interno da boate? Como os sujeitos manipulam esses mecanismos reguladores?

A pesquisa etnográfica realizada na boate evidenciou alguns espaços/ objetos objetivados que atuam como elementos reguladores dos modos de apresentação dos sujeitos

<sup>6</sup> Victor é estudante de direito e frequentador da boate MEET.

<sup>7</sup> Klisman trabalha na noite fortalezense como DJ na boate Level. É estudante de moda e frequenta esporadicamente a boate MEET.

<sup>8</sup> Estudante de Engenharia e frequentador da casa.



da boate. As auto apresentações são gestadas e geridas naquele espaço, onde são educadas, conformadas de acordo com as representações legitimadas naquele lugar. Como elemento ameaçador dessas “representações legítimas”, pode se perceber outras, que expressam uma feminilização dos corpos-aparências masculinos, que acaba por desviar-se do padrão, em desregulações. O feminino circunscrito em corpos masculinos parece ameaçar a ordem da casa, perturbar, descaracterizando o encontro dos “machudos”, dos “discretos”.

“A feminização de quem tem práticas homossexuais é usada pelo discurso hegemônico como forma de resolver a questão da existência de homens que não correspondem ao modelo dominante de masculinidade — negando, de alguma forma, essa existência” (MENESES, 2000). Logo, parece-me, que outras modalidades de existências, que conjugam em corpos masculinos signos do feminino, não se tornam possíveis de ser vivenciadas em suas múltiplas expressões. Os corpos, as performances, em alguns momentos, tornam-se autômatos vigilantes de si mesmos e do outro, corrigindo e evitando desvios, conformando corpos-performances-aparências em um processo *continuum* de regulações.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normatiza. É um controle normatizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. (...) Nessa técnica delicada estão comprometidos todo um campo de saber, todo um tipo de poder (FOUCAULT, 2002, p.154).

A construção de um “eu machudo” se traduz, por parte de alguns, no esforço de uma conformação identitária que seja “vista” e chancelada no interior da boate. Nesse sentido, é comum ver homens que frequentam a casa se apropriarem de signos materiais e/ou imateriais para expressarem, apresentarem-se/ representar-se de um modo que sejam vistos ali dentro, mesmo que lá fora suas performances sejam outras, às vezes até dissonantes daquilo que está sendo representado, refletindo na educação que é dada ao corpo, em uma remodelagem do andar, da gestualidade, da voz, assimilando significados a partir de signos expressos na roupa, na marca da roupa, na cor da roupa, na modelagem da roupa, na “limpeza” do look. Um *look* “limpo” parece dizer muito de uma suposta masculinidade. Cores neutras, modelagens simples e funcionais, apropriação de marcas que, em conjunto, parecem trabalharem para a construção de um todo harmônico às aparências.

E ser macho nesse local é um capital simbólico. Logo, há um investimento, um trabalho, uma educação, uma subjetivação procurando, enquadrar corpos e comportamentos,

procurando fixar noções valorativas e possíveis de ser homem, legitimando uma única maneira de se vivenciar a masculinidade, maquiando alguns signos associados ao feminino. Nesse sentido, alimenta-se na boate uma ideia de centro e margem que são reiteradas vezes evocadas, ensaiadas e que passam a ser reguladas por mecanismos regulatórios que ali se impõem.

Dentre as diversas masculinidades, existiria uma que se apresentaria como sua forma “hegemônica”, aquela que corresponderia a um ideal cultural de masculinidade. Além desta forma de masculinidade, existiriam outras que manteriam relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNELL, 1997, p. 39-43).

Sendo assim, os espelhos que revestem uma parede da recepção, o *lounge*, a parede de uma das pistas de dança e paredes dos banheiros, denunciam a atuação reguladora do olhar naquele lugar. Mas reflitamos um pouco sobre eles... Os espelhos encontram-se desde a sala de recepção “recebendo” os que chegam à boate. Figura também em uma das pistas de dança no interior da boate, bem como no *lounge* e nos banheiros. Os espelhos falam, sugerem, modelam, denunciam, revelam, escondem com a dinâmica do escuro, auxiliando na construção de um eu MEETIDO, regulando, sinalizando cada atuação dos corpos e das representações dos sujeitos. Os espelhos, juntamente com a dinâmica do escurinho, traz à tona sentidos que são produzidos só no interior da boate, readequando os corpos em um trabalho, que é *continuum*, de produção. Os espelhos, como elemento regulador, possibilitam encontros e desencontros no interior da boate, selecionando, apontando, segregando os “corpos que importam” dos “corpos que não importam”.

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas [...] (FOUCAULT, 2002, p.143).

Nesse sentido, os corpos que estão na não conformidade, que são ou aqueles que optam por uma fluidez performática maior naquele espaço, pois estão pouco preocupados com esses “sinais distintivos”, ou aqueles que, por mais que eduquem a materialidade dos corpos não conseguem adotar uma performance menos afetada, o que acaba por revelar a fraqueza das representações, margeiam, perambulam no interior da boate.

Nesse espaço também o corpo masculino feminilizado precisa ser constantemente vigiado por esses objetos/espacos objetivados. O espelho como sinalizador de

comportamentos, de aparências regula a dinâmica dos corpos-aparências no território da boate, revelando que a existência da regulação e sua dinâmica não é suficiente para esbarrar autocriações de si, construções de outras performances identitárias no espaço, marcadas por fluidez, linhas de fuga, desconstruções, subversão, pois a existência de regulações também pressupõe rupturas, cisões em uma determinada ordem simbólica estabelecida. O lugar da norma também é o lugar do desvio. Perceber que a casa dos MEETIDOS, associada a um espaço de experiência que se dá “entre homens discretos” e como um lugar que legitima encontros até então clandestinos, tem aberto espaço para outros sujeitos e ainda, possibilitado que esses outros ainda ganhem a alcunha de MEETIDOS, revela novas dinâmicas no interior da casa.

Doel vê o espaço como algo sempre em processo, um permanente “tornar-se”. Para ele “se algo existe, é apenas enquanto confluência, interrupção e coagulação de fluxos”. Em consequência, não há “última instância” ou estrutura primeira, solidez e fluidez nunca estão separadas, “a permanência é um efeito especial da fluidez” (p. 17). Por isso, espaço é, antes de tudo, um processo, uma “espacialização” (*spacing*). (DOEL, 1999, p.17).

Em um espaço onde as noções de centro ainda são importantes e sedutoras e as apropriações e ressignificações de alguns signos heteronormativos, expressos em uma forma particular de sociabilidade gay pautada em uma homogeneização e “limpeza” dos corpos, o estigma do “gay discreto” se torna um ideal a ser alcançado. O diferente se torna ameaçador, perturba, causa confusão, subverte a ordem do espaço. Contraditoriamente, o gay que é colocado como margem no espaço social de fora, nas estruturas sociais vigentes, se centraliza lá dentro da boate. Nesse sentido, outras margens são criadas, outros corpos são reduzidos à condição de margem. No entanto, sabemos que tais posições são construções que podem ser desconstruídas, dando margem a outras possibilidades performáticas e identitárias.

É preciso perceber que além dos espelhos outros lugares ou outros objetos apontam formas de regulação que se estabelecem lá dentro. A própria configuração da boate, o ar de austeridade que se impõe, a partir dos tons sóbrios nas paredes, no mobiliário, o grau de iluminação, o ritmo contínuo da batida, o espaço do *lounge* como um espaço que pode ser separado para encontros particulares, como aniversários e outras comemorações, a identidade central do público que frequenta a casa, podemos situar o encontro dos MEETIDOS, como um encontro mediado e atravessado pelo episódico, pelo efêmero, pela regulação, pelo corpo, pela imagem, pela moda...

A boate em si, é uma boate que não tem muito espaço pra galera jovem. É perceptível pelo estilo da boate em si. A boate em si é muito escura, é muito adulta. Os tons são muito sóbrios, entendeu? Então eu acho que já é uma coisa pra impor. Apesar de em alguns momentos eles se associarem, pra não saírem da moda, que eles querem tá na moda, de vez em quando eles se associam a algumas pessoas. Mas é esporádico. Não é rotineiro. (Entrevista. **Adrian Brasil**, Fortaleza- CE, 20. Ago. 2013.)<sup>9</sup>

O bar, como um território de fluxo intenso, também regula, bem como os banheiros, a música, o grau de luminosidade, o público... A espera possibilita uma cartografia maior dos corpos, perscrutando sinais distintivos, revelando lugares, um *ethos* que só é construído a partir da regulação, de formas de controle produzidas no interior de uma vivência social, maturada lá dentro. Parece-me que há todo um cuidado na forma de exibição das bebidas que são expostas em uma conformação de destaque, expostas na altura dos olhos, atraindo e mexendo com os sentidos dos MEETIDOS, funcionando como catalizadora nos ritos de passagem que os sujeitos são submetidos.

Durante toda a noite, as idas e vindas pelos microterritórios da boate permitem passagens, montagens e desmontagens de si. A proximidade dos corpos no microterritório do bar bem como outros microterritórios da boate singulariza uma experiência dos corpos no interior daquele espaço, permitindo trocas, negociações e encontros episódicos e localizados. Os corpos instintivamente se aproximam, se tocam, se excitam, possibilitando uma corporificação dos sentidos. Logo, o “estar perto” produz novas regulações. A proximidade traz consigo uma vigilância maior de si e do outro, possibilitando encontros e desencontros. Nesse sentindo, aproprio-me de uma metáfora que Vale (2012) faz ao se referir ao Cine Jangada, reterritorializando e ressignificando para o espaço da MEET, como espaço de regulação, de encontros e de desencontros e de uma vivência de um tipo de sociabilidade que só se torna possível no *Escurinho do Cinema* para compreender a MEET como um espaço de produção e de trocas simbólicas:

A sociabilidade desse espaço se faz “jogo social”, no sentido de que uma infinidade de atos - constitutivos de rituais- já estão postos em estado de possibilidades e exigências objetivas. Qualquer um que entra naquela boate sabe que às usuais exigências de compartilhar o escurinho de uma boate somam-se outras. Essas exigências, as coações que lhe são correlatas e os registros categoriais e classificatórios que tem lugar ali dentro impõem-se àqueles que, por terem o “sentido do jogo” daquela plateia, estão preparados para recebê-las e realizá-las. O “jogo”- metáfora que utiliza para dizer que o mundo social é composto por lutas

---

<sup>9</sup> Adrian Brasil é DJ, estudante de moda e antigo frequentador da boate MEET.

macro e micropolíticas – na boate guarda suas particularidades: a entrada na boate envolve um tipo de cálculo e planejamento, uma noção, culturalmente situada de riscos e perda; aquela plateia se identifica por uma conjunção comum, mas ao mesmo tempo não quer que isso seja explicitamente partilhado, pois estaria sujeito à luz do dia, depois do escurinho urbano da boate (p.37-38).

Portanto, compreender a MEET também como um espaço de regulação é atentar para as multiplicidades de fenômenos que podem ser percebidos em uma aparente casa gay de “diversão”. Pensar que a lógica do território é constituída a partir da objetivação de técnicas de controle dos corpos-aparências-performances corporificadas nos espelhos, na música, no bar, no banheiro, nos queijos, na iluminação, na austeridade da casa revelam que os encontros empreendidos nessa boate ultrapassam a lógica do *music* e do *lounge*.

Sua característica mais elementar é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história, no sentido em que, para ela, o pensamento, não apenas e fundamentalmente do ponto de vista do conteúdo, mas de sua própria forma, em vez de constituir sistemas fechados, pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve. O que acarreta a exigência de considerá-lo não como uma história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos. (MACHADO, 1990, p.9).

Entendendo que todo espaço social possui suas regulações e seus aparelhos reguladores, a MEET, nesse sentido, não seria diferente. Espelhos, queijos, banheiros, fila e bar são alguns espaços onde olhares, posturas, comportamentos, voz e outros elementos são regulados, “vigiados” não só pelo sujeito agente do olhar, como também pelo sujeito paciente deste olhar. As representações são construídas, deste modo, a partir do crivo do outro. A alteridade é uma grande ou senão a maior reguladora do *ethos* que ali vai se formatando. Ela personifica a identidade do local, imprime a marca dele em si e em suas representações de si e expressa isso por meio do uso de um tipo de roupa, de um tipo de cor, de um tipo de modelagem, de uma marca, de elementos tangíveis, mas também de elementos intangíveis a partir da performance que esse corpo encarna, associado a um modo de representação “limpa”, “discreta”, “machuda” e “saudável” de estar gay.

#### **2.4. Meetidos de Ontem, Meetidos de Hoje: Mudanças e Permanências na Noite “Top” Gay da Cidade**

... as pessoas que andavam lá eram um nível mais top de...pessoas mais bem aparentadas.

O que me levou a conhecer é que não dava qualquer tipo de pessoa.

- E o que não é qualquer tipo de pessoa?

- Pessoas do mesmo nível, pessoas que eu possa fazer amizades e de repente ir programar fazer alguma coisa e a pessoa poder também me acompanhar. Ter um nível mais top é estar perto da minha realidade. Não que eu seja top assim (risos). Não, é porque a gente procura pessoas pra somar e não pra diminuir (Entrevista. **João**, Fortaleza, CE, 10. Setembro 2013.)<sup>10</sup>

[...] então a gente foi pegando essa fatia de mercado que tava liberada né, que era esse pessoal que queria cuidar, que queria uma festa diferente e o que tinha aqui em boate era muito, era aquela coisa fechada, com DJ tocando e pronto e *drag* né, que na época tinha muito show de *drag queen*. E essas festas foram melhorando, foram melhorando, então a gente sempre foi fazendo com o que a festa fosse crescendo pelo público que pedia né, por exigência do público. E o público começou a pedir, já que a gente fazia festas tão boas fora da boate que a gente tivesse um ponto mais fixo pra fazer, é...evento com mais frequência, entendeu? Ai começaram a pedir: por que vocês não abrem um bar? Por que vocês não abrem uma boate pra fazer essas festas que vocês fazem com essa criatividade dentro de um lugar é, com a frequência maior? Entendeu? Ai a gente começou a analisar realmente que daria pra fazer isso (Entrevista. **Monah Monteiro**, Fortaleza- CE, 23. Junho 2013.)<sup>11</sup>

A fala de Monah, uma das proprietárias da boate revela o processo de criação da MEET, a partir de uma experiência anterior de aproximação de um determinado grupo de gays mais *distintos*, ou que se distinguiam, por um processo de homogeneização em que se aproximavam como um grupo, diferenciando-se de outros grupos de gays.

A MEET como espaço concretizado de expressão desse grupo de gays mais *distintos* da cidade só se torna possível depois de um processo de alguns anos de “ensaios”, marcados pelas festas da promoter Monah Monteiro que paulatinamente vinha se tornando conhecida na cena gay da cidade.

Inaugurada no ano de 2008, a MEET desponta com uma proposta diferente do que até então figurava na cidade. Os sucessos advindos das muitas festas já realizadas pela equipe de Monah além de atender as demandas de uma modalidade de gay que procurava espaços de sociabilidade e diversão na noite da cidade viabilizaram a construção e o estabelecimento de uma casa na cidade voltada para esse público específico, possibilitando pensarmos em uma modalidade identitária de gay *distinta*. Não havia uma homoterritorialidade específica voltada para esse gay *distinto* na cidade.

Ai começou a ir atrás de lugares e verificar lugares que a gente pudesse realmente colocar como fixo pra trabalhar as festas fora dentro desse lugar e mensalmente fazer festas fora também do espaço. Um lugar fixo e as festas continuariam. Ai a

<sup>10</sup> Estudante de Engenharia e frequentador da casa.

<sup>11</sup> Monah Moneiro é sócia-proprietária e promoter da casa.

gente começou a arrendar espaços. Entendeu? Ai a gente arrendou um barzinho chamado Hollibar . Passou um tempo lá, mais tinha uns problemas com o próprio espaço em relação a som então a gente foi vendo outros lugares. Ai pegou a Kiss, pegou Queens, ai foi tencionando até que viu que o na verdade a gente queria. A Kiss ela era muito grande. Então a quantidade de gente era muito grande pra você conseguir fazer com que o funcionamento da casa pra não dá prejuízo. O espaço era muito grande, precisava de muita gente. Pra pagar os custos era muito pesado. Então a gente procurou um lugar menor. Daí foi quando a gente pensou na Meet que aí seria um espaço menor onde a gente pudesse trabalhar levando o que a gente fazia fora para dentro do espaço e aí com uma quantidade menor de pessoas a gente poderia focar esse espaço da Meet num público mais seletivo porque na época tinha surgido também a Donna Santa e Donna Santa tava com um público de massa muito bom. Então quando ela pegou esse público grande, esse público de massa, a gente pensou que... e a gente já queria também uma coisa menor pra trabalhar de uma forma mais reduzida e que tivesse um investimento alto e que a gente pudesse trabalhar com um público seletivo que pudesse pagar aquele investimento. Ai foi quando surgiu a Meet. Todos os lugares que a gente pesquisava, a gente pesquisava o lugar e o foco que seria o público. Se fosse, por exemplo, trabalhar com o público de massa a gente teria que ter um lugar onde o público andasse já naquela região, no caso seria o Dragão do Mar e as redondezas. Como a gente queria um público mais seletivo, a gente pensou num lugar mais afastado desse público de massa e que a gente pudesse investir naquele público seletivo. A gente não chega na porta pra dizer você não pode entrar ou você pode, mas automaticamente quando direciona as atrações para aquele público eles vão se identificando e vão começando a frequentar por conta das atrações que vão ter naquele espaço, da identificação dela com aquela atração. Então foi uma coisa natural (Entrevista. **Monah Monteiro**, Fortaleza- CE, 23. Junho 2013.)<sup>12</sup>

As festas itinerantes realizadas pela promoter e sua equipe vinham reorganizando, desde a sua primeira chamada “Festa do Sinal” realizada em um Buffet no bairro da cidade 2000, o circuito gay na cidade, apontando para outras modalidades de existência, na medida em que parecia haver um “público em trânsito” que parecia não se identificar com os outros espaços voltados para um público gay local.

Bem no começo das festas eram quatro pessoas fazendo, depois foram duas, depois foram três, depois foram duas né, aí continuou trabalhando em festas itinerantes só eu e a Paula Roberta e essa cobrança por um ponto mais fixo já era com a Paula. Então a gente começou a trabalhar sempre juntas, um ponto fixo e um ponto externo né, de boate. Pra abertura da Meet, especificamente, nos tínhamos um sócio, eram três pessoas, nós e esse sócio e com o tempo nós compramos a parte dele. Então realmente ficamos só as duas. Ficamos só nós duas. E todo esse processo de abertura da Meet foi bolado por nós duas ele entrou na parte financeira, como sócio-mestre. Com a ideia e com trabalho, na época também a gente era mais nova, e com o tempo a gente foi juntando, trabalhando e foi dando certo e a gente conseguiu comprar a parte dele e hoje realmente somos só nós duas. Aí esse conceito de Meet, do local onde as pessoas pudessem se encontrar, de logomarca, a logomarca foi eu quem bolou, toda que tem essa questão do “ezinho” né que é um de frente pro outro que é justamente a questão da simbologia do encontro né? A princípio, a Paula é responsável por essa parte administrativa e eu responsável por essa parte de produção do evento. Com o tempo, a gente foi contratando as pessoas pra dividir setores dentro da equipe com profissionais pra cada área. Então hoje a gente tem um

---

<sup>12</sup> Monah Monteiro é sócia-proprietária e promoter da casa.

profissional que faz toda a parte de design e marketing da casa, a gente tem um assessor de imprensa, a gente tem um fotógrafo. Então a gente foi dividindo os setores. A gente foi, na verdade, diminuindo a cobrança toda por cima de nós duas e aumentando a equipe cada um focando no ... A gente foi fazendo uma seleção pelo a gente via na cidade e escolhendo aquela pessoa pra nossa equipe e foi formando a equipe de acordo com a que a gente tava sentindo a necessidade naquele momento (Entrevista. **Monah Monteiro**, Fortaleza- CE, 23. Junho 2013.)<sup>13</sup>

A natureza da casa se imbrica a noções valorativas, expressas tanto na fala da promotor, quando na ocasião da entrevista, como na própria descrição contidas no site da boate. Expressões como *área nobre, símbolo de sofisticação e conforto, posição estratégica, discrição e segurança* estão associadas a uma descrição desse lugar. Nesse sentido é possível pensar para que público a casa está direcionada, quais os investimentos são feitos para atrair uma parcela do mercado gay da cidade que procura por um lugar que torne possível um tipo específico de experiência gay, que só se dá sob os auspícios do conforto, da sofisticação, da seletividade, da segurança e, sobretudo, da discrição. Porque ser ou parecer discreto está amalgamado na própria identidade da casa, voltada essencialmente para um público gay masculino.

Da lógica de alugar casas particulares, na região do Porto das Dunas, no Icaraí, Buffets, Casas de shows, como o Arena, a Santorine, Hotel, como o Marina Park, Barracas de praia, como a Biruta, estabelecendo uma cartografia de gays *distintos* na cidade de Fortaleza, ao estabelecimento da MEET, como espaço delimitado para o exercício de uma forma diferente de experimentar o corpo, a identidade, os jogos de paquera e porque não dizer a sexualidade, a equipe da casa vai demarcando territórios que fazem falar dessas modalidades identitárias que parecem estar imbuídas de uma orientação de guetificação. Mott (2000) definiu, “trata-se do conjunto de locais de encontros de homossexuais masculinos”. Deste modo, é preciso compreender as especificidades desse homossexual que para existir enquanto tal precisa de um espaço que seja marcado pelo signo da discrição, da seletividade. Sobre o gueto gay, Simões afirma que a concepção utilizada enfatiza mais a dimensão “política e cultural do gueto, de espaço público, do que propriamente um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização” (SIMÕES, 2005). Nesse sentido, a MEET como espaço de emergência de um gueto gay reafirma a natureza da casa e de seu público.

Entender a MEET como esse espaço é entender um processo que vem se configurando desde a Festa do Sinal, primeira festa promovida por Monah, aos êxitos alcançados com as

---

<sup>13</sup> Monah Moneiro é sócia-proprietária e promotor da casa.



festas itinerantes, a saber, IBIZA que se encontra na sua sétima edição, ATLANTIS e a SETE PECADOS que se encontra na sua décima edição.

A MEET como projeto concretizado começou de um amadorismo realizado no ano de 2002, quando em ocasião de um aniversário de uma amiga da promoter da casa. A festa foi chamada de festa do “gayto”, fazendo referência à música da cantora Ivete Sangalo “Festa no Gueto”, música da qual a aniversariante gostava muito. Desse experimentalismo sucederam outras festas que iam criando certa identidade, pautada nas noções expressas anteriormente, de discrição, criando um mercado, atraindo uma modalidade de gays *distintos*, delineando os traçados de um circuito gay na cidade que ainda não havia procurado se especializar nesse público.

O território dos MEETIDOS que parece existir antes mesmo da própria MEET, em consonância com seu público, parece estar configurado em um processo *continuum* de desterritorialização e reterritorialização, marcado por um caráter itinerante.

A casa no começo se estabeleceu e ainda procura manter-se como uma casa voltada para um público de gays discretos e seletivos da cidade. As percepções experimentadas por mim quando frequentava o espaço poucos anos depois de sua inauguração, revelam um “território meetiano” em fase de experimentação, que ensaia a si mesmo, que ensaia o público, revelando-se como uma casa gay *cult* da cidade, fazendo jus as suas especificações formuladas a priori.

No começo o público era bem elitizado, mas não significa que o público era elitizado, entendeu? O estigma era para um público elitizado. Mas aí eles tiveram que se adaptar realmente a esse novo sistema que se estabeleceu na cidade e aí, é isso. Existe um estilo predefinido pros frequentantes. É muito linear. É muito linear. Se você parar pra olhar é um estilo muito linear, muito linear. Os DJs são figuras muito representativas em relação a estilo dentro da boate. Digamos, assim, o DJ, ele impõe o estilo da boate. Eu acho isso interessantíssimo. Não é uma figura tão vanguardista, tão fashion, assim, né, mas ele é uma figura muito representativa de estilo dentro da boate. Isso eu acho muito engraçado. (Entrevista. **Klisman**, Fortaleza – CE, 20. Ago. 2013.)<sup>14</sup>

Depois de alguns anos, especificamente dois anos, percebo uma casa diferente, com um público diferente, com uma áurea diferenciada. O que percebi no presente, no trabalho etnográfico, é a presença de novos sujeitos que se apropriam dos signos tradicionais do MEETIDO e o ressignificam a partir dos seus diferentes lugares sociais. Mesmo ainda

---

<sup>14</sup> Klisman trabalha na noite fortalezense como DJ na boate Level. É estudante de moda e frequenta esporadicamente a boate MEET.

marcado por uma guetificação, o espaço parece conviver ao lado das pluralidades (isso não implica que antes não havia, porém hoje se mostra mais evidente) que tentam ou subverter de algum modo a ordem da casa, ou ressignificado as noções de *gay distinto* gestadas ali dentro, ou que procuram ordenar seus corpos/performances/identidades à lógica do local, recriando as qualificações MEETIDO, um MEETIDO que parece não conseguir conjugar seu corpo, sua performance e sua identidade de um modo uníssono, denunciando, assim, uma existência de signos que remetem à margem e ao centro no mesmo sujeito. O sujeito parece agregar a sua estrutura psíquica e comportamental tanto signos do *machudo*, do *discreto*, do *centro*, como do *efeminado*, do *afetado*, da *margem*. Os sujeitos nesse sentido parecem passar repetidas vezes durante toda a noite por um processo de retrabalho de si e vigilância caso queiram ser vistos, ouvidos e percebidos naquele lugar.

[...] os cuidados de si exigem técnicas. Foucault se ocupa com algumas delas na encantadora leitura que faz dos “manuais de vida” da Antiguidade: leitura, escrita, interpretação dos sonhos, meditação, reflexão, cuidados com o corpo (sono, exercícios físicos, comida, bebida, excreção, relações sexuais, etc.). Todas elas técnicas de constituição de si como objeto de ação radical: objeto de subjetivação-outra. Técnicas do trabalho sobre si mesmo como lugar de uma experiência, de ensaios de existir (SOUSA FILHO, 2007).

Procurar compreender a MEET como um território que contém uma estrutura social e simbólica é perceber o lugar como uma estrutura estruturante bem como uma estrutura estruturada. A parte física do local, sua localização, seus microterritórios, seu mobiliário, a calçada da casa como um território estendido da boate são signos objetivados que apontam o lugar também como uma estrutura estruturada, desconstruindo uma aparente simples noção do “estar ali”. Estar ali vai além de uma predisposição mecânica dos corpos dos sujeitos de buscarem espaços de encontros e de sociabilidades específicas no interior da cidade. Estar ali vai além da dinâmica estabelecida pelo espaço do *music* e do *lounge*. Estar ali vai além do encontro, da música, da bebida, dos amigos, da “passassão”<sup>15</sup>, da paquera. Estar ali nos aponta que aquele lugar não é um lugar a parte do mundo lá fora. Ali são agenciadas produções e reproduções da lógica do mundo lá fora, que perpassam as múltiplas e variadas formas de se apresentar/representar no mundo.

A batida contínua da música eletrônica, a iluminação da casa, a forma de exposição das bebidas no bar, a posição ocupada pelo DJ ali dentro, as imagens de corpos masculinos que figuram nas portas dos banheiros masculinos, o cheiro e as sensações que emergem sob os auspícios da fumaça, a conformação do mobiliário, em uma espécie de

---

<sup>15</sup> qualidade daquele que gosta de aparecer

aproximação/identificação identitária que a casa procura empreender com os sujeitos que ali emergem, criam efeitos de realidade, criando uma espécie de mundo que possibilita os sujeitos ficar ali mais tempo e se sentirem pertencentes aquele lugar. Trabalha-se aí com a lógica dos sentidos, das emoções dos sujeitos, fazendo com que eles se desliguem completamente do mundo lá de fora e imerjam naquele “paraíso artificial” que foi criado só para eles.

Meet a gente pensou num lugar que os amigos pudessem se encontrar. Meet significa encontro. Então a gente pensou num lugar em que as pessoas fossem pra conversar, que fosse MEET- MUSIC & LOUNGE, que ela pudesse dançar e conversar. Então seria um lugar realmente de encontro, onde as pessoas fossem pra lá encontrar os amigos, que não quisesse dançar, mas fosse pra beber, conversar na área externa né, que seria o *lounge* e outras que quisessem dançar e paquerar que fossem pra área interna do *music*. Então a gente pensou na questão realmente de encontro mesmo, no ponto de encontro das pessoas, entendeu?(Monah)

Nesse sentido, compreendo a MEET como um território, como um espaço estruturante e ao mesmo tempo estruturado, pois o espaço, a identidade da casa só tem sentido quando ocupada por corpos que o ressignificam, criando territórios de extensão que apontam para uma polifonia de espaços e de vozes que vão mudando, que vão se ressemantizando a partir de mudanças gestadas nos corpos e aspirações daqueles que tornam o encontro possível.

O “território meetiano” aproxima-se do entendimento de Deleuze ao definir território como um agenciamento (agenciamentos que são coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos), sendo possível ser territorializado e desterritorializado. Assim, “As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização” (DELEUZE, G; GUATTARI, F *apud* BRITO, 2012). A MEET, nesse sentido, como território marcado pela itinerância só possui tais significados quando pensada a partir da lógica dos encontros e movimentos com o outro, com a alteridade. Adiantando, a “subjetividade meetiana” é:

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como um território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, F. 1992, p. 19)

A MEET como lugar do encontro é também um espaço de lutas simbólicas e afirmações identitárias, que tornam esse encontro particular. Todos estão envolvidos nesse campo de lutas, porém nem todos atentam que cada sinalização de seus corpos ali dentro é responsável pela criação/recriação de estruturas de poder que por não poder ser vistas a olho nu, são omitidas. Mas isso não significa que elas não se façam presentes ali. Elas estão em seu

estado gasoso, no ar, corporificadas/objetivadas na trama de jogos simbólicos que são ali ensaiados, desterritorializando, reterritORIZANDO, lugares, corpos, aparências e identidades.

Todas as lutas internas ao campo envolvem a distribuição e posse de um capital específico. A luta ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e aqueles que desejam mantê-las. Em geral, novatos disputam, dentro das regras estabelecidas, o lugar daqueles que ocupam posições dominantes. Para que um novato seja admitido em um determinado campo, é preciso que ele tenha efetuado os investimentos necessários (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009).

É possível pensar na dinâmica de um lugar de manutenção/reprodução/regulação, mas também de cisões/aberturas/possibilidades, entendendo que a implementação das regras também apontam para desvios, subversões que acabam por criar novas regras, novas dinâmicas para o espaço. É notório que há um esforço para a construção de uma identidade do local que esteja associada ao requinte, ao seletivo, ao caro... E isso é expresso nas atrações que a casa procura trazer, que contemplam desde atrações nacionais a nomes internacionais que, de algum modo, figuram como nomes cotados no momento, nomes da mídia, “nomes da moda”. Atrações como as cantoras Lorena Simpson, Alex Marie, Amanda, Paula Bencini, Samara e Dj Tom Hopkins, Desaparecidos, Dj Danny Verde (Itália), Dj Adrian Dalera (México), o ator Joao Gabriel, a atriz Katiuscia Canoro, Gabriela Spanic, BBBs Serginho, Fernando Fernandes, Morando, Banda Uó, banda Spzyzer e Narcisa Tamborindeguy são algumas que já marcaram presença na noite dos MEETIDOS.

A casa enquanto ambiente de ação e de pensamento de grupos gays realiza-se como espaço de afirmação de uma identidade na cena mix da cidade. *Um lugar além da imaginação onde a realidade nasce na pista de dança, onde a música invade seu corpo, mente e alma* é assim que a casa se apresenta em um vídeo comemorativo de quatro anos. *Enchanté*, o nome da festa de aniversário da boate, nos convida a viver este encanto<sup>16</sup>. O vídeo apresenta em uma ordem dinâmica e de movimento os nomes de todos aqueles que, de algum sentido, fazem parte da história da boate. O ano cinco é intitulado Incomparável. Os vídeos que figuram logo abaixo na mesma seção do site demarcam alguns momentos importantes da casa, como na presença de alguns cantores, DJs ou de alguma festa que, de algum modo, mereceu destaque. O vídeo pós festa da Atlantis demonstra alguns signos importantes que são reiterados na identidade do lugar e que contribuem para sua consolidação no imaginário mix da cidade. Os apelos de uma hiperapresentação dos sentidos e dos corpos demonstram a

<sup>16</sup> O *teaser* do ano quinto da boate figura, bem como o primeiro, na opção vídeos do site <http://meetfortaleza.com.br>

presença e certo grau de visibilidade aos capitais simbólicos que ali se corporificam e ganham valor nos corpos/aparências e performances dos sujeitos.

[...] sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro (BOURDIEU,1987).

Bastante elucidativo para dialogar com algumas questões que emergem e são publicizadas nesse espaço de sociabilidade gay da cidade se revela o *teaser* IBIZA 2012 (<http://www.youtube.com/watch?v=SsNw0sKpIzM&hd=1>), uma das festas promovidas pela casa. No vídeo, é simulada uma situação em que tematiza supostamente naturezas relacionais de um casal gay. “O vídeo inicia dando ênfase as mãos de um homem que chega a uma loja e escolhe uma caneca com o dizer “super namorado”, juntamente com alguns ramos de flores. Ao chegar à casa de seu namorado, abre a porta do quarto do mesmo e é surpreendido ao encontrá-lo na cama com outro. O namorado tenta se explicar e não adianta. Como resposta é esbofeteado. O rapaz traído começa então a passar por uma espécie de rito de passagem, na tentativa de “superar” a traição. Inicia a apagar seu passado e isso se expressa quando ele rasga as fotos do “ex” e começa um investimento narcísico em sua aparência. A evidência dada ao corpo em movimento é reveladora, associando supostamente a felicidade do sujeito ao investimento em um corpo malhado, sarado e em outros cuidados de si. Compra de passagens para Fortaleza. Malas prontas. Chegando à terra da luz, o vídeo segue apresentando alguns espaços turísticos da cidade para, certamente, tentar, certamente, depois apresentar melhor seus propósitos: A FESTA IBIZA. A possibilidade de uma pretensa liberdade associada aos cuidados de si e a um certo "aproveite o dia", ou o momento é trabalhada no vídeo a partir de uma apropriação de signos que denunciam essa realidade. Uma forma de felicidade aparece reiteradas vezes, sempre ancorada na lógica do consumo de bens simbólicos, que, em sua artificialidade, corporificam, concretizam significados que traduzem formas de prazer, de liberdade, de completude... Como garantia da felicidade o corpo emerge como signo principal do investimento do sujeito para se alcançar uma forma de felicidade que só é chancelada a partir da lógica do consumo de si e de produtos simbólicos.

Portanto, a partir da dinâmica de um lugar que, embora procure manter uma lógica e uma conformação identitária uníssona e coerente, percebe-se, pelo próprio caráter autopoiético dos sujeitos que as permanências parecem conviver, não com ausência de tensões, lado a lado das mudanças, traduzidas na pluralidade de corpos e subjetividades que

ali emergem e são criadas e recriadas a partir das relações que os sujeitos estabelecem nesse lugar que também cede espaço às identidades devires, aos *queers*, aos estranhos que entram na casa “pelas portas da frente”, sem pedir licença, auto requerendo para si a alcunha do MEETIDO. Nesse sentido, convivem no corpo a corpo, de um espaço com um perímetro relativamente pequeno, identidades marcadas pela diferença, pela pluralidade, pelas margens, revelando que as posições centrais, embora permaneçam importantes e sedutoras, são invenções e que podem ser desconstruídas quando novos sujeitos e novas geografias são evocados.

A MEET se transmuta seguindo o ritmo, os movimentos dos seus próprios frequentadores, que são gays e que vivem em um processo contínuo de produção de si mesmo e esse processo acaba circulando pela cidade. A MEET, como espaço de referência na cena GLS local, termina por refletir essas modificações.

### 3. CORPOS E PERFORMANCES ENSAIADAS: REPRESENTAÇÕES DE SI EM TERRITÓRIO “MEETIANO”

[...] o público que a MEET direciona eu posso levar uma *drag* que vai agradar uma fatia do mercado, mas desagrada a grande maioria que já frequenta a casa. Não é na mesma direção. Então é mais fácil a Donna Santa levar um público mais seletivo do que eu trazer um público da Donna Santa, entendeu? Eu posso até tentar, mas eles se sentem mais à vontade nesse ambiente que eles já tem costume de andar porque tem essa questão de você trabalhar um público mais seletivo aí entra nessa questão do exibicionismo, da roupa, do cabelo, do falar. Querendo ou não, é um público mais exigente, é um público mais detalhista... Então você tá trabalhando com um público que é mais difícil. Elas se sentem vip porque ela está pagando, às vezes a pessoa não tem nem condição de tá pagando aquilo, mas ela se sente VIP em estar naquele ambiente que fulano estar, né? Então ela quer pagar pra tá lá (entrevista realizada com Monah Monteiro, uma das proprietárias e promotoras da casa).

- O culto ao corpo é, digamos, número um. Porque a gente sabe que tal hora todo mundo tira a camisa. Ninguém vai querer mostrar um corpo feio, né verdade? E essa cultura de tirar a camisa veio de um DJ.

- Mas aí um ou outro "atrevido" que não tá com o corpo tão em dia, às vezes, vai lá e tira a camisa.

- Engraçado que isso também foi uma coisa que veio de fora porque nas boates de fora, São Paulo, por exemplo, é comum. DJ tal hora tira a camisa.

- Nessa linha de música e nessa linha de balada que a MEET faz que veio da THE WEEK (boate paulista referência entre o público gay) é comum os caras tirarem a camisa, malharem muito e tirarem a camisa, realmente, é comum. É muito comum. É uma coisa normal.

- Então esse padrão de corpo, esse corpo malhado, é tipo assim, é como se fosse um pré-requisito. Eu tenho que ter esse pré-requisito pra participar daquele grupo, pra se inserir, ser aceito dentro daquele grupo e ficar com alguém. Em todos os aspectos. Amizade, relacionamento, inserção é tipo assim, o número um. Eu não diria tanto a roupa porque eu acho que esse visual corpóreo ele tem um pouco mais de significância do que a roupa até porque tem horas que eles ficam sem camisa, então a roupa é deixada mais de lado. Eu acho que o corpo tem mais significância que até a própria roupa (entrevista realizada com DJ e estudante de moda Klisman).

Falar de corpos e performances é falar dos modos como os sujeitos se apresentam /representam ao mundo. Ser visto hoje parece estar associado a uma construção contínua de si que é expressa na produção de um corpo/ performance /aparência que carreguem signos. Nesse sentido, é possível pensarmos em paralelo com os “corpos que importam” para um determinado momento histórico-social, interpretando as noções de corpo como construídas socialmente, de modo a estabelecer “corpos que não importam”. Sob essa perspectiva, não importar significa o mesmo que não ser visto, percebido, desejado, ter vida.

A partir do entendimento de que estamos vivendo momentos de espetacularização da vida, quando o significado dos sujeitos se reduz à produção de um corpo/aparência, reprodução de si, ligada a modelos autorizados de existência que o “espírito do tempo” estabelece, os corpos-performances-aparências se tornam um fim, afetando as estruturas psíquicas e emocionais dos sujeitos que, para se sentirem aquilo que projetam como ideal para si, se remodelam e se recriam até alcançarem, por um período relativamente breve de tempo, a conformação representativa de si que tem existência para o mundo.

O sentido da vida reduziu-se à produção de um corpo. São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem o resultado entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens-sanduíche carregam nas ruas do centro da cidade: "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos." "Belo espécime humano em exposição." O corpo malhado, sarado e siliconado do novo milênio diz: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. O circuito se fecha sobre si mesmo. Parece a ética dos "cuidados de si" pesquisada por Michel Foucault, mas não é. O sentido da prática dos cuidados de si a que se dedicavam alguns cidadãos romanos, na Antiguidade, estava diretamente articulado ao papel desses homens na vida pública. Ser capaz de cuidar bem do corpo e da mente era condição para cuidar bem dos assuntos da "polis". No Brasil de hoje, em que o espaço público foi a um só tempo desmantelado e ocupado pela televisão, a produção dos corpos é a produção da visibilidade vazia, da imagem que tenta apagar a um só tempo o sujeito do desejo e o sujeito da ação política. (Matéria “Com que corpo eu vou?” Folha de São Paulo - Maria Rita Kehl, 2002)



Figura 1. Performance dos Gogo dancers na Boate Meet . Imagem disponível em: <http://meetfortaleza.com.br/> .

O sentir-se vivo está associado a uma recriação contínua de si, na medida em que as motivações dos sujeitos mudam constantemente e, portanto os modos de apresentação/representação. A existência se torna um grande ensaio que nunca parece chegar no dia de estreia. O corpo sempre ensaia a si mesmo. O momento de estreia desse corpo é localizado, é demarcado em um dia, em uma festa, em um momento qualquer. Nesse processo de sempre se auto apagar, de sempre se ver como rascunho é expresso se estende ao aspecto emocional do indivíduo.

Sentir-se bem consigo mesmo está associado à incorporação de signos materiais que denotam a existência de um corpo bom, ideal, sadio. Segundo Secchi, Camargo e Bertoldo (2009. p. 229),

A imagem corporal é para Schilder (1977), um conceito capaz de operar com as três estruturas corporais: estrutura fisiológica, responsável pelas organizações anatomofisiológicas; estrutura libidinal, conjunto das experiências emocionais vividas nos relacionamentos humanos; e estrutura sociológica, baseada nas relações pessoais e na aprendizagem de valores culturais e sociais. A estrutura sociológica refere-se às tendências de um grupo a valorizar certas áreas ou funções, como o papel de vestes, adornos, do olhar e gestos na comunicação social.



Compreendendo que os gays formam um grupo que se diferencia do padrão de masculinidade dominante, do homem heterossexual, produzem uma cultura própria com códigos, significados, valores, linguagem, normas, costumes, que tanto podem ser expressar resistência, quanto reprodução do padrão dominante. Na boate Meet, o desfile de corpos mostra uma variedade de formatos, significados e gírias sobre o corpo, seja o corpo sarado, o corpo bombado ou o corpo trans.

A expressão *corpo sarado* ou *corpo malhado* expressa a denominação de um certo tipo de corpo que é predominante nos MEETIDOS. De acordo com o dicionário Aurélio, o verbo sarar está relacionado a seguintes definições: 1. Restituir a saúde (a quem está doente); curar. 2. Debelar (doença); curar; sanar. 3. Curar-se, recuperar-se. 4. Recobrar a saúde. Já o verbo malhar possui se define como: 1. Bater como o malho em. 2. Espancar. 3. Zombar de. 4. Fazer ginástica vigorosa visando à musculação ou emagrecimento.

É possível então problematizarmos a partir dos conceitos expressos o que viria a ser um *corpo sarado*, um *corpo malhado*. O corpo sarado então é o corpo sadio, o corpo recuperado, o corpo não doente. Nesse sentido, isso nos aponta que as outras modalidades de corpos não sarados se configuram em corpos doentes. Ser doente então é não estar em conformidade com os padrões construídos histórico-socialmente em torno das existências dos corpos. O corpo então passa a existir a partir do modo como ele se apresenta para o mundo. Corpos doentes se tornam invisíveis na cultura que redireciona seus corpos a ensaios sucessivos de si mesmo, a produções de si cada vez mais obsoletas, na medida em que a produção de um corpo/aparência que é gestado para existir possui cada vez mais um prazo de validade menor. A expressão *corpo malhado* demonstra o caráter técnico, artificial, de montagem de si mesmo. O corpo é então abatido, adulterado, sensibilizado e se torna “grande”. “Crescer”, ter músculos é um signo de capital, de valor simbólico para os homens sejam héteros ou gays. O corpo nesse sentido se torna a pessoa, pois a representação corpórea de si se torna elemento único para ser alvo do olhar do outro, ser desejado pelo o outro e, conseqüentemente, existir para o outro. O corpo, assim, assimilando essa forma específica de capital finalmente emerge com vida, pois passa a ser visto e cotejado.

A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer. É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico. Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sintomas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia de sentido. (KEHL, *Ibidem*)

Entretanto, é preciso entender que a produção e montagem de si é um processo contínuo que nos permite pensá-lo a partir de uma metáfora.

Pensando na produção de um corpo masculino “saudável”, os processos revelam a existência de uma cadeia de fluxos que vão “dando forma” a esses corpos. A) Os animais não devem ser tratados com crueldade. Pensando a crueldade como o “prazer que se experimenta em fazer sofrer ou ver sofrer” podemos imaginar o contexto de surgimento dessa categoria de corpo. Os ambientes de academias de musculação criam todo um cenário propício para esses processos de passagem e iniciação. “Crescer”, nesse sentido, está associado a um sistema de dor e delícias, em que a dor é o meio para se alcançar o fim que é o corpo ideal. As delícias atuam em um processo paulatino com a dor, na medida em que afirma ao sujeito que é só nessa dupla conjugação que ele vai alcançar as medidas necessárias que o possibilitarão uma realização pessoal. B) Os animais não podem ser estressados desnecessariamente. Para que essa “passagem” seja o menos dolorosa possível é criado todo um cenário que acaba por tornar o corpo motivado. Um corpo motivado é possível por meio da presença dos espelhos e do olhar do outro que funciona como elemento de regulação e vão atuando como mensagens que catalisando as “passagens”. C) A sangria deve ser mais rápida e completa possível. D) As contusões na carcaça devem ser mínimas. A “sangria” é expressa nas contusões, machucados, ferimentos que acompanham o corpo nessa montagem de um outro. E como se quer produzir um corpo sadio, as contusões têm de ser mínimas. D) O método de abate deve ser higiênico, econômico e seguro para os operadores.

Como aqui é o próprio sujeito quem opera seu “processo de abate” as técnicas de higiene, economia e segurança são operadas por ele. É ele quem vai mensurar o grau de intensidade dessas técnicas, produzindo um corpo que é resistente à dor. O corpo, através de processos de repetição, vai se acomodando, se formatando, se estilizando de acordo o *modus operandi* específico que ali é apropriado pelo “sujeito-autômato”. Tornamo-nos estilistas de nós mesmos.

É possível, assim, falar de um corpo que vai sendo trabalhado para lançar-se, para estrear no espaço da boate? E se sim, que performances essa modalidade de corpo constrói, se apropriada para dá vida a esse “corpo meetiano”? De que forma esse corpo/performance/aparência vai incorporando signos que ensaiam, simulam, representam um tipo de representação específica que se pretende ser vista ali dentro? E que signos são esses? Nesse sentido, como a roupa vai criando um estilo próprio dos MEETIDOS?

As perguntas nos direcionam a etnografia que ali foi realizada quando nas minhas “noites na boate”. Estar lá nos possibilitou observar, perceber, sentir e experienciar de perto fenômenos que muitas vezes nos são caros de descrever em um trabalho de escrita. Mas ao mesmo tempo é o estar lá que torna possível uma escrita vivida, possibilitando-nos, a partir da imersão no universo do outro, desconstruir efeitos de verdades e recriar uma cartografia de possibilidades para se pensar a alteridade.

O que importa é a não fixação de caminhos absolutos de verdade: afinal, a realidade tal como se apresenta, fragmentada, exige atuações diversificadas, se o objetivo é transformá-la. Estar consciente da materialidade da experiência que nos cria em identidades e corpos, que nos designa lugares de fala, mas procurar excedê-los, perseguindo direções múltiplas, pois a vastidão do horizonte é como o arco-íris, sempre em vista, sempre distante... (SWAIN, 2002).

Os corpos que ali são representados pelos sujeitos demonstram a natureza daquela da casa que a torna particular na cena gay da cidade. A gramática dos corpos, conjugados como elementos de valor, vai sendo tecida desde a escolha do corpo e da roupa que se pretende ir à boate. Com que corpo ir? Que roupa melhor auxilia na minha apresentação/representação na boate?

Os corpos são investidos de significados dentro da cultura na qual emergem e, como diz Judith Butler, os discursos que ao mesmo tempo explicam os corpos também os habitam e se acomodam neles (BUTLER, 2007). Corpos descritos, reconhecidos e nomeados usando uma linguagem culturalmente construída, a partir de campos de saber que lutam politicamente para reivindicar o direito do dizer verdadeiro sobre os corpos. Por quê? Louro diz que “o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (LOURO, 2004, p. 80). E os corpos adquirirem a centralidade de *locus* de causa e efeito das masculinidades (SALIH, 2012)

A teatralização identitária, expressa na apresentação do corpo, da performance e, conseqüentemente, dos modos com os quais são representados e vistos no interior da casa demarcam a maneira de representar-se que é chancelada no lugar. O lugar, como possuidor de uma identidade, trabalha na reafirmação e consolidação de valores na tentativa de atrair um público gay específico da cidade, os gays *distintos*, os gays MEETIDOS.

Sendo assim, para estar junto daqueles dos MEETIDOS é preciso trabalhar o corpo até que ele adquira um *ethos* que permita um “estar junto” sem ser atingido pelos olhares atravessados que fazem falar negativamente daquele tipo de existência. Os queijos, presentes no interior da casa, são polissemânticos, criam lugares, demarcam, fixam e tornam visíveis aparências, comportamentos, possibilitam “um encontro”. Muitos frequentadores sentam ou

sobem nesses queijos, ficando mais expostos, exibem-se e são vasculhados pelos olhares, permitindo um encontro que é personificado no corpo. Os corpos autorizados, no sentido de serem pagos para estarem em permanente performatividade, os gogo boys, se apresentam “nus” (na parte superior do corpo), porém re-vestidos de sentidos, de significados, de valorações. A aparente nudez revela capitalizações híbridas, expressas não só nos corpos que escolheram que estar alguns “degraus acima” (queijos) dos outros MEETIDOS como alcança nos corpos performativos dos gogo boys sua expressão máxima. Uma aparente fluidez dos corpos pôde ser sentida na noite dos EUFÓRICOS.

O que não quer dizer que todos os corpos estavam “desarmados” de seus novos espartilhos construídos e representados por meio de um trabalho com um corpo que podia ser tanto ser expresso nos músculos e em uma “couraça” avantajada bem como na própria representação/apresentação que esse corpo fazia de si forjando um corpo que não existe a partir de algumas técnicas corporais.

O corpo aqui figura como objeto da salvação, com instância primeira e única do sujeito, ressaltando formas específicas de relações que são intermediadas pela lógica de uma sociedade liquefeita que pauta seus valores em signos objetivados, em uma espécie de corpo que se põe a serviço de si mesmo dentro de uma lógica maior de espetacularização da vida. O corpo aqui se estrutura a partir de uma noção de corpo pós-orgânico. “O corpo investido com toda a determinação passa a ser lugar dos mais alentados investimentos narcísicos, realizados de acordo com uma lógica inteiramente fetichista e espetacular (...) um objeto mais polido, mais perfeito e funcional” (BAUDRILLARD, 1995, p. 157).

É possível apontar um processo de criação/ identificação/ incorporação/ representação de um corpo MEETIDO na boate. A processualidade desse corpo traz à tona o caráter ritualístico dessa montagem. É preciso, nesse sentido, montar-se de MEETIDO, montar-se de DISCRETO, montar-se de MACHUDO para sentir-se percebido e desejado. As linhas de fuga, as possibilidades se fazem presentes, porém o espírito do tempo/momento que cria sentidos de realidade na casa é o da regulação.

### **3.1. Representações de um Corpo MEETIDO: A Performatividade de gênero**

O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003, p.200)

O corpo do MEETIDO não é somente corpo enquanto materialidade é também um conjunto de expressões, de gestualidades, de performances... Nesse sentido, pensar o corpo é

pensar no movimento, nos agenciamentos que são realizados no *locus* da boate que objetivam uma representação. Essas corporeidades-aparelho (tomando aqui o conceito da umbanda no que concerne à pessoa que serve de suporte para a descida do “orixá”) que por serem instáveis, efêmeras e plásticas montam-se e desmontam-se com certa facilidade, cedendo espaço para os “santos”- devires que só existem efetivamente quando incorporados nos sujeitos. Ou seja, a representação só se torna existência quando ganha uma morada para expressar-se, para existir: os corpos. Por esse motivo, esse corpo é intitulado de “corpore-rascunho” por Le Breton (2003)

amontoado instável e assimétrico de pele, músculos, ossos e cabelos eternamente em busca do desenho perfeito; não obstante, sempre em estado de rascunho, pois o encaixe ao corpo perfeito, ideal, precisa ao menos esperar a cicatrização dos pontos da cirurgia e o relaxamento das câibras musculares para seguir sua maratona infinita.

O representar-se está associado a uma performatividade de um gênero que se esboça internamente. Esse gênero é construído a partir das referências de masculinidades que são constitutivas da ordem heteronormativa. Um gênero que tenta reproduzir signos, valores, representações que estão intimamente associadas à figura do homem viril, do macho, do discreto... Esses modelos marcados pelo binarismo (discreto- afetado) e que se reproduzem nos corpos-performances-gêneros dos MEETIDOS reforçam as noções de atividade e passividade que foram e são construídas e corroboradas socialmente. Assim, percebemos que emergem ali dois gêneros que são feitos a partir da lógica da reprodução. O discreto, o machudo, o MEETIDO se faz assim a partir da repetição de um sistema de valores e práticas, observados e reeditados nos corpos-performances-aparências dos sujeitos. E aquele de comportamento desviante que, comumente, é classificado como efeminado, afetado, “*que dá pinta*”, ou seja, o menos MEETIDO.

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social ( BUTLER, 2009).

Nesta linha de pensamento enquadra-se o estilo-jardelina, apresentado por Mesquita (2008) em sua tese Políticas do vestir: recorte em viés. Pensar no estilo-jardelina é no inserir nesse modo de ser aquilo que Deleuze denominou de esquizo: um ‘processo’, uma passagem para fluxos que se aproximam de um potencial revolucionário, considerando-se as

determinações sociais e políticas que o termo carrega. Vestir-se, nesse sentido, é criar espaços de vozes, entendidas no seu aspecto polifônico e polissêmico, territórios de existência, tomados como devires.

Pensar no esquizo, a partir da figura de Jardelina da Silva é pensar em uma performatividade, em um fazer-se no qual o sujeito não preexiste à ação. Não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; o agente é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo (NIETZSCHE, 1998). Porém, o sujeito não é completamente livre para escolher o gênero que ele quiser, pois essa escolha é limitada, reduzindo suas possibilidades a um quadro regulatório altamente rígido.

Refletir acerca dessas realidades é essencial para evidenciar o quadro de inquietações acerca das realidades aqui contempladas. Uma das inquietações da pesquisa reside no seguinte fato: o que é ser gay masculino na boate MEET? A pesquisa, nesse sentido, caminha para uma discussão de corpo, gênero, homossexualidade masculina e moda, atentando para os modos de construção de subjetivações. Afinal de contas, esses sujeitos não são só imagem. Embora se esforcem para atingir uma imagem, para construir uma versão desejável de si, seus corpos perambulam e se confundem com diferentes formas de expressão, deslegitimando muitas vezes, a imagem que é forçosamente construída. Nesse sentido, esse caleidoscópio das aparências comunicam mensagens, evidenciando, portanto, lugares sociais diferentes que são ocupados por gays masculinos nesse espaço.

A representação de si e o pouco contato dos corpos parecem dar mais ênfase às imagens e ao *voyeur* (ver e ser visto) do que o próprio contato, o toque, o beijo, a pegação, enfim... A experiência do distanciamento nesse espaço parece ser bem mais presente do que a da proximidade. De uma experiência sinestésica, alguns sentidos ali, sobretudo o tato e paladar pareciam ausentes em boa parte da noite. A natureza da experiência dos MEETIDOS parece ser bem mais uma construção corporal, imagética e representacional de si do que àquela dos “desregramentos” dos mictórios, das pegações das saunas e cines da cidade, bem como de uma aparente liberdade de padrões das indumentárias, dos corpos e das performances, configurando em uma recriação e ressignificação de padrões já existentes nos espaços que apontam para a existência de modelos heteronormativos.

O gênero é um “estilo corporal”, um ato (ou uma sequência de atos), uma “estratégia” que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade; trata-se de uma repetição, de uma cópia de uma cópia, e crucialmente a paródia de gênero que Butler descreve não pressupõe que a própria noção de um original está sendo parodiada. (SALIH,2012)

Entretanto a inserção em uma cultura heteronormativa, em que nascemos, cria-se uma falsa ideia de referencial, naturalizando, assim, algumas modalidades de gênero, o que acaba por moldar o comportamento dos sujeitos, tomando como bases essas referências que, por estarem sujeitas à lógica da repetição, acabam apresentando-se como únicas e possíveis.

A teoria que defende a existência dos gêneros inteligíveis, dentro do padrão heteronormativo parece-me, embora se verifiquem avanços, ainda fazer parte do imaginário do grupo social gay. Para Butler (2003), os propalados gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que mantêm estreita relação e continuidade naquilo que se entende por sexo, gênero, orientação sexual e comportamento sexual. Para desconstruir tal teoria, a filósofa existencialista e feminista francesa Simone de Beauvoir proclama sua frase emblemática: “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”.

Pensando que nascemos e logo somos inseridos em uma cultura que age sobre nós, delimitando quem devemos ser, como devemos ser e onde devemos estar, adquirimos identidades quando o nosso corpo começa a romper com a cultura, a partir do entendimento do corpo que, de acordo com Mesquita(2008) atua como uma espacialidade de muitos lugares.

Antes de nascer para o mundo e para a cultura nós já nascemos para os nossos pais, na medida em que o tempo de espera por nossa chegada é aproveitado para criar um ambiente como se estivéssemos existindo. Isso se reflete desde a escolha do nosso nome, a cor e a decoração do nosso quarto aos nossos possíveis devires enquanto seres sociais e sexuais, o que é previamente estabelecido.

O surgimento de uma sociedade informatizada e de indivíduos que conferem às corporeidades um reduto de prazeres e satisfações pessoais, não mais atentando somente ao caráter procriador e perpetuador da espécie, trouxe questões do âmbito privado, individual, feito às escondidas, velado, silenciado e supostamente proibido ao enredo do cotidiano (PRIORE, 2011). Uma intimidade que antes não existia, hoje se banaliza, é descensurada, permitindo que os sujeitos criem e recriem seus territórios, construam linhas de fuga a partir de múltiplos modos de existência. Dialogando com Deleuze e Guattari (1997, p.43),

[...] quando eles dizem temos que cuidar de nossos devires, para não sermos carregados por nossas percepções ou memórias, que estão nos assediando a todo o momento, queiramos ou não. Não é o mesmo que falar em uma des-territorialização absoluta, pois seria a loucura ou mesmo a morte, mas de uma dinâmica constante de desterritorializações e singularizações autorreferentes: a heterogênese.

É pensar em uma pluralidade de sujeitos que ultrapassa a compreensão do sexo biológico e de binarismos e alcança a construção dos gêneros dos sujeitos, repensados a partir da teoria Queer . De acordo com Louro (2004):

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina.

É pensar nos simbolismos que residem no todo indumentário, em um linguajar próprio, tomado a partir do conceito de linguagem de Maturana (1999 p. 168) quando ele nos apresenta esse ato sob o ponto de vista ontogênico e biológico no qual participa toda a nossa dinâmica corporal, a saber, gestos, sons, condutas, posturas corporais e emoções, onde “o que fazemos em nosso linguajar tem consequência em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar”. É também igualmente pensar, corroborando com Butler (2001) que o gênero é igualmente um significado discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou o ‘sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura age.

Assim, pensar os corpos, os gêneros, suas performatividades e por que não dizer suas representações expressas nas aparências, nas vestimentas, nas modas, configuram em uma questão desafiadora, na medida em que se trabalha aqui com a ideia de que tais conceitos não podem ser tomados como prontos e acabados.

a ordem social deve sua permanência, em parte, à imposição de esquemas de classificação que, ajustados às classificações objetivas, produzem uma forma de reconhecimento desta ordem, forma que implica o desconhecimento da arbitrariedade dos seus fundamentos. Assim, a correspondência entre as divisões objetivas e os esquemas classificatórios, entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais, constitui o fundamento de uma espécie de adesão originária à ordem estabelecida [...], portanto, a subversão política pressupõe uma subversão cognitiva, uma reconversão da visão do mundo. (BOURDIEU, 1985, p. 96).

Em termos de gênero, ser homem hoje não é o mesmo que o ser homem de alguns anos atrás. As existências mudaram, estão em processo, em fluxo. No interior das sociedades de sujeitos conformes a manequins frios, apáticos, sem movimento, homogêneos, mascarados, conduzidos pelo espírito predominante do tempo, novas formas de subjetivações exigem lugares autorizados nos quais elas possam demarcar suas formas de existência, suas maneiras distintas de estar vivo. Em uma sociedade que estabelece a partir da cultura o padrão



heteronormativo como um limiar entre o “o indivíduo normal” e “aquele que está fora da normalidade”, viver se torna um fardo pesadíssimo, na medida em que se passa a enfrentar não somente a si próprio e as inadequações de anatomia, gênero, desejo e prática sexual (Butler, 2003) como também um “mundo” que vigia e pune, deixando à margem aqueles que de certa maneira fogem à regra. De acordo com Sanches; Sant’ana (2008, p.5) “a partir do momento em que heteronormativo está presente, as outras identidades são marginalizadas”.

Entretanto, a questão que está sendo posta aqui diz respeito às ressignificações/apropriações/ reproduções de modelos gestados e reproduzidos por uma cultura heteronormativa e que são incorporados, por um processo de ressignificação, possibilitando a existência de um *ethos* MEETIDO que é expresso na apresentação dos corpos, na performatividade do gênero, que se apresenta a partir de uma negociação/regulação contínua entre signos masculinos e femininos e no uso da moda como elemento mediador entre a coletividade e as subjetividades que são construídas.

As representações legítimas são aquelas que evocam o masculino, que expressam o masculino a partir de seus signos materiais, sobretudo, a roupa que auxilia os sujeitos no fazer-se de si mesmo. A roupa ou a ausência dela revela corpos sempre vestidos no interior da boate. O corpo nu, deste modo, encontra-se sempre vestido de significados que nunca o tornam efetivamente nu. Assim, é possível afirmar que o signo do masculino no território da boate é um signo de valor. A encenação de uma forma de masculinidade hegemônica limita as possibilidades de existência, homogeneizando posturas, gestualidades e performances, afirmando, assim, que só existe uma única maneira possível de ser homem. Assim, a performance dos corpos juntamente com a sua materialidade e atitude sinalizam a presença de uma masculinidade que se esforça para alcançar o modelo do machudo, do viril. Nesse sentido, se o jeito não ajuda para construir essa modalidade de identidade, a roupa, a barba, os tons neutros a aparente naturalidade forçada contribuem para a projeção de um macho, porém maquiado, macho este que só aparece na superfície, pois quando, analisado no fundo das aparências revela outras modalidades de masculinidade que divergem ou se distanciam das noções de centro.

### **3.2. “Homem com H”: A Roupa e o Estilo como expressão de um Corpo-Aparência Discreto**

- As pessoas que andam lá tem uma vestimenta muito padrão. Todo mundo vai de calça, calça jeans de uma tonalidade mais escura. Muito difícil ver alguém fugindo disso. Um sapatênis, um tenizinho. Aí a questão da camisa e da blusa que varia um

pouco. E também tem a questão do cabelo. Muitos deles mantêm um padrão heterossexual de ter aquele corte normal, usual, é, como é que eu digo, social ou então raspar logo a cabeça. Muitos deles mantêm esse padrão (entrevista realizada com João, estudante de Direito).

[...] - o que eu visto são tons mais neutros, nada com brilho, nada espalhafatoso. Assim, eu até acho legal outras pessoas usando, mas em mim acho que não combina. Eu procuro uma golinha “v” no máximo, assim, nada muito extravagante, nada chamando atenção eu não gosto (entrevista realizada com Pedro, estudante de engenharia).

Klisman: - E engraçado é que as marcas elas são muito voltadas para esse público gay machudo, sabe. Eu acho, gente, eu acho muito engraçado. Eu vou numa vitrine da Calvin Klein, eu olho assim, é a MEET.

Adrian: - Vamos listar as marcas que saem muito lá na MEET

Klisman: - Calvin Klein, Animale, Colcci (demais), Iury Costa, Diesel, Armani, sabe, e ostentação. A camisa tem que ter muito logotipo, sempre. Se não tiver logotipo, não tá valendo. Que eu acho um horror! Ou então aquele nome bem grande no centro Calvin Klein Jeans.

Adrian: - Ah, eles adoram o nome da marca bem...

Klisman: - Também não pode deixar de considerar: Hollister, Abercrombie, Aeropostale. Essas marcas são bem típicas de lá, sabe. Agora menos. Mas, digamos que, no geral, seja isso. Quando uma coisa se populariza muito, aí eles param de usar, entendeu? É bem perceptível isso. (entrevista realizada com Klisman e Adrian, ambos estudantes de moda)

A roupa como expressão mais próxima do sujeito constrói juntamente com ele o conjunto da aparência que atuará no processo de identificação da pessoa com o mundo. A estilização de nossas aparências fala algo de nós, nos expressa. A roupa, cumprindo sua função integralizadora e individualizante no processo de socialização e individualização dos sujeitos, atua na arquitetura de um corpo-aparência que vai sendo montado para ser inserido em uma determinada ordem social, em uma determinada cultura.

As vestimentas, nesse sentido, possuem forte poder simbólico, constituindo um dos primeiros atos de cultura do indivíduo. O mito do gênese é revelador para compreender essa fala. “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais” (Gênesis 3:7).

A materialidade da folha apresentando um corpo vestido traz à tona uma cadeia de signos que insere o homem na cultura. O homem, assim, ao descobrir sua nudez perde sua natureza divina e se torna terreno, temporal, tornando-se, assim, sujeito de cultura. Geertz (2008) afirma que

o conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo

a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Nesse sentido, somos homens produzidos e produtores de cultura. A cultura perpassa nossas mais elementares manifestações no mundo. Logo, o ato de significação da qual faz parte o vestir-se está amalgamado de um conjunto de expressões que definem uma determinada cultura no tempo e no espaço. Assim, não nos vestimos, não construímos signos estilísticos que nos identificam baseados no nada, mas nessa teia de significados que nós mesmos tecemos da qual nos afirma Geertz mais acima. Assim, “o vestir envolve gestos, comportamentos, escolhas, fantasias, desejos, fabricação sobre o corpo (e de um corpo), para a montagem de personagens sociais coletivos ou individuais, exercendo assim comunicação, exprimindo noções, qualidades, posições, significados” (MOTA, 2008).

Dialogando ainda com o campo da cultura na tentativa de construir alguns diálogos com a roupa atuando na construção de uma aparência, a roupa como signo de cultura se apresenta também como um artefato social, na medida em que ela se relaciona a um uso, uma técnica de fabricação e um significado, processos que estão ligados à cultura. O uso está relacionado a um processo de apropriação do sujeito da vestimenta. O uso pressupõe uma escolha. A técnica diz respeito ao conjunto de procedimentos utilizados que tornaram possível aquela vestimenta. Assim, o esculpir a materialidade de um tecido procurando criar os contornos do corpo de uma pessoa exige a adoção de métodos para tornar isso possível. Mas aqui nos deteremos a essa última noção apresentada que é a do significado. O processo de significar de acordo com o dicionário Aurélio está ligado a seguintes expressões: 1. Ter o sentido de; querer dizer; exprimir. 2. Ser sinal de; denotar. 3. Traduzir-se por. Então, podemos dizer, que esses processos estão ligados a elaboração de um corpo social, demarcado pelas noções de tempo e espaço, demonstrando que por mais que queiramos nos desligar completamente do todo social não conseguimos.

O travesti, nos casos paroxísticos, o disfarce, a moda, a atenção ao enfeite, o corpo nu que se constrói e que se mostra, tudo isso pode ser interpretado em função de uma “cosmetologia” transcendente. Assim como isso foi feito pela multiplicidade das práticas corporais de dominante terapêutica, seria preciso mostrar que, atrás de cada uma das diversas situações sociais referentes a essas maneiras de vestir ou desvestir o corpo, encontra-se uma figura arquetipal representando uma imagem ou uma força coletiva (MAFFESOLI, 1996).

A roupa também se torna documento/monumento quando se compreende a moda como patrimônio cultural. Le Goff (2003) afirma que o documento e monumento são materiais que imortalizam a memória coletiva. A roupa para ganhar o estatuto de documento é preciso ser

apropriada por alguém que confira essa qualidade a ela. Então, o documento está relacionado a uma escolha. Isso nos aponta que os documentos enquanto uma escolha estão ligados a relações de poder, evidenciando que história deve ser contada e sob que perspectiva. O termo documento vem da palavra DOCERE e significa “ensinar”; já o termo monumento, origina-se da palavra MONERE que significa “fazer recordar”, logo este último seria um vestígio, um sinal do passado. Assim, o documento atua com uma função “didática” de contar e ensinar um tipo de história, que vai se tornando única e possível a partir dos usos e apropriações da memória coletiva. Já o monumento na tentativa de “trazer à memória” ou “fazer recordar” fixa no tempo e no espaço noções/imagens valorativas que estão ligadas a relações de poder. Assim,

“o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador” (LE GOFF, 2003)

Portanto, compreendendo a roupa como uma construção histórico-social em que se levam em conta todas as condições nas quais ela foi feita e os discursos produzidos em torno dela, direcionemos nossas reflexões para a roupa enquanto elemento que atua na construção de uma subjetividade.

Como diz Simmel, “a mudança frequente de moda representa também uma sujeição considerável do indivíduo”. Homem de seu tempo, G. Simmel foi sempre ambíguo, ambivalente quanto ao indivíduo, seu lugar e suas ideologias. [...] A sujeição do indivíduo significa sua diluição num conjunto mais vasto, de que é apenas um elemento (MAFFESOLI, 1996).

Entender os modos de apresentação dos MEETIDOS, a partir da elaboração de um *look*, da combinação de peças que tragam signos de discricção e de “limpeza”, ajuda a pensarmos como esses sujeitos que se apresentam como gays “machudos” constroem suas aparências a partir dos signos das cores, das modelagens, das marcas, pensando em uma roupa que aqui atua para demarcar e reafirmar esses signos bem como para evidenciar um “parecer discreto”. A roupa aqui veste o corpo do MEETIDO de significados, garantindo visibilidade ao mesmo, expressão. O corpo, sob o signo da roupa, preenche o espaço da boate a partir do uso de uma performance moderada que não deslegitime a imagem que se está querendo transmitir através da aparência. Afirmando que nesse espaço não só o corpo, mas a construção de uma aparência de MEETIDO é um valor que garante visibilidade ao sujeito, tornando possível seu “livre trânsito” no espaço, é possível falarmos de uma existência, que se torna legítima, na

incorporação e na repetição de um *ethos* discreto, na afirmação ou negação dos olhares do outros.

Nos modos de vida atuais, a aparência, a imagem pessoal, guarda destaque como revelador do ser, da sua subjetividade. A dimensão imagética da vida social foi refletida por Maffesoli (1996) que denominou a contemporaneidade como mundo imaginal, em razão da força das manifestações imaginárias, simbólicas, aparentes, instituindo a teatralidade como modo de vida. E qual o lugar primeiro dessa teatralidade senão o próprio corpo, que produz uma autoimagem, conferindo ao sujeito a possibilidade de contar uma história, de afirmar quem é, poderíamos dizer de anunciar-se (MOTA, 2008, p. 24-25).

O Corpo-aparência do MEETIDO é um corpo-aparência-performance autômato. Autômato, a partir do dicionário Aurélio, está relacionado à: 1. Maquinismo que se move por meios mecânicos. 2. Aparelho que imita os movimentos humanos. 3. Pessoa que age como máquina, sem vontade própria. O lugar, a música, a luz, os sentidos vão formatando um corpo-aparência que não se move, que só observa, só encena, só teatraliza para tornar possível o jogo de sedução, pois o jogo tem no corpo-aparência sua instância primeira e máxima.

Em território “meetiano”, os corpos-aparências se mexem tentando acompanhar os sentidos da música, simulando uma presença que se dá por meio de ausências, pois a gestação e a representação de eu “machudo” implica na morte de outras possíveis imagens que o sujeito camufla. A batida vai criando e possibilitando movimento aos corpos. Quando a batida é um pouco mais intensa, ou os sentidos da música se intensificam, o corpo-autômato se vê regulado no olhar do outro e nos espelhos que vão sustentando esse corpo-aparência em compassos perfeitos que denotem a discrição e a moderação.

A penumbra da casa, a ausência de luz, o escurinho vão possibilitando conformações mais fluídas nos corpos. Uma performance diferente, menos rígida, existe, é possível, mas é preciso atentar que os sentidos que movem a casa são aqueles que criam espaços limitados na atuação dos corpos-aparências no espaço. A representação de si alcança por meio do aparato social que é construído sobre si a verdade de um homem discreto, másculo, “machudo”, que “não dá pinta” e que busca no outro a mesma forma de representação que tenta sustentar sobre si.

As indumentárias se compõem a partir do uso de calças jeans, malhas ou regatas que evidenciam o corpo, marcando-o ou desnudando-o. O uso de cores mais neutras, a saber, o preto, o branco e o cinza reforçam ali a presença de sujeitos que parecem estar preocupados em representar-se, em apresentar-se discretos, a partir de técnicas de si que moldam esses corpos-aparências convergindo-as para formas de comportamento que, culturalmente falando, que são associadas às noções de centro. A roupa, a construção de eu masculino por meio dela

possui voz, porém ela sozinha para construir a representação de um corpo social se torna fraca, insuficiente, inaudível, na medida em que nossas representações não dependem só de elementos materiais, mas, também, de elementos imateriais, no qual insiro as gestualidades, as performances... A atuação de outros de si só é possível a partir de um conjunto de elementos, criando todo um cenário para a hora da estreia. A roupa serve para cobrir o corpo de significados. Tais signos procuram dá mais ênfase ao está por detrás, abaixo da materialidade da roupa do que a roupa propriamente dita. A roupa do MEETIDO atua como entremeio, mediando às relações corpo/espço.

*De vez em quando eu ouvia/ Eu ouvia a mãe dizer: "Ai meu Deus como eu queria/Que essa cabra fosse home/ Cabra macho prá danar" / Ah! Mamãe aqui estou eu /Mamãe aqui estou eu /Sou homem com H /E como sou!..* O “Homem com H” cantado por Ney Matogrosso nos revela como são construídas as noções em torno da existência de uma única forma de masculinidade e como são reforçadas e educadas na tentativa de formar um “Homem com H”.

Assim, o “Homem com H” é o modelo para o gay MEETIDO, gosta de mostrar o corpo, expressa sua vestimenta por meio da apropriação de marcas estrangeiras, das pessoas nas quais está acompanhado, do capital da beleza que porta, na bebida que bebe exhibe, na performance que adota, nas múltiplas formas como ele experimenta uma noite na boate.

Na MEET, o capital-aparência abre caminhos para encontros. Os corpos-aparências libertam-se parcialmente de suas armaduras sociais e se “jogam” em um enlace com outros corpos. A estetização de um corpo-aparência, coberto de signos do “Homem com H” possibilita o corpo-aparência sair de uma condição de inércia e movimentar-se a partir de seus sentidos. Boca, língua, mãos, sensações, corpos são partilhados, divididos em troca da obtenção de um prazer mais concreto que ultrapassa a dinâmica do ver e ser visto.

Tudo contribui para isso: multiplicidade das vestimentas, profusão das mensagens publicitárias, colcha de retalhos das construções arquiteturais. A vida urbana é mesmo a das aparências. O espetáculo cotidiano não está mais acantonado a lugares fechados, capilarizou-se na rede densa do mundo físico e social (MAFFESOLI, 1996).

Os signos vestimentares e os signos expressos na ausência da materialidade da roupa mostram que as expressões do indivíduo a partir da fabricação de uma pele estendida são reveladores para se pensar na aparência como uma forma primeira de comunicação. A dinâmica que uma boate cria não possibilita outras formas de apresentação que não perpassse o capital aparência.

Uma montagem/desmontagem de aparências que são corporificadas de acordo com as sinalizações que o momento vai criando revela que a existência social nesse lugar está assegurada por uma “constelação” de elementos que vão nos projetando para o outro.

Lembremos que o tegumento permite ao grão existir. Pelos, pele, penas, escama... garantem proteção e revitalização do corpo. É assim com o corpo social: a aparência é um elemento intrínseco de sua composição. O bom senso não se engana, quando vê no “estar bem em sua pele” o indício de um inegável equilíbrio. Torna-se a encontrar esse equilíbrio nas sociedades que sabem gerir bem os diversos jogos da aparência (MAFFESOLI, 1996).

As imagens contidas no site da boate registradas na ocasião de algumas festas promovidas na casa vão costurando uma imagem que é própria da casa e dos seus frequentadores. A imagem que é exposta procura fixar e identificar que representações, quais expressões figuram como valorativas e enunciadoras do MEETIDO.

No que tange ao binômio roupa-estilo, podemos afirmar há uma identidade mais fixa nesse modo de exposição do MEETIDO. O MEETIDO se utiliza da moda para resolver núcleos obsessivos de seu pensamento parafraseando Simmel (2008). Ele negocia com o estilo que predomina na boate, rendendo-se em alguns aspectos e adotando um estilo mais padrão, mais uníssono, porém “escapa” em outros aspectos, dando voz a uma polifonia que refletem uma natureza mais própria daquilo que ele é. A aparência do MEETIDO em suas múltiplas formas de anunciação vai concebendo um estilo MEETIDO.

De minha parte, considero que é em torno de quatro pivôs essenciais que a estética social parece se organizar: a prevalência do sensível, a importância do ambiente ou do espaço, a procura do estilo e a valorização do sentimento tribal. É importante ter isso em mente: valorizar a aparência é, de um lado, escrever as formas em jogo (estáticas), e é, do outro, apreciar suas articulações (dinâmicas). É esse conjunto que qualifico de formismo, é esse conjunto que, no sentido forte do termo, pode caracterizar a cultura num dado momento (MAFFESOLI, 1996).

O uso predominante de calças jeans em cores mais escuras, lavagens mais uniformes, modelagens mais justas aponta para composições que ressignificam um padrão que a cultura estabelece como único de masculinidade. As blusas, apresentando um caráter mais diversificado, revelando que há obediências e subversões na dinâmica que os sujeitos estabelecem com a casa. Cores, de uma maneira geral, mais neutras, apresentando vez por outra uma estampa; nomes de marcas que figuram na maioria das vezes em uma posição de destaque; regatas, blusas de malha, algumas em gola “v”, blusas em estilo social, camisas gola

polo, listras, xadrez vão sinalizando, desenhando uma cartografia para essas aparências, reafirmando um modelo fixo e diferenciador no modus de vida desse gay *distinto*.

Tratava-se mesmo de compreender que a estética, enquanto sentimento comum, é um elemento da *physis*, da força espontânea e irreprimível que dá origem regularmente à vida das sociedades. Sentimento e físico estão ligados. A sabedoria popular não fala de “átomos curvos” para descrever o que, além das racionalizações, une as pessoas entre si? Assim, a vida como obra de arte só é a expressão visível de um fluxo vital oriundo do “roçar” de objetos materiais (o mundo natural) e de objetos imateriais (do mundo das representações). A “forma” e suas diversas incorporações só são, de certo modo, o fruto da interatividade, da interdependência dos elementos que acabamos de evocar. Ou ainda, a “forma” é a mediação entre eu e o mundo natural e social (MAFFESOLI, 1996).

Assim, sujeitos complexos vão se reduzindo a “forma”, a aparência como primeira e às vezes única maneira de comunicar sobre si. A “forma” representativa se corporifica para dá sinais de realidade ou para criar uma realidade que está fundamentada na lógica da simulação de si. Roupas, cores, modelagens, marcas, cortes de cabelos, óculos, acessórios, a barba ou a ausência dela, toda a composição do *look*, em seu conjunto, “dão forma” aos sujeitos e informam os sujeitos. Deste modo, essa estética social passa por uma série de ritos para representar-se no “palco” da boate. A estética vai maquiando as aparências dos sujeitos criando máscaras, efeitos de realidade que só a moderação ou a ausência completa da luz dá a existir. Os efeitos de sentidos deflagram uma aparência artificial, em êxtase, que se regula, se pavoneia em um exercício contínuo de ver-se nos espelhos e na busca de afirmação do outro. O encontro com o outro só se torna possível quando os sujeitos marcam primeiro um encontro com a superfície deles mesmos e conciliam suas subjetividades para que uma delas sobressaia às outras, encenando um teatro em que os personagens principais só são relegados aos “Homens de Verdade”, aos “Homens com H”. Assim, os demais atuam como meros coadjuvantes. Aqui, a verdade dos sujeitos é aquilo que se vê.

### **3.3. Meu Corpo, minha salvação: Formas, Exibição e Voyeurismo)**

O corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. [...] Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência torna forma através da fisionomia singular de um ator, Através do



corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007).

O corpo já vem sendo apropriado há algum tempo por diversas áreas do conhecimento. Entender e problematizar a existência de um corpo que perpassa a dimensão do biológico nos direciona a uma questão de caráter ontológico. O corpo como primeira instância do contato do homem com o mundo passa a ser revisitado em uma época em que ele alcança expressão máxima na vida dos sujeitos. É pelo corpo e pelas marcas que deixamos nele que somos reconhecidos como pertencentes a uma dada cultura. É no corpo onde expressamos nossas emoções, nossas dores, delícias e prazeres. Tudo se dá por ele. Ele é o meio e o fim de todas as coisas.

Atualmente, devido a um maciço investimento imagético podemos falar de uma entidade-corpo, ou ainda de um corpo-vedete ou corpos-espetáculo, caracterizado por cristalizações das experimentações corpóreas contemporâneas, centradas, sobretudo, na superexposição através da mídia (SANDER, 2011).

A primazia da aparência na comunicação de identidades reafirma que “A teatralidade dos corpos que se observa hoje em dia é apenas a modulação dessa conduta: a forma esgota-se no ato, é pura eflorescência, basta-se a si mesma” (MAFFESOLI, 1996).

A dimensão alcançada pela cultura em nossa sociedade nos possibilita pensar em um corpo que se metamorfoseia, um corpo que transcende aos aspectos biofísicos e que se reescreve, se reinventa, se recria, sugerindo que sua organicidade é um pretexto no qual a cultura age, tornando possível a existência de um corpo-devir, um corpo-experimentação- de-si-mesmo, um corpo marcado pelo signo da fluidez e da maleabilidade.

O invólucro tem (é) valor erótico, ele cimenta um dado conjunto, atinge seu ponto culminante na *kula* (troca cerimonial), que é o momento paroxístico onde a comunidade fortalece seu estar-junto. O detalhe que dá Malinowski é eloquente: os dentes, a cabeleira, a pele, os cílios, os olhos... tudo entra na constituição dessa ordem erótica. E vê-se bem como a estética é fator de coesão, e isso graças aos rituais que ela supõe. O corpo é colocado “ em situação” num ambiente natural e social, ele não é, por isso, nem desvalorizado nem superestimado. Invólucro envolto, a aparência inscreve-se no sentido global que uma sociedade dá de si mesma (MAFFESOLI, 1996)



Figura 2. Performances dos bailarinos do Face On Face, coordenado pelo paulistano Diego Cruz

Sendo assim, nosso corpo se torna um grande laboratório, espaço de testes, de experimentações. Nosso caráter autopoietico tem nos levado a desafiar os limites orgânico-funcionais do corpo, reelaborando novas condições de existência, revelando-nos como sujeitos possíveis, de corpos possíveis, de aparências possíveis...

É possível então falar de um corpo-sem-órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1999), entendendo o corpo como um espaço de possibilidades, de linhas de fuga, de recriações, de um devir-artista-de-si-mesmo. Esse corpo não está ligado à organização, mas é um corpo em fluxo, um corpo marcado pela inconstância, por um nomadismo itinerante, no qual tornamos um curto período de tempo estranho de nós mesmos, não nos reconhecendo enquanto aquilo que até tão pouco tempo nos definia. Assim, trocamos de corpo como mudamos nossa roupa, nosso estilo. O surgimento de um supermercado de estilos possibilitou-nos escolher que roupa melhor nos representa que estilo melhor comunica quem nós queremos ser naquele momento. É um jogo contínuo em que o parecer é ser. E tudo isso ressoa no corpo. “O corpo se tornou nosso "enchimento". Frente ao risco de esvaziarmo-nos, fomos preenchidos. O corpo recheia o humano. Talvez mesmo- a crer nas propagandas - lhe dê algum sabor... Senão, no mínimo, lhe confere algum saber” (SANDER, 2011).

Mas não é desse corpo que podemos falar aqui. O corpo que emerge na MEET está mais relacionado a um corpo-identidade, a um corpo-unitário, preso aos modelos, às regras,

que receia lançar-se no novo, no desconhecido, preso a um campo limitado de atuação. Um corpo que tende a homogeneização, um corpo-autômato que se movimenta a partir de estímulos da música, do escuro, da paquera, dos jogos e que sobrevive na clandestinidade, na simulação, a partir de uma técnica de encenação que tem no corpo, nos músculos, na roupa, na performance seus principais elementos ficcionais, pois é um outro que ali é negociado em uma espécie de “marionetização” de si mesmo. De maneira muito lúcida, Sander (2011) diz:

[...] há, de saída, pelo menos dois modos distintos de se entender e experimentar o corpo: um, que o quer evidente e palpável, e, ao evidenciá-lo e materializá-lo, elide seu devir, sua processualidade própria, afastando-o da fratura e da necessidade de invenção que se produzem na sua dinâmica relação com a subjetividade, isto é, um corpo transformável, mas sem paradoxo: corpo-identitário e sua correlativa subjetividade. E há uma outra corporeidade, um outro modo, nada evidente, inquieto, que explora potências inauditas, extemporâneas, que se quer e que necessita reinvenção: corpo-devir, ou corpo vibrátil, que compõe com uma subjetividade-corpo. O primeiro modo se situa no interior mesmo do dispositivo, e lá permanece, resplandecendo sua identidade (corpo = corpo) e repetindo práticas e discursos que, mesmo que implementados, não fazem mais que manter a esQUIVA à processualidade, co-estendendo-a às linhas de subjetivação. Já no segundo modo, que parte do dispositivo, mas nele não permanece pois se quer processual e passagem para os fluxos, é que podemos entrever um limiar em que corpo e subjetividade se aliam na potência do devir, no exercício da criação.

Assim, o corpo do MEETIDO se apresenta como corpo-conformado, um corpo que incorpora, assimila, apropria signos que permitem uma apresentação, uma performance, em que o performer (o ator) vai a partir de uma trama que lhe é supostamente conhecida elaborar, esculpir, moldar, criar uma condição de atuação a partir de uma coerção que funciona tanto de maneira centrípeta como de maneira centrífuga. É um movimento que é via de mão dupla, centrando-se no “autocontrole”, em um “decoro social externo” que é performatizado para possibilitar uma atuação mais próxima das noções de discrição são construídas, projetadas e fixadas em um corpo que se traveste de signos de uma masculinidade dominante que é resignificada para “parecer” real.

Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir – tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não

deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e à geração simulada das diferenças. (BAUDRILLARD, 1991, p. 9)

Os vídeos produzidos pela casa que publicizam uma imagem da mesma, associando-a a um espaço de gays *distintos* da cidade são trabalhados a partir da produção de significados, que possam fixar noções valorativas no imaginário social. O corpo em quase todos os vídeos emerge como elemento apriorístico dos sujeitos. O ser, portanto está associado a ter um corpo.

O *teaser* da festa “Sete Pecados”, festa mais antiga promovida pela casa e que esse ano está na sua décima edição trabalha em torno dos signos dos Sete Pecados Capitais. O vídeo procura trabalhar com os sentidos, as sensações, convidando-nos a pecar. Desmitifica, assim, a noção tradicional de pecado. Ir para festa, portanto, é se predispor ao pecado. O pecado emerge ressignificado. O pecado aqui não parece ser aquele do mito do gênese que expropriou o homem de seus direitos “naturais”. O pecado aqui é o que move os corpos, excitando-os, hipersensibilizando a epiderme dos corpos, sinalizando para um “paraíso” que é não parece ser em outro lugar senão aqui.

O pecado da Preguiça “ganha corpo” em um território específico. Um *lounge zen* todo arquitetado para a livre fruição desse “pecado” tem pessoas autorizadas para cuidar desse corpo que se entrega às suas próprias vontades. Massoterapeutas vão dando maleabilidade a esse corpo preguiçoso e avarento. O corpo aqui é estimulado para descansar. Todo um cenário traslada esse corpo-indivíduo, possibilitando fugas de um mundo prosaico, marcado pelo peso da forma e rigidez, conduzindo-o, mesmo que instantaneamente, a um mundo poético, caracterizado pela fluidez, pelo “relaxamento”, pela introspecção...

A Soberba emerge como pecado que investe esse corpo de uma natureza plástica, pois representativa. O caráter altivo do corpo soberbo é marcado pelo signo da “passassão”. Se passar aqui está associado a processos que envolvem uma criação/enaltecimento/afirmação de um outro que se quer projetar. O corpo soberbo é um corpo que é expresso pela rigidez, pelo não contato. O corpo soberbo opta pelo distanciamento, ao invés das aproximações. As aproximações só se dão entre seus pares, aqueles que se apresentam “no mesmo nível” deles. Assim, o corpo soberbo que emerge é um corpo que se “passa”.

O pecado da Luxúria toma conta de todos os espaços em que os corpos estão presentes. Todas as formas de “pecar” acabam convergindo para a luxúria, na medida em que os corpos parecem terem sido fabricados para estarem sexualmente ativos permanentemente. *Gogo-dancers de tirar o fôlego/a presença do DJ Bruno Pacheco, um dos DJs mais lindos do*

*Brasil com uma nova performance que vai agitar seus hormônios aliada dinâmica do olhar, da exibição, da paquera, da “cassação”, das múltiplas formas de apreciação e experimentação dos corpos garantem ao indivíduo sentir o máximo de prazer , um prazer que perpassa todas dimensões sensoriais do corpo, um corpo que é “feito” para excitar.*

O pecado da Gula se apresenta de maneira sugestiva, “pondo à mesa” *várias delícias numa mesma noite. A Avareza sinaliza promoções imperdíveis para salvar seu bolso. A Ira garante pistas iradas de inveja preparando todo um panorama que é montado a partir desse caleidoscópio de sentidos que vão sendo costurados para o lançamento da off-club mais épica de Fortaleza. Um paraíso artificial é criado para receber os corpos Vaidosos que espetacularizam suas existências sob a égide do simulacro.*

Os simulacros são experiências, formas, códigos, digitalidades e objetos sem referência que se apresentam mais reais do que a própria realidade, ou seja, são “hiper-reais”. Como ele escreveu: “A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real”. Assim, Baudrillard entendia nossa condição como a de uma ordem social na qual os simulacros e os sinais estão, de forma crescente, constituindo o mundo contemporâneo, de tal forma que qualquer distinção entre “real” e “irreal” torna-se impossível. (SIQUEIRA, 2007)

Os Sete Pecados Capitais não representam só uma festa que ferve o público gay de Fortaleza. Além de se configurar em um negócio no qual envolve profissionais diversos, atraindo turistas, gerando renda e reconfigurando os espaços da cidade, também é um evento que possibilita uma invenção de “mundos plurais”, que se erguem paralelamente “mundo lá de fora”, colocando as corporeidades do sujeito à prova a todo instante, através da Gula, da Avareza, da Luxúria, da Ira, da Soberba, da Preguiça, da Vaidade...

Aqui, no mundo dos MEETIDOS, os Sete Pecados Capitais não são significantes que traduzem uma ideia de desvio à norma divina, mas se configuram em atitudes humanas que tem na própria humanidade sua razão de ser e existir. O ato repetido, parodiado, do pecado ao invés de enfraquecer esse homem, fortalece-o. Então ser humano aqui não está relacionado à ideia de fraqueza, de impotência, de vulnerabilidade e de assujeitamento a uma lógica mundana fundamentada no pecado, mas qualifica um sujeito que vê na sua natureza o próprio tonificante de sua existência. Esse sujeito parece existir para pecar. O pecado, nesse sentido, não anula o caráter “divino” do homem, mas catalisa uma forma de divindade que tem nessa humanidade temporal, limitada, cíclica e finita sua mais aproximada personificação. “A fruição do momento presente, o culto de si próprio, a exaltação do corpo e do conforto passaram a ser a nova Jerusalém dos tempos moralistas”. (LIPOVETSKI, 2005)

Essa fruição do tempo presente, essa forma de viver o corpo e sentir-se inteiro a partir dele demonstra uma áurea salvacionista que tem nos espelhos que revestem as paredes da boate um espectro do eu MEETIDO.

O jogo dos espelhos vai apontando para uma repetição padrões que se expressam nos corpos-aparências e vão estabelecendo uma dinâmica do exibicionismo e do *voyeurismo*, porque não é necessário só ver-se a partir de sua imagem especular, mas ser visto e percebido pelo olhar do outro, legitimando-se e sendo legitimado. São os espelhos que vão atuando na construção de um outro de si, pluridimensionando a realidade que lá é ensejada.

Realizando-se com um fator de estranhamento e, como as duas faces da mesma moeda, “o duplo funde o destino de duas pessoas num só. O duplo implica em ser, paradoxalmente, uma coisa e outra, na medida em que o sujeito se descobre no percurso da própria alteridade. Numa espécie de jogo em verso/reverso, o indivíduo desvenda a outra parte esquecida de si mesmo e esse desvelamento pode ser influente na construção egoica: “o duplo é base da identificação do ego, pode levar a pessoa a autopercepções significativas”. Dessa forma, o duplo apresenta significado simbólico de desenvolvimento pessoal do ser. Mas esse crescimento só acontece quando o sujeito identifica/percebe os desejos internos do duplo e se deixa conduzir por suas orientações. Crescer mediante o duplo requer do indivíduo abertura para sua função de guia do espírito. (WALKER *apud* SOUSA; BARBOSA; COUTINHO, 2013)

Assim, estar em território meetiano é lançar-se à lógica do lugar, aos efeitos de vertigem que a casa na sua conjugação com os corpos-aparências-performances cria, tornando aquela experiência única e real. A noite com sua magia, seus disfarces, suas verdades contextualiza a experiência do MEETIDO em um processo de negação/afirmação de signos que à luz do dia ganham outras dimensões.

### 3.4. É possível falar de um Corpo Gay em Território Meetiano?

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera

Ser o verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

Quem sabe

O Super homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher. (Música Super-Homem, a Canção de Gilberto Gil).

É possível falar de um “Corpo Gay MEETIDO”? E se sim, como esse corpo se engendra no território da casa? Que marcas são inseridas nessa forma de feitura de uma Corporeidade Gay Específica que emerge dentro do espaço da boate? A que signos ela se liga e de que modo ela pretende ser vista?

O corpo do MEETIDO é um corpo marcado pelas marcas do “trabalho”, da representação. O corpo do MEETIDO é elaborado por uma feitura que o cerra em um tipo de moldura imagética que espectra o modo masculino de ser homem heterossexual. O corpo do MEETIDO então só se torna possível quando traslada de um universo gay marcado pela pluralidade para um outro, circunscrito pela rigidez, estaticidade e fixidez nas formas de ser homem, o que acaba por revelar uma certa inadaptabilidade e receio em relação ao desconhecido. Isso se torna evidente, sobretudo, nos corpos que vão para "caçar" na boate.

“Caçar” a presa exige, portanto, um preparo físico e psicológico dos sujeitos. “Caçar a presa” no território da boate está ligado a processos de reinvenção de si mesmo, de remodelação, de readequação, de controle dos corpos.

Em um período que o ser gay envolve um processo de pluralidades, de possibilidades, de visibilidades, o estigma do homem macho, viril, ativo, discreto e dominador ainda se faz fortemente presente. Nem na prática nem no discurso estamos ilesos desse processo que se reproduz a todo instante sob a lógica de uma relação binária de poder. Construimos e corroboramos esses ideais, demonstrando que, embora frente a uma pluralidade de modos de ser e estar no mundo, ainda somos fortemente marcados por uma lógica heterossexista nas formas de se fazer homem e mulher. Sendo assim,

Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir “seja mulher” como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. Sem ter plena consciência disso, agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço. O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua masculinidade. “Prove que é homem” é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente (BADINTER, 1993, p..3-4).

E esse desafio na feitura de um homem masculino não está ausente em alguns "modos de vida gay". Se a cultura e a mídia foram responsáveis por construir uma ideia de homossexualidade associada ao efeminamento, muitos gays em suas redes de sociabilidades que engendram, que torna possível uma manifestação de suas preferências, evidenciam em suas falas que “se é pra gostar/se interessar/ficar com um homem, que ele seja masculino”, sugerindo, assim, uma única forma de vivência do masculino.

Ser masculino então nesse contexto é estar marcado por sinais de atividade, de dominação, de hierarquia, de poder... O discurso dos sujeitos que se apresenta como "natural", no que diz respeito à questão do desejo de homens que justificam uma atração apenas por outros homens que apontem esses sinais *distintivos* de ser homem, longe ser “natural” está mergulhado em um sistema cultural que vai construindo redes de significados sobre eles em direção a uma espécie de naturalização do discurso da libido. O desejo sexual passa a ser naturalizado no discurso e na prática, deslegitimando sua natureza histórica e social. Os corpos assim se tornam grandes depositários de inscrições que fazem dizer que o masculino e o feminino precisam ser educados reiteradas vezes para se afirmar enquanto tal.

Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria existências. [...] nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (FOUCAULT, 1984, p.27)

Sendo assim, o ser homem e o ser mulher nos sinalizam a emergências, a processos que desencadeiam em uma série de registros que são inscritos nos corpos dos sujeitos, rotulando-os, categorizando-os, limitando-os. O masculino passa a ser marcado por uma infinidade de sintagmas corporais que vão fazendo o homem “mais homem”, “mais masculino”. O mesmo processo acontece com a mulher.

Nesse sentido, Barba, Pelos, Falo, Vagina, Músculos, Gestualidades, Roupas, Acessórios, Pinturas vão imprimindo um modo particular de ser homem e mulher na superfície do corpo, reiterando um masculino e um feminino que só existe quando perpassado por marcas simbólicas que reafirmam sua natureza de ser.

Tradicionalmente, a masculinidade se define mais por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, P.117).

Sendo assim, é possível observarmos se realmente há um Corpo Gay MEETIDO que começa a ser agenciado desde a fila da boate. A intenção aqui não é provar sua existência, mas problematizar a tessitura de um corpo, que a partir de suas formas de composição, exibição e “atuação”, vai se erigindo na MEET.



A partir de uma espécie de observação etnográfica efetuada com minhas idas itinerantes a casa e pelos acessos que tive a fotos, vídeos, *flyers* de divulgação de festas, dentre outros materiais, me foi possível mapear alguns elementos que vão constituindo e “dando forma” a um corpo gay MEETIDO.



Figura 3. *Flyer* de divulgação de uma das festas promovidas pela casa

Em uma grande maioria, esse Corpo aparece marcado pela “definição”. Um Corpo que se apresenta na casa duro, rijo, exercitado, “trabalhado”. Esse corpo – ainda em obra- para manter a discrição é ornado por marcas que vão sendo inseridas nele e que vão se projetando da pele.

A começar pelos músculos, em maior ou menor quantidade, sua presença forte e homogeneizadora vai revelando sob que condições se dão o “encontro”, marcado pela moderação, pela abstenção de possíveis excessos, pelo decoro. Esses “excessos” que emergem apontam para um Corpo Indecoroso, um corpo que desfere, um corpo ainda não

trabalhado, um corpo que ainda marcado por sua “porção mulher”. Assim para se apresentar no espetáculo da noite se faz necessário que lapide esse Corpo, marcando-o de uma “aparência masculina”, de uma “performance masculina”, de um “cheiro masculino”, em uma tentativa maquiada de padronização dos corpos criando uma falsa ideia de pertencimento.

Para que o corpo seja passível de exposição, ele precisa passar integralmente por um processo de investimento pelo biopoder, que não apenas produz os corpos, mas que, sobretudo, os faz circular e mover dentro da “paisagem biopolítica” (HARDT & NEGRI, 2006:43)

Esse modo de “controle” que o biopoder torna praticável e que é gestado na própria estrutura psíquica do indivíduo encontra-se já disseminado nas múltiplas formas de se organizar o poder em nossa sociedade. As formas de vivenciar o poder assumem hoje outras conotações. O poder não se encontra mais concentrado nas grandes instituições panópticas que procuravam normatizar, disciplinar o comportamento dos indivíduos. O olho panóptico que na sua natureza de alcance de querer observar todo movimento dos sujeitos, materializado nas grandes instituições normatizadoras do século XVIII, criava uma ambiência marcada por uma espécie de controle coercitivo, um controle *out*, que se gestava fora do indivíduo.

Segregados em lugares fechados, a visão holística do olhar podia ser implementada na tentativa de controlar cada atuação dos corpos. Uma espécie de voyeurismo incompleto se verifica aí. Uma forma de ver sem ser visto e de ser visto sem ver por quem está sendo observado.

[...] o biopoder implanta-se de certo modo no poder disciplinar, ele embute e integra em si a disciplina, transformando-a ao seu modo. O biopoder “não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes”. (FOUCAULT, 1999)

O biopoder, diferente do olhar *out* expresso no panoptismo, se configura em um olhar *in*, que parte de dentro do próprio o sujeito, a partir do entendimento de que aqui o controle não está mais centralizado em poderes localizados, mas que ele que se encontra em sua forma intersticial, alcançando todas as dimensões da vida coletiva e individual.

As formas de controle que hoje regem o comportamento dos indivíduos estão em disseminadas, em fluxo, *en passant* e captam um contexto marcado por uma certa instabilidade e indefinição dos indivíduos. Mas é preciso relembrar que, lado a lado, desse desprendimento do sujeito a partir das configurações identitárias herdadas de uma pós-modernidade ou hipermodernidade convive uma forma de viver ainda assinalada por uma ideia essencialista de vida e de sujeito. O sujeito aqui se revela inapto e avesso a mudanças

estruturais que recriam as condições de existência em sociedade, revelando um sujeito que vê sua vida como um devir.

O “Homem” que sugere Gil em sua canção surge em território meetiano como o grande reprodutor de um sistema de binarismos que exclui o diferente, porque teme a diferença, segregando a partir de uma afirmação reiterada e marcada pelo discurso de poder de que, embora partilhem de alguns aspectos que torne possível um “estar juntos”, efetivamente eles não estão juntos. Estar juntos de corpos não se configura estar juntos de almas.

Assim, os homens *distintos* da capital alencarina residem em uma área nobre da cidade, afastados de toda uma cadeia de territórios que demarcam uma cena gay na cidade por pretenderem-se conhecidos a partir do signo da distinção, da discrição, da diferença, mediada por uma biossociabilidade (Ortega, 2008). Logo, os sentidos das relações que aproximam esse Homem à alteridade são mediados a partir das relações de Poder.

Criam-se novos critérios de mérito e de reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico. As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude etc. (ORTEGA, 2008,p.153-4).

Pensando assim, repensar uma categoria de sujeito tal como nos propõe Butler a partir dos diálogos possíveis com a Teoria Queer é nos concentrar, sobretudo, nessa alteridade meetiana, como uma fratura, uma quebra de um modo de ser homem que cinde a natureza homogeneizadora da casa e que não admite ou que apaga dos Corpos Gays MEETIDOS sua “porção mulher”, tornando visível uma forma de ser *in* e outra *out*, o que marca uma convivência marcada por atravessamentos e rupturas. A voz dos *in* é de manter a ordem. Já os *out* desestabilizam as formas de ordenamento quando instituem e tornam conhecidas e vividas formas de vida até então novas e desafiadoras, expressas na fala de Foucault quando ele diz: “Acho que o que mais perturba quem não é gay é a forma de vida gay, e não os atos sexuais. (...) O que muitas pessoas são incapazes de tolerar é a possibilidade de que os gays sejam capazes de criar tipos de relações não previstas até agora.” Para não finalizar à discussão, evoco a presença do “Super Homem” cantado por Gil para que ele “venha nos restituir a glória / Mudando como um deus o curso da história/ Por causa da mulher”, pois “se homem feminino não fere o meu lado masculino”...

#### **4. DISTINÇÕES *IN* E DISTINÇÕES *OUT*: IDENTIDADES NO ESPAÇO MEET**

A norma do sujeito gendrado é a definição de uma identidade em oposição à outra, entre o “aceito” ou “não aceito”, entre o “normal” e o “anormal”. Desde o nascimento da pessoa é imposto: menino ou menina? O ultrassom resolve. Sendo menino, poderia até brincar de boneca, vestir calcinha, furar a orelha etc., mas, não. Os pais, avós, tios, primos, irmãos, a sociedade, enfim, não lhe dão permissão. Mas, vai se chamar, Mateus, Marcos, João, Ezequiel, Jeremias, Paulo, Jesus..., Deus? - Ninguém ousou! Usará roupinha azul, amarela, branca, rosa. Opa! Rosa!? Não!!! Rosa é de (MARIA, MARTA, ESTER, APARECIDA, ASSUNÇÃO, AUXILIADORA, SARA...). A menina pode brincar de carrinho, desde que não perca a sua “feminilização”, mas, fica estabelecido que carrinho, bola, pipa, videogame são de menino, para convalidar a sua “masculinização”, e boneca, casinha, panelinha, batom, sapato de salto, o primeiro sutiã, estes são de menina. (ARAUJO, 2011, p. 36)

Pensar o espaço MEET como um espaço do possível é considerar que, conjugadas a uma identidade que predomina no espaço da casa, outras pluralidades singulares vão negociando nas fronteiras outros espaços, expressos na presença de elementos novos, do estranho em um território marcado por iguais. Os MEETIDOS iguais nesse sentido, dividem seu território com modalidades identitárias que chegam a casa para perturbar um aparente ordenamento que se instaura e se instala internamente. O elemento estranho que figura em território meetiano é profundamente marcado por uma lógica paradoxal que envolve práticas de exaltação e depreciação. O sujeito que é exaltado por sua natureza transgressora é o mesmo sujeito atravessado pelo olhar depreciativo e por uma atitude abjeção. A relação então que se dá com o estranho, com o desconhecido envolve uma série de práticas marcadas pela oposição. Em um terreno de iguais, ser diferente é o mesmo que carregar sozinho o fardo de sua própria diferença. É preciso também salientar que há diferenças e não uma diferença que emerge na casa, embora a diferença como um todo ocupe, a partir da natureza da boate, uma posição de margem.

O diferente lá não é estático, nem conformado, porém inquieto e criativo. A diferença cria, assim, no interior de um espaço homogeneizante linhas de fuga, negociações que dão existência a uma forma de existência que poderia apenas está ali na boate, mas não existir efetivamente no interior dela, pois está na boate não se configura necessariamente em existir na boate. Existir na boate envolve processos de autopoiese (autocriação) que confunde, desconstrói e ressignifica uma ordem preestabelecida, apontando para emergências de subjetividades plurais, de existências plurais, desmascarando, assim, uma falsa ideia que tenta ser fixada na casa de homogeneidade, de conformidade.

O homem gay, distinto, discreto, “machudo”, de classe média, que está com um “corpo em dia” e que expressa de maneira articulada todas essas “qualidades” identitárias na

representação de si, tornando visíveis e, portanto, chancelando uma forma de existência se torna um ideal publicizado não só por uma identidade que a casa procura disseminar como dos próprios MEETIDOS que vão até à boate na esperança de encontrar um gay que não “dê pinta”. Porque dá pinta não é preciso. É possível ser gay sem uma afetação de gênero. Ser gay, nesse sentido, está ligado à orientação sexual dos sujeitos que atua como elemento de aproximação, de pertencimento, de motivação que possibilita um estar juntos na boate. Esse estar juntos está associado a um está Homem, a um está Discreto, a um está Machudo, a um está com o “Corpo em dia”, a um pertencer à Classe Média da cidade. Esses muitos "estás" são prerrogativas para aproximar os sujeitos, para dá uma ideia, mesmo que efêmera e simulada, de pertencimento, de aproximação. Quem, portanto, não consegue, mesmo depois de um investimento às vezes sobre-humano, que envolve processos-vida marcados pela simulação, pela performance, pela "falsa" roupa, pela falsa formação, pelo falso emprego, pela falsa idade, pela falsa vida, conformar sua identidade, trabalhar sua representação de modo que ela se torne uma identidade MEETIDA, respaldada pelo o olhar do outro, ou pelo menos se aproximar dessa identidade hegemônica na casa, margeia, perambula, não alcança visibilidade no espaço, se torna *out*.

Entretanto, é preciso especificar melhor a natureza dessas diferenças e seus desdobramentos no espaço MEET. O público da casa é frequentado em sua grande maioria por homens. De uns anos para cá, a presença maior de mulheres também tem revelado uma outra dinâmica no espaço. Em minhas vivências etnográficas e em outros momentos anteriores de ida à casa, pouquíssimas vezes me deparei com um número minimamente considerável de travestis, transsexuais, crossdressers, enfim, de *queers*. A casa marcada pelo polimento demarca fronteiras simbólicas que a situam na cena gay da cidade como um espaço que é ocupado por uma parcela de uma categoria. Sendo mais claro, ao pensarmos a sigla GLBTT e tentarmos entender que público a boate recebe e é recebido por ela, percebemos que uma certa estratégia que tem na distinção seu ponto mais crítico torna a casa um espaço de gays, mas não de todos os gays. A casa se torna assim um espaço que se diz de todos e ao mesmo tempo de ninguém. De todos porque teoricamente falando é direcionada para o público gay, mas, dentro dessa pluralidade que são as formas de se vivenciar as sexualidades, os gêneros, os desejos, os corpos, a casa vai demarcando que identidade gay ela pretende direcionar suas atrações. Isso acontece de modo sutil e ao mesmo tempo não. O “encontro” que a boate propõe é um encontro direcionado para um perfil de gay, um gay MEETIDO.

Essa parece ser a lógica do lugar. Mas vamos por partes na tentativa de compreender essas formas diferentes de distinções que vão requerendo legitimidades particulares,

problematizando a construção de uma noção de centro e margem identitárias, procurando entender que toda forma de centralidade só se torna possível a partir da existência de fronteiras, agregando também à discussão uma identidade gay que vai sendo corporificada e performativizada na boate até chegarmos a uma tentativa de entendimento dos perfis identitários dos MEETIDOS, dos menos MEETIDOS, e daqueles que seriam os entremeios.

#### **4.1. Sexo, Gênero e Sexualidades – Rompendo Fronteiras Identitárias**

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. (LOURO, 1999, p. 5)

Levantar uma discussão sobre três instâncias que são colocadas socialmente como naturalmente dadas, como fixas, estaques, prontas e acabadas é, sobretudo lançar um olhar sobre si mesmo e atentar até que ponto nossas atitudes reproduzem essa lógica. Viver em um mundo em que diuturnamente nos vemos atravessados por uma infinidade de discursos e práticas que são treinados para tolher nossas múltiplas formas de existência nos coloca frente a frente de uma questão puramente existencial.

Entendendo que discursos e práticas são construídos socialmente, a partir de uma dada cultura, de um dado tempo e espaço, leva-nos a perceber que a história é marcada por mudanças que parecem apontar sempre para permanências. O que seria então uma mudança?

Como sujeitos nascidos com a pós-modernidade que somos, podemos dizer que já nascemos em uma sociedade "formada". Estruturas organizacionais e simbólicas organizam a vida em sociedade e quando uma vida toma corpo e "estreia" ela já se depara com um mundo aparentemente "formado" que parece apenas "recebê-la". Sendo assim, o mundo nos recebe e começa a imprimir em nós uma série de signos que vão demarcando nossa identidade.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2002)

Como seres gregários, coletivos, somos moldados pelo outro e assim vamos nos fazendo enquanto gênero a partir de um repertório limitado que inclui apenas duas perspectivas de vivência. Homem e Mulher, Masculino e Feminino. Essa forma de coercitividade pela sua própria natureza é outorgada a nós não nos apresentando possibilidades outras caso não nos identifiquemos com essas formas de existência. A feitura masculina e feminina envolve apenas um modo de ser. Isso seria uma outra forma de tolhimento identitário.

A “sujeitidade” não é um dado, e, uma vez que o sujeito está sempre envolvido num processo de devir sem fim, é possível reassumir ou repetir a sujeitidade de diferentes maneiras. “Quem, neste caso, irá se constituir como um sujeito e o que irá contar como uma vida? , indaga Butler num de seus artigos (WIC, p.20): a quem oprimo ao construir uma identidade coerente para mim mesma e ao “fabricar” a minha identidade? O que acontece se nossas identidades “não são bem sucedidas”? E poderiam esses fracassos proporcionar oportunidades para reconstruções subversivas da identidade? Talvez essas reconstruções, por mais subversivas que possam parecer, acabem se consolidando em formações de identidade que, a seu modo, são igualmente opressivas. Como podemos identificar o que é subversivo e o que simplesmente consolida o poder? E que grau de escolha temos em relação ao modo como “fabricamos” a nossa identidade? (SALIH, 2012, p.11)

Em que pese à existência de apenas duas modalidades identitárias de gênero, elas ainda encontram-se marcadas por estruturas rígidas de ser. Assim, só é possível ser homem e mulher nessa sociedade na qual estamos inseridos de uma única forma.

Homem de saia. Mulher de barba. Mulher de cueca. Homem de calcinha. Homem de vestido. Mulher de pelos. Homem-Mulher. Mulher-Homem... Será possível ser um homem feminino sem ferir seu jeito "masculino" e vice-versa?

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2002)

Se fazer homem e se fazer mulher está ligado a uma educação contínua e regulada de si. O Homem se apresenta como homem da cultura de um modo específico não sendo possível ser fazer homem de outros modos. Assim, as outras possibilidades que os sujeitos vão criando de

"se fazer" emergem na cultura como desdobramentos de uma forma de existência e não como outras possibilidades de vivência daquela existência.

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "política de identidades" (HALL *apud* LOURO, 1999).

O processo de educação começa quando somos inseridos na cultura, ou melhor, começa no momento de nossa concepção. Ao descobrir no aparelho de ultrassom "quem somos" já são projetadas e objetivadas uma série de qualificações sobre nós que vão nos fazendo antes de mesmo de existirmos de fato. Nossa existência já vai sendo pensada e objetivada na feitura de nosso quarto, nas cores, na decoração, no mobiliário, nas roupas, no nome, nas expectativas, enfim... Somos projetados para ser o que a cultura coloca como possível de ser homem e de ser mulher, pois as outras emergências são desvios, estão margeadas por um processo de abjeção da diferença.

É fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviante da norma heterossexual. (LOURO, 1999)

A diferença seja gestada na instância do gênero, da sexualidade, da identidade, do desejo é uma ameaça à ordem. Mas o sujeito, no campo do sujeito, se configura como desvio, como possibilidade... No campo do desejo os sujeitos recriam suas existências, por mais que essas não sejam materializadas e se limitem ao campo do desejo. No campo do desejo, os indivíduos se fazem, se refazem, se montam, se desmontam, se metamorfoseiam, são homens, são mulheres, são homens-mulheres, mulheres-homens, são *queers*, são tudo ao mesmo tempo. Assim, podemos problematizar um desejo que é montado para apresentar-se publicamente dentro dos paradigmas de recepção e assepsia. Se expressar, parecer uma coisa



para cultura é mais importante do que ser propriamente aquilo que simula. No rol das representações, das imagens os sujeitos vão simulando suas existências a partir de uma atuação limitada e autorizada.

Mas o público e o privado vão revelando dimensões outras. Se no público o repertório é limitado, no privado reina as pluralidades, as possibilidades, os "extravasamentos"... Se no público se "bebe moderadamente", no privado "ficamos bêbados", experimentamo-nos, recriamo-nos, reconfiguramo-nos. No privado outros pudores são gestados. No privado falamos palavrões, somos safados, sacanas, putos, vadios... No privado não fazemos amor, não fazemos sexo, trepamos. No privado negociamos, somos fluidos, leves... No privado estamos besuntados de vários líquidos e assim tornamo-nos palco de experimentações, damos vida e voz a outros. O desejo vai mediando essas relações que dão vozes a duas formas de apresentação que na maioria das vezes possuem naturezas antagônicas.

E quem somos? Indivíduos de muitas caras. Virtuoso e pecadores, oscilando entre a transigência e a transgressão. Em público, civilizados. No privado, sacanas. Na rua liberados; em casa, machistas. Ora permissivos, ora autoritários. Severos com os transgressores que não conhecemos, porém indulgentes com os nossos, os da família. Ferozes com os erros dos outros, condescendentes com os próprios. Em grupo, politicamente correto, porém racistas em segredo. Fora, entusiastas dos "direitos humanos", mas, cá dentro, a favor da pena de morte. Amigos de *gays*, mas homofóbicos. Finos para "uso externo" e grossos para o interno. Exigentes na cobrança dos direitos, mas relapsos no cumprimento de deveres. Somos velhos e moços, nacionalistas e internacionalistas, cosmopolitas e provincianos, divididos entre a integração e a preservação de nossas múltiplas identidades. Na intimidade miramos nossas contradições. (PRIORE, 2011, p. 237-238)

Os espaços fechados vão embaralhando categorias e vão nos fazendo outros. Motéis, boates, saunas, cinemas eróticos (conhecidos cinemões), banheiros, locais ermos vão desenhando uma cartografia do desejo, descontruindo as noções de fixidez e fechamento de nossas identidades, revelando-as como um espaço do possível. Entretanto, chego a afirmar que nos encontramos sexualmente ativos, que um certo afrouxamento do campo da sexualidade acabou por reduzir as fronteiras do que se é visto e feito tanto no público quanto no privado. De corpos marcados pelo comedimento a corpos "liberados" de noções que significam um pudor, ressignificamos lugares marcados por uma sociabilidade difusa em locais de encontro. Shoppings, banheiros, transportes coletivos, terminais coletivos, rua, igreja, um infinidade de lugares vão cartografando uma sexualidade à flor da pele. Esse está à flor da pele vai revelando identidades marcadas pelo trânsito, em que o desejo atua como elemento primeiro de excitação. Assim vai se esboçando uma forma de sexualidade que vai rompendo fronteiras. O sujeito hoje é um sujeito sexual. O sexo, assim como o corpo

tornaram-se capitais em nossa sociedade. É até possível pensar em um corpo que se esboça para alcançar um paradigma ideal levando-se em conta uma satisfação pessoal, uma realização pautada na lógica de ser visto/a, de ser desejado/a.

Pensar em sexo, gênero e sexualidade é colocar em questão o sujeito, a identidade. De de que sujeitos estamos falando? Para Butler a ideia de que o sujeito não é uma entidade preexistente, essencial, e que nossas identidades são construídas significa que as identidades podem ser reconstruídas sob formas que desafiem e subvertam as estruturas de poder existentes. Assim estamos imersos em um eterno processo de feitura de si. Isso se torna evidente quando afirmamos que nunca somos nada, pois sempre estamos alguma coisa, dado o caráter fluido, transitório e processual das identidades.

Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua, de modo que se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Em vez disso, Butler declara que o gênero é “não natural” ; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. Será, assim, possível, existir um corpo designado como “fêmea” e que não exiba traços geralmente considerados “femininos”. Em outras palavras, é possível ser uma fêmea “masculina” ou um macho “feminino”. (SALIH, 2012)

Sexo, gênero e sexualidade não são instâncias que revelam os mesmos processos. O sexo é uma impressão, uma marca, um signo que nos nomeia ao chegarmos ao mundo. Macho e fêmea. Homem e Mulher. Podemos pensar que essa discussão sempre se fez presente na história. Até o século XVIII existia um único sexo. A mulher, enquanto um segundo sexo, ainda não tinha existência. Podemos dizer que predominava o modelo do sexo único, apontando que a emergência de uma outra modalidade de sexo é uma construção sócio histórica.

Segundo Laqueur, as diferenças entre os sexos ou a própria idéia de dois sexos biológicos distintos é uma concepção que pode ser historicamente contextualizada. Em algum momento do século XVIII passa-se a considerar a existência de um modelo de dois sexos, contrariamente à percepção herdada dos gregos de que haveria apenas um sexo biológico, enquanto o gênero se apresentaria pelo menos em duas possibilidades. Nesse modelo antigo, de um sexo, homem e mulher não seriam definidos por uma diferença intrínseca em termos de natureza, de biologia, de dois corpos distintos, mas, apenas, em termos de um grau de perfeição<sup>4</sup>. Dependendo da quantidade de calor atribuída a cada corpo, ele se moldaria, em termos mais ou menos perfeitos, em um corpo de homem quando o calor foi suficiente para externalizar os órgãos reprodutivos, ou em um corpo de mulher quando foi insuficiente e os órgãos permaneceram internos. As diferenças seriam de grau, compondo uma hierarquia vertical entre os gêneros: os órgãos reprodutivos vistos como iguais em essência e reduzidos ao padrão masculino. Ou seja, homens e mulheres seriam dotados de pênis e testículos, por exemplo. A única diferença é que na mulher esses órgãos não foram externalizados. Haveria, então, um só corpo, uma

só carne, à qual se atribuem distintas marcas sociais  $\frac{3}{4}$  inscrições, certificados culturais baseados em caracteres sociais mais que biológicos e que comportam uma relação hierárquica entre seres considerados de acordo com uma escala de perfeição. Esse modelo, segundo Laqueur, prevalece até o Renascimento, quando se processa a passagem para o modelo de dois sexos, para uma biologia da incomensurabilidade, um novo dimorfismo, instituindo uma diferença radical entre homens e mulheres e não mais uma hierarquização. (ROHDEN, 1998)

O sexo assim sempre esteve fortemente ancorado e justificado pelo discurso da biologia, que se mostrou em vários momentos da história, como área autorizada para dá voz a essa dimensão do sujeito. O sexo assim seria uma espécie de inscrição natural também, na medida em que é a natureza quem define o Homem e a Mulher.

Pensar que o sexo é uma instância da natureza é corroborar com a lógica binária sexista, afirmando que só existem duas modalidades de sexo e que, nascendo em uma não é possível transmutar-se em outra. Assim, “teorizar o sexo em termos de interpelação, como faz Butler, implica que as partes do corpo (particularmente o pênis e a vagina) não estão simples e naturalmente “aí”, do nascimento em diante, mas o sexo é performativamente constituído quando um corpo é categorizado como “macho” ou como “fêmea”. (SALIH, 2012, p.111)

O gênero como esse fazer-se que vai ultrapassa o masculino e o feminino e que não pretende está preso a categorizações, na medida em que quem define o gênero dos sujeitos são suas multiplicidades de comportamentos, pode ser pensado como um campo de montagens e desmontagens que nunca cessam. Como consequência, assim como nossas motivações presentes vão delineando estilos de vida que são expressos em comportamentos, em roupas, em um estilo pessoal que vai sendo construindo para si e que dá uma ideia de existência, de pertencimento, assim ocorre com nossos gêneros. Paulatinamente, ao modo como construímos uma imagem estilística de nós mesmos e marcamos em nossos corpos, agenciamos com ele uma multiplicidade de gêneros em consonância com nossas “maneiras de estar”, com as necessidades de um dado momento.

A teoria da performatividade de gênero de Butler revisita os questionamentos da teoria feminista sobre os limites do discurso na construção dos corpos. Mas o aspecto mais instigante da obra de Butler habita na experiência dos corpos que não se conformam com as normas. A construção do circuito performativo dos gêneros descrita por Butler permite a construção de corpos que não se enquadram na lógica dos sexos, gêneros, desejos e práticas inteligíveis. As práticas, desejos e materializações abjetas são concebidas, segundo Butler, no seio da materialização e da nomeação da norma. Por isso, a autora destaca o papel ficcional como elemento fundamental de seu argumento. Consequentemente, a homossexualidade é concebida como uma cópia do discurso que a formou, não obstante, a homossexualidade também seria um elemento ficcional. Assim, Butler pretende demonstrar que a construção da matriz heterossexual como norma é uma cilada discurso performativo e citacional em torno dos gêneros inteligíveis. (SANCHES, 2010)

A sexualidade apesar de procurar ser expressa no discurso e em público mascarada de signos que a tornem chancelada, bem aceita, possível; no privado, alcança uma outra dimensão, fazendo-nos atentar para o fato de que os sujeitos escolhem repertórios de apresentação que expressem um modo de representação que os tornem vistos e bem aceitos no tecido social.

Assim, a dimensão do privado vai se revelando como um espaço em que os sujeitos vão "dando vida" /concretizando aquilo que vem se esquadrihado no campo do desejo. O desejo assim vai conduzindo os corpos em suas formas de realizações mais inimagináveis, viabilizando a “montagem” de um sujeito que só realiza na intimidade.

Queríamos dizer a coisa mais simples do mundo: que até agora vocês falaram abstratamente do desejo, pois extraem um objeto que é, supostamente, objeto de seu desejo. Então podem dizer: desejo uma mulher, desejo partir, viajar, desejo isso e aquilo. E nós dizíamos algo realmente simples: vocês nunca desejam alguém ou algo, desejam sempre um conjunto. Não é complicado. Nossa questão era: qual é a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis? Quero dizer, não desejo uma mulher, tenho vergonha de dizer uma coisa dessas. Proust disse, e é bonito em Proust: não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem envolta nessa mulher, paisagem que posso não conhecer, que pressinto e enquanto não tiver desenrolado a paisagem que a envolve, não ficarei contente, ou seja, meu desejo não terminará, ficará insatisfeito. Aqui considero um conjunto com dois termos, mulher, paisagem, mas é algo bem diferente. Quando uma mulher diz: desejo um vestido, desejo tal vestido, tal chemisier, é evidente que não deseja tal vestido em abstrato. Ela o deseja em um contexto de vida dela, que ela vai organizar o desejo em relação não apenas com uma paisagem, mas com pessoas que são suas amigas, ou que não são suas amigas, com sua profissão, etc. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto. Podemos voltar, são fatos, ao que dizíamos há pouco sobre o álcool, beber. Beber nunca quis dizer: desejo beber e pronto. Quer dizer: ou desejo beber sozinho, trabalhando, ou beber sozinho, repousando, ou ir encontrar os amigos para beber, ir a um certo bar. Não há desejo que não corra para um agenciamento. O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol...

(entrevista Gilles Deleuze disponível no vídeo O ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE, filmado no ano de 1988-1989)

Sendo assim, a natureza do contexto que vem sendo desenhando na contemporaneidade propicia não pensarmos mais em essências identitárias. Nesse sentido, uma pessoa torna-se um amálgama de várias formas de estar no mundo. Não somos apenas um. Passamos a ser pensados como sendo "isso" e "aquilo" ao mesmo tempo. Assim, torna-se inviável discutirmos a noção de identidade como sendo singular, como algo marcado pela coerência. São abertos caminhos para se pensar em fraturas, em atravessamentos, em um novo *ethos* ou uma nova episteme.

É possível então problematizarmos a emergência de duas noções: a de centro e da margem. Centro e Margem parecem coexistir lado a lado. Conforme nos aponta Guacira Lopes Louro em ocasião de um programa chamado Invenção do Contemporâneo, exibido pela TV Cultura em 16 de novembro de 2005, o contexto da pós modernidade nos possibilita repensarmos as noções que antes definiam a identidade. Buscar uma definição única de identidade frente às pluralidades que emergem com a pós-modernidade requerendo novos lugares sociais e visibilidades é algo impraticável.

O momento histórico que vivemos coloca em desafio a noção de centro. O centro ainda existe e continua ainda a ser atraente e sedutor. A noção de uma posição central nos persegue. Reproduzimo-la todos os dias e às vezes não atentamos. Sendo assim, encontramos a posição central já perfeitamente estabilizada no imaginário social como uma forma de representação correta, perseguida. O lugar central em nossa sociedade é ocupado pelo homem branco, heterossexual, ocidental, de classe média urbana. Sendo assim, todas as outras posições que divergem dessa configura-se em margem. A margem está ligada, portanto, a uma pluralidade de processos que ultrapassam o reduzido repertório que nos é disponibilizado.

Ao falarmos em centro, teríamos de pensar, aqui, em todas aquelas formas de cultura e de sujeito que ocupam o lugar central, o lugar que serve de referência para os demais – e essa posição foi ocupada, historicamente, pelo homem branco ocidental, heterossexual e de classe média urbana. Em seguida, teríamos de pensar no conjunto de movimentos sociais e também teóricos que, na contemporaneidade, vêm desafiando essa posição, ou seja, os movimentos empreendidos por aqueles grupos que, tradicionalmente, foram colocados nas margens: as mulheres, os negros, as chamadas minorias sexuais e minorias étnicas, os jovens. O que parece muito expressivo na pós-modernidade é justamente esse voltar-se na direção das margens e das fronteiras, um certo afastamento em relação à posição central e às ideias que lhe são associadas, tais como as idéias de origem, de universalidade ou de unidade. (LOURO, 2005)

Portanto, em tempo de liberação das mentes e dos corpos, as Margens emergem, requerendo cada vez mais lugares que antes eram ocupados só pelo Centro. Os espaços então passam a ser invadidos pelas margens que chegam para perturbar e confundir o ambiente. As margens são marcadas pela indefinição e por uma aparente confusão, fazendo surgir um repertório vastíssimo de feminilidades e masculinidades. Assim, o fazer-se homem e o fazer-se mulher tornam-se cada vez mais diversificados, heterogeneizados. Outras formas de se vivenciar as masculinidades e as feminilidades vão apontando para emergências identitárias que não estão interessadas em rótulos, em categorizações... O que configura a própria força dessas identidades é justamente essa não preocupação em serem classificadas, nomeadas. Perturbar, confundir é o seu propósito, demonstrando que podemos ser muitos ao mesmo

tempo e sermos que quisermos sem nos preocuparmos dá nomes às coisas. Nossas performances vão se revelando plurais. Nossas existências se tornam transitórias e vamos corporificando quantas identidades forem precisas.

Tudo isso que estou dizendo não significa afirmar que, nesses tempos pós-modernos, o centro tenha deixado de ser atraente ou tenha se tornado desimportante, de modo algum. Ele continua lá, reconhecido e sedutor, mas o que acontece agora é que se passa a acentuar o seu caráter de ficção. Passa-se a reconhecer que a posição central é uma invenção, não é uma posição “naturalmente” dada, é, sim, uma posição historicamente construída como tal. A noção de centro passa a ser desafiada e contestada, na contemporaneidade, por muitas frentes. Não se trata propriamente, ou não se trata somente, de pôr em questão o sujeito masculino, branco, heterossexual. É mais do que isso: o que se passa a questionar é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que, associada a esse sujeito, usufruiu, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável e abrangente, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita. (LOURO, 2005)

Logo, a noção de centro a partir do surgimento dessas margens vai se revelando como uma invenção, como também uma construção social e não como elemento dado a priori, tornando possível a substituição das dicotomias pelas pluralidades. Voltar-se em direção às margens, às fronteiras é, sobretudo, nos assumir como sujeitos em constante metamorfose. Entender que a mudança vai tornando uma existência pós-moderna possível é perceber a identidade como um eterno devir. Enquanto estivermos vida seremos marcados pela mudança, pois nós somos a mudança que todos os dias efetuamos sobre nós mesmos.

#### **4.2. Identidades Gays: Possibilidades e Plasticidades**

“O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.” ( João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas)

É possível falarmos de uma identidade gay no momento histórico no qual estamos vivendo? Se existe essa modalidade identitária que converge uma pluralidade de sujeitos a um modo de vida comum quais são os elementos que tornam possível sua enunciação? O que marca uma vida gay? Será que é possível respondermos essas questões?

Convivemos hoje simultaneamente como uma multiplicidade de modos de vida que são ensaiados pelas muitas formas de subjetividade que podemos nos tornar. Migramos de

uma configuração identitária ligada ao coletivo, às instituições, à família, a terra, ao feudo, dentre outros, a uma identidade profundamente marcada pela instabilidade, pela inquietude.

Falar em representações é pensar em identidade. Para essa discussão são interessantes as discussões de Hall sobre os problemas de identidade. O teórico esmiúça as concepções de identidade desde o Iluminismo, passando pelo sujeito sociológico e, por fim, o indivíduo fragmentado da pós-modernidade. Hall nos traz uma questão cara para a concepção de indivíduo na pós-modernidade: o sujeito que antes tinha uma identidade estável, está se tornando fragmentado; ele não tem mais uma só identidade, mas sim várias. E, vale ressaltar, que elas nem sempre são consonantes e às vezes se mostram contraditórias. E essas são características do sujeito pós-moderno – sem essência e fixidez. A partir disso, pode-se falar que a identidade é construída culturalmente e não biologicamente; o sujeito não é mais um eu coerente; contradições identitárias pulsam dentro de nós, fazendo com que ocorram identificações que estão sempre cambiando. (SANT’ANA, 2010)

A sociedade informatizada, a revolução das comunicações afetaram profundamente os modos dos sujeitos se relacionarem, produzindo neles uma nova rede de afetos. A natureza dos contatos foi se deslocando de uma espécie de contato mediado pela materialidade do corpo, dos sentidos, para se reconfigurar nos espaços das redes. Assim, tornamo-nos uma imagem, algumas descrições, alguns momentos que queiramos publicizar.

Nossa linguagem passa também a ser afetada no caminhar desses processos. Um *nick*, um sem-fim de amigos nas redes sociais, vidas contadas em imagens, momentos que antes residiam no âmbito privado se propagam em questão de segundos e, como resposta, obtemos curtidas, comentários e compartilhamentos. As existências, as identidades começam então a passar por um processo de afirmação.

Conectados pela Internet, sujeitos estabelecem relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade e estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato e a troca de identidade são freqüentemente utilizados (LOURO 1999).

Afirmar-se, nesse sentido, encontra-se intimamente ligado a uma cartografia da vida. Uma linha do tempo vai escrevendo nossa história a partir daquilo que nós revelamos. As identidades assim, diferentes do passado, tornam-se manipuláveis. Manipulamos nossas identidades e assim vamos construímos uma história que queremos que outros vejam.

Freqüentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual. Essa parece ser, usualmente, a referência mais "segura" sobre os indivíduos. Conforme diz Jeffrey Weeks, podemos reconhecer, teoricamente, que nossos desejos e interesses individuais e nossos múltiplos pertencimentos sociais possam nos "empurrar" em várias direções; no entanto, nós "tememos a incerteza, o desconhecido, a ameaça de dissolução que implica não ter uma identidade fixa"; por isso, tentamos fixar uma identidade, afirmando que o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos. Precisamos de

algo que dê um fundamento para nossas ações e, então, construímos nossas "narrativas pessoais", nossas biografias de uma forma que lhes garanta coerência. (LOURO, 2010)

Esses insights contextuais foram apresentados como preambulo de uma discussão que tentaremos ensinar. A partir desse mosaico que traz à tona a natureza das relações interpessoais e os modos como elas estão sendo construídas e constituídas nesse presenteísmo é possível pensar como os sujeitos estão se elaborando, o porquê de tantas emergências, de tantos trânsitos, de tantas reinvenções de si...

Já foi falado em algum momento que nós somos mudança e que é justamente essa mudança que torna possível uma existência pós-moderna. A pós-modernidade antes de ser um momento que figura pós a modernidade, de ser uma corrente artística que conjuga novas maneiras de criação e apresentação, diz respeito a uma questão identitária do sujeito. O surgimento de maneiras outras de ser e estar no mundo precisou de uma forma onomástica expressar novos fluxos, novos paradigmas, novas maneiras de apresentação, novos sujeitos.

Na segunda metade do século XVI, o rosto figurou como importante signo de uma forma de beleza, pois era por ela que os sujeitos se expressavam. A lógica dos tempos ligeiros impõem novos elementos do corpo que falam mais dos sujeitos que o rosto. .

A partir da segunda metade desse século, começaram a surgir maquiagens para valorizar as partes altas do corpo. Nesse século, somente a beleza feminina era destacada. Valorizavam-se as partes altas do corpo, como seios e o rosto, porque remetiam a uma condição celeste. (BOTELHO, 2013)

Atrevo-me em colocar que o corpo e a performance (representação) possuem maior visibilidade do que propriamente a cabeça. O sujeito da contemporaneidade é movido pelo desejo e o corpo é o principal meio agenciador e materializador desse desejo. O corpo e a atuação que vamos esboçando de nós mesmos possibilitam expressões múltiplas e às vezes simultâneas de *insights* identitários. É a partir da compreensão do rizoma exposto por Deleuze e Guattari que compreenderemos o para que dessas linhas.

O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência. (trecho de Deleuze sobre o conceito de rizoma, em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980)



Pensar então esses sujeitos nascidos com a pós-modernidade é pensar em aberturas, em atravessamentos, em rupturas, em possibilidades, em processos. Com uma multiplicidade de vidas que corporificamos em nosso corpo torna-se impossível pensarmos ainda em uma existência única ou em uma identidade caracterizada pela estabilidade. Como exemplo e antes mesmo de adentrar na discussão de uma identidade gay, exemplifico essas atuais configurações identitárias assumidas pelos sujeitos, evocando a figura da *drag queen*.

A *drag queen* comporta em seu corpo vários corpos, várias identidades. Olhar para *drag* é, sobretudo, desconstruir nosso olhar, desmontar nossos referenciais. A *drag* é tudo ao mesmo tempo. A *drag* constitui um caleidoscópio de aparências que são expressas pelo signo do hiper, do exagero. A *drag* é avessa a definições, pois ela veste o mundo sob a performance do exagero. Cada maquiagem, cada look, cada cabelo, cada olho, cada pele expressa de maneira muito parodiada as representações identitárias que assumimos como sujeitos nascidos na pós-modernidade. O caráter fluido, móbil, descartável, obsoleto, plástico das identidades *drag* vão em forma de paródia imitando um humano de forma cômica, embora carregado de verossimilhança. A verdade da *drag* é espetacularizada, tornando a realidade existencial menos pesada. A *drag*, assim, interpreta, recria, ressignifica uma "obra" já existente. Ela brinca, joga, performatiza os signos da realidade em um monta/desmonta identitário. A paródia nesse sentido é apropriada pela *drag* que intextualiza textos, códigos, corpos, aparências, identidades em um espetáculo que é só estreia quando protagonizado por um Super Humano, por uma identidade demasiadamente humana que existe sob os signos de uma RAINHA-DRAGÃO, revelando que emergências surgem quando modelos tradicionais encontram-se em crise.

Seu camarim e sua intimidade são, usualmente, interditados aos curiosos. No camarim ela se “monta”, produzindo com cuidado a transformação de seu corpo, através de um processo minucioso cheio de técnicas e truques (como uma cuidadosa depilação, a dissimulação do pênis ou, ainda, por exemplo, o uso de seis pares de meias-calças para “corrigir” as pernas finas); em seguida, ela coloca sua exuberante vestimenta, muita purpurina, sapatos de altas plataformas e, finalmente, completa o quadro com pesada maquiagem (corretivo, base, batom, muito blush, cílios postiços e perucas). Ao executar, por fim, seus últimos movimentos, retocando o batom ou o delineador dos olhos, a “*drag* ‘baixa’” – conforme diz uma delas. É neste momento que a *drag* efetivamente incorpora, que ela toma corpo, que ela se materializa e passa a existir como personagem. Ela está, agora, pronta para ganhar a rua, para se apresentar num show, para “fazer” o carnaval ou simplesmente para se divertir. Anna Paula reproduz a fala de uma *drag*, já montada e maquiada, numa noite de carnaval, tentando convencer a colega que resistia a se produzir, porque “já não tinha mais corpo”: “Corpo? Corpo se fabrica... eu não fabriquei um agora?” (VENCATO, 2002, p.46).

Assim, a identidade, conforme já foi apontada, não está mais associada aqui àquela identidade uníssona, coerente, fixa. As identidades são diversificadas de acordo com a própria diversidade de sujeitos que todos os dias vão “estreando” e requerendo, para si, novos lugares sociais.

As identidades como em nenhum outro momento encontram-se mais ousadas, mais excêntricas, mais atuantes e mais personificadas na figura dos indivíduos. Basta sairmos às ruas e perceberemos uma multiplicidade de sujeitos de múltiplas e variadas formas, cores, tamanhos, estilos, performances... A cultura se redimensionou a tal ponto que oferece aos sujeitos o mundo como possibilidade, incorporando neles a ideia de que eles podem está vários ao mesmo tempo. Está homem. Está mulher. Está gay. Está hetero. Está bi. Está pan.

A moda vai atuando como uma espécie de promessa que torna real os desejos, sonhos considerados mais distantes, impossíveis para os sujeitos. A famosa frase "Você pode ser quem você quiser, basta você querer!" joga os sujeitos em uma espécie de paranoia identitária que os levam a está alocado em uma forma identitária cada vez mais em um menor período de tempo. Enjoa-se muito rapidamente de um corpo, de uma aparência, de uma identidade. Cansa-se muito do performer e da performance. O movimento intenso da indústria da moda nessa sociedade que constrói suas motivações e realizações a partir do consumo gera um grande frenesi nos sujeitos.

É possível encontrarmos uma pessoa três vezes por dia e em cada momento ela se apresentar “uma outra pessoa”. A roupa ajuda a compor as diversas identidades que a realidade nos faz viver. Não apenas por força da mídia e dos mecanismos da indústria cultural, mas porque os contextos e relações sociais mudam rapidamente nos colando o desafio de acompanhar o tempo alterando atitudes, crenças, valores, desejos. Muitas vezes a instantaneidade dessas mudanças não permite que as antigas se desfaçam e é possível a convivência de alguns “eus”, no mesmo indivíduo. Por esse ângulo, a moda pode permitir a expressão desse conflito e até ajudar a solucioná-lo, expressando-o até diluir a angústia de ser ou não ser. Pode-se construir diversas identidades para buscar estar mais próximo do que se quer ser ou parecer ser, ou daquilo que estabelecem que se seja. (MOTA, 2008 )

Sendo assim, o está gay de uma identidade aponta para caminhos marcados por possibilidades e plasticidades. Plasticidades nos corpos. Plasticidades nas aparências. Plasticidades no gênero. Plasticidades nas sexualidades. Plasticidades nas subjetividades. Uma identidade plástica, com prazos de validade bem definidos, vai sendo esboçada pelos indivíduos que passam a agenciar uma infinidade de papéis sociais. Tudo que está passível de ser modelado, moldado; tudo que se encontra na natureza sob uma forma dúctil, flexível, maleável, elástica nos ajuda a pensar nessas identidades plásticas.

Esse processo de re-posição muitas vezes confunde a questão do “movimento” da identidade. A re-posição é vista como algo dado e não como um se dando, num contínuo processo de identificação, devido ao fato de que as diferenças, a cada re-posição muitas vezes são pouco perceptíveis. A personagem pode ser a mesma: aluno, mas não o mesmo aluno. Como a sucessão é rápida, às vezes as mudanças não são reconhecidas. Mudanças pequenas dão a impressão de não-movimento, necessitam de um acúmulo de quantidade para que a percepção capte as transformações ocorridas. A cada dia, novos acontecimentos e significados são acrescidos à vida cotidiana, tornando o homem e o mundo "qualitativamente" diferentes. Quando a mudança é mais visível, diz-se que esta ocorreu “de repente”, mas na verdade não existe “de repente”, e sim um acúmulo de elementos até o momento em que algo se torna distinto na forma como era percebido. A identidade é uma sucessão temporal com mudanças muito pequenas. Na relação do indivíduo com outros homens “as identidades” vão sendo re-postas e cada re-posição não é a mesma, as condições objetivas são outras, outros significados vão sendo dados e internalizados mesmo que imperceptíveis, pois como matéria estamos em constante transformação. Esta plasticidade permite ao homem a construção da sua singularidade, da sua identidade e de seu vir-a-ser. (LAURENTI; BARROS, 2000)

Assim, nossas linhas de fuga tornam-se muitas, pois nossas naturezas vão sendo marcadas por itinerâncias, por processos, por devires, por trânsitos... Um espírito *flâneur* se instaura em nós e como andarilhos saímos por aí a experimentar tudo e todos, a nos experimentar. Passamos, assim, a está gay de várias maneiras.

Homossexualidade não é privativo dos homossexuais, nem heterossexualidade de heterossexuais, nem masculinidade de homens, nem feminilidade de mulheres. Homo e heterossexualidade não designam estados, mas formas ou possibilidades de comportamentos extensivas ao conjunto do corpo social, envolvendo todas as pessoas independentes da forma específica de sua genitalidade e da prática sexual a que se entregam exclusiva ou predominantemente... A definição como homo ou heterossexual remete ao ser, a essência de um ser, idêntico a si próprio, pedra de toque princípio central organizador e aferidor de tudo o mais. Fissuras profundas desestabilizaram esse ser e as colmatagens aqui e lá não convencem muito. Esse ser (aos pedaços) não seduz mais, não é mais o rei de nosso imaginário, não é mais um princípio produtor de poesia. O que nos atrai, nos seduz, o que vivemos hoje como princípio produtor é o movimento, o fluir ambíguo. Antes as funções que o ser. (BERNADET, 1982)

O que antes e ainda hoje identifica um modo de vida gay vem sendo desconstruído, em uma época em que as categorias ainda existem, mas que não possuem a força de enunciação que tinham outrora. As categorias servem para identificar, tornar compreensível certa forma de vida.

A força onomástica é, digamos assim, um produto final de signos simbólicos imateriais que vão construindo uma identidade gay, ou qualquer outra identidade de margem. O homem só é classificado enquanto tal porque sua categoria está submetida a um constructo linguístico intertextual que cria no imaginário coletivo uma forma de representação de ser homem.

Já que a principal função da linguagem é manipular a atenção das outras pessoas – ou seja, induzi-las a adotar certa perspectiva sobre um fenômeno, podemos pensar que os símbolos e as construções lingüísticas nada mais são senão artefatos simbólicos que os antepassados de uma criança lhe legaram para esse propósito. Ao aprender a usar esses artefatos simbólicos, e assim internalizar as perspectivas que a ele subjazem, a criança acaba conceituando o mundo da maneira que os criadores dos artefatos fizeram. (TOMASELLO, 2003a, p. 210)

Logo, tudo que vai se distanciando ou inovando essa forma de masculinidade rígida e arcaica se configura em categorias desviantes. É assim que a figura do "viado" vai sendo representada e fixada do modo como é posta. O “ser viado” encontra-se associado a um processo de feminilização do que é colocado como uma masculinidade dominante.

A categoria "viado" tem cada dia mais, a meu ver, se distanciando da categoria gay. O termo pejorativo e depreciativo que foi sendo construído em torno dessa categoria revela seu caráter duplo de margem. Assim, o “viado” tanto é margem em relação à cultura heteronormativa quanto é margem entre seus próprios "pares".

Peter McLaren chamou de um apartheid sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as. De um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, "o/a enrus-tido/a". (LOURO, 1999)

Com a emergência de uma forma de ser gay "limpa", que baseia seu comportamento em valores construídos pela cultura da heteronormia, alguns homossexuais tentam a todo custo definir-se enquanto orientação e não enquanto gênero. O gênero acaba sendo um território estático nesses sujeitos, reproduzindo valores já existentes. Sendo assim, ser homem só se torna um projeto possível de um único modo, a partir da afirmação de signos que culturalmente vão demarcando uma forma de ser homem e mulher que são impressas nos corpos dos sujeitos. Já o campo da sexualidade revela-se como um território do possível, de experimentação, de plasticidades. Assim, o repertório de possibilidades de gênero nesses sujeitos é bem menor do que aquele que se apresenta sob o signo da sexualidade.

Instigo a pensarmos que isso acontece, sobretudo, porque o gênero está ligado a uma apresentação de si ao outro que se apresenta no âmbito público; já a sexualidade é experimentada no âmbito privado. Embora essas dimensões não estejam no tempo presente tão bem demarcadas ainda podemos dizer que o gênero seria uma espécie de “cartão de visita” que expressa como o sujeito pretende ser reconhecido na sociedade, associando, assim, a uma identidade coletiva. Já a sexualidade é um modo dizer algo de si ao outro sob os auspícios, na

maioria dos casos, do silêncio, do velamento, da intimidade, sugerindo, assim, uma identidade mais de caráter individual, embora seja arregimentada a partir da alteridade.

Assim, entre as diversas maneiras de se vivenciar as homossexualidades parece que existe um elemento congregador que aproxima essas identidades que seria o fator sexualidade. O homossexual masculino se configuraria naquele sujeito que sente atração que tem seu desejo orientado para pessoas do mesmo sexo que ele e vice-versa. É possível então pensarmos em uma pluralidade de modos de vida gays.

É importante insistir no plural *–homossexualidades–*, pois seria um grande equívoco acreditar que a chamada “orientação sexual” traduz em todos os casos a mesma dinâmica pulsional: a semelhança entre os discursos manifestos é só aparente, pois nada nos informa das diversidades dos caminhos pulsionais e das escolhas de objetos ali presentes. Nesse sentido, falar do “homossexual típico” é tão absurdo quanto falar do “heterossexual típico”, do “transexual típico”, do “travesti típico” e assim por diante: não existe nada “típico” na sexualidade humana. (CECCARELLI, 2012)

A noção de ser gay hoje não está mais cerrada apenas aos signos do efeminamento e dos trejeitos. Ser gay hoje está associado a muitos modos de vida. Podemos viver a nossa maneira de ser gay. Criar um modo particular que traduza aquilo que fazemos dizer sobre nós mesmos. Mesmo que a orientação sexual seja esse elemento que converge os indivíduos e dê uma aparente ideia de pertencimento, o gênero com suas linguagens dispersas faz esses mesmos sujeitos, garantindo-lhe experimentar modalidades de vida ainda não ensaiadas. O gênero deixa de ser espaço para ser território marcado pelo possível.

Raffestin (1993, p.143) estabelece a diferença entre espaço e território dizendo que, ao apropriar-se concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) de um espaço, o ator o territorializa. "O espaço vem, portanto, primeiro, ele é preexistente a toda ação". (CABRAL 2007)

Assim, vários rearranjos de si vão dizendo que nascemos “nus” de significados e que só nos tornamos algo a partir de nossa inserção na cultura. Nesse caso, pênis e Vagina deixam de ser inscrições corporais que falam de uma existência a priori do Homem e da Mulher, tornando-se então superfícies neutras no qual a cultura age. O gênero para Butler “é o aparato discursivo/cultural através do qual 'natureza sexual' ou 'sexo natural' são produzidos e estabelecidos como 'pré-discursivos', como prévios à cultura, uma superfície politicamente neutra 'na qual' a cultura age” (BUTLER, 1999, p. 11).

Portanto, sem querer categorizar a gama de identidades que diuturnamente vão sendo gestadas, podemos aqui dá voz a algumas ações que os sujeitos vão desenvolvendo para constituir suas identidades. Os *crossdressers* seriam um exemplo interessante de se trabalhar.

O *crossdresser* assim como a *drag* é outra possibilidade que perturba, que incomoda. O *crossdresser* se apropria e se empodera tanto de signos do universo masculino quanto de signos do universo feminino para fazer nascer uma forma de vida. O “cros” vai se travestindo de vários signos e se fazendo enquanto território. O “cros” não pretende ser chamado nem de homem nem de mulher, tampouco de uma terceira identidade, mas simplesmente pelo seu nome, pois ali existe uma vida que preexiste aquela performance de gênero.

Se é possível afirmar que há diversas formas de praticar crossdressing, pode-se também argumentar que estas formas assumem significados específicos em diferentes grupos. Estes grupos, inclusive, não costumam ser homogêneos e, por vezes, as definições do que se está fazendo varia de acordo com os elementos sociais e subjetivos de que uma pessoa que se veste do “outro sexo” possa lançar mão. Embora as significações sobre o termo possa variar, a grosso modo uma pessoa *crossdresser* pode ser definida como uma alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do “sexo oposto” ao seu “sexo biológico”. A prática do crossdressing se combina com um amplo leque de possibilidades em termos de sexualidades e “identidades de gênero”, assim como também é utilizado para falar de pessoas que se vestem do “outro sexo” para a prática sexual (VENCATO, 2008)

Na verdade por vivermos em uma cultura heterossexista que já se pretende formada, constituída a priori, temos uma necessidade urgente de substantivar as coisas, de darmos nomes a elas. É preciso atentar que existências não precisam de nomes para serem existências. Elas apenas existem. Se formos tentar classificar todas as identidades que surgem todos os dias e que desafiam uma lógica naturalizada de estrutura social estaremos fadados ao fracasso.

Essa estrutura social vai direcionando nossas posturas no mundo de um modo a corroborá-la, a reafirmá-la. A pedagogia das identidades vai conformando as pluralidades em dicotomias, em binarismos e os espaços estruturados por essa estrutura refletem sua lógica de ser.

Os banheiros se configuram em um exemplo interessante. Eles dividem as identidades sexuais em duas: uma que é masculina e outra que é feminina. Os banheiros também como espaços de regulação e reprodução de uma ordem social se territorializam em presença dos sujeitos que passam a criar novas dinâmicas naquele espaço, teoricamente voltado como espaço de trânsitos de corpos que se direcionam até lá para uma finalidade excretora.

Porém, os banheiros não cumprem apenas essa finalidade de depositário excretor. Eles vão além. Ali como um espaço de um tipo de sociabilidade embora que teoricamente

transitória e localizada, dá visibilidade a jogos de poder que são reafirmados e reeducados todos os dias em nossas casas, em nossas escolas/universidades, em nossos trabalhos, em nossos momentos de lazer, em qualquer espaço que torne possível uma vivência e experiência com o outro.

Os banheiros, como um exemplo dentre tantos outros possíveis, vão iluminando uma lógica social que envolve noções de hierarquia, de dominação, de poder... Os mictórios possibilitam uma espécie de voyeurismo que acaba por agenciar formas de desejo até então desconhecidas ou negadas em outros espaços.

Grafitos de banheiros demonstram que, apesar de mudanças nos padrões contemporâneos de comportamentos, afirmam atitudes tradicionais quanto aos papéis sexuais. Nos banheiros encontram-se importantes registros escritos das fantasias, possibilitando análises sobre questões sociais (Nwoye, 1993). Os banheiros garantem privacidade e anonimato ainda que em ambientes públicos, permitindo assim transgressões e aflorar impulsos sexuais. Destas possibilidades nascem fantasias. (TEIXEIRA; RAPOSO, 2007)

Se lá fora a identidade gay é perseguida e depreciada por está ligada a uma questão que perpassa o âmbito da sexualidade, mas encontra espaço no gênero e no seu caráter autocriador, cá dentro, um desejo que conjuga silêncio, desejo, fraturas e práticas desnuda o homem que sem se abster de sua masculinidade, olha, deseja, chupa, fode um corpo masculino. Nesse espaço o pênis pode ser visto e desejado, pois reproduz a uma noção falocêntrica de poder.

O falo expressa dominação, masculinidade, macheza, dentre outros atributos ligados ao masculino. Mas a questão não é só ter um falo e exibir, mas também o tamanho desse falo. De acordo com o tamanho do pênis o sujeito parece gerar mais desejo no outro bem como dizer "eu sou mais macho que o outro que tem um pênis menor".

Assim, o território simbólico do banheiro bem como os "jogos" que ali são negociados vão sugerindo outras formas de se pensar as identidades gays; algumas que no momento presente parecem existirem só naquele lugar. O banheiro perde sua simples função de lugar onde se excreta, deixa algo, e vai embora. Ele revela outras dinâmicas que classificam "jogadores" em veteranos e novatos que por vezes ocupam uma parte dos seus dias, semanas, meses ou anos naquele espaço de onde se desenha, esboça, apaga, constrói, agencia, nega uma forma de identidade que é expressa no jogo de sentidos que envolvem um silenciamento do jogo que está sendo desafiado ali dentro.

No entanto, essa autonomia conferida pela situação de anonimato poderia ser relativa: se, por um lado, não há censura externa, por outro, existem regras

internalizadas que levam as pessoas a se submeter a uma censura interior. De qualquer modo, grafitos de banheiro podem revelar fantasias trazidas para o registro da escrita em um local que permite a leitura dessas inscrições por parte de um grande número de pessoas. (TEIXEIRA; OTTA, 1998)

Isso revela e reproduz noções que já tentamos problematizar de algum modo das maneiras de criar no público e no privado que envolvem também discursos de poder. As cabines privadas além de dá voz aquela identidade que existe de uma maneira parcial ali dentro, além de por para fora, por em evidência a natureza da identidade e a natureza do desejo que mapeia um pouco as subjetividades que vão se constituindo naquele espaço, coloca também para fora uma grande ameaça que, culturalmente, está associada à ideia de passividade, logo, a jogos de poder, que é a bunda.

A bunda, nesse sentido, como reflexo dessa ordem e como expressão dela, só aparece nesse lugar. Não há um espaço "aberto" para exibição da bunda, pois a presença da bunda parece denunciar e desmascarar alguns perfis identitários que ali vão se formatando e que não querem ser classificados pelo estigma do "viado".

Assim, "descobrir-se viado" coloca em xeque e desestabiliza aquelas identidades que ali se definem pelo silêncio e pelo desejo no corpo masculino. O pênis assim pode ser visto no mictório, a bunda, entretanto, só no reservado, pois é só no reservado que parece que assumimos nossas motivações, nossos verdadeiros desejos.

Portanto, esse espaço, tomado então como exemplo de uma lógica de empoderamento do feminino por uma forma de masculinidade hegemônica, bem como dessa mesma masculinidade hegemônica subjugando outras expressões de masculinidade nos leva a refletirmos um pouco na natureza das identidades. As identidades hoje como nos aponta o cartunista Laerte Coutinho em ocasião de uma entrevista a jornalista Marília Gabriela no programa "Gabi quase proibida" são *flex*, são múltiplas, não conseguem ser encerradas no campo do discurso dada a sua natureza inquieta e diversa.

É possível dizer que vivemos constantemente em uma sociedade ameaçada pelo feminino. O feminino nos ameaça. O feminino precisa ser negado a todo o momento, pois ainda parecemos viver em um mundo de homens, em que predomina uma única maneira de ser homem. Para mudar essa impressão que parece ser naturalmente herdada, sem consentimento nenhum do sujeito, é preciso haver uma determinação de pessoas autorizadas para tornar isso possível. Falo isso no caso das identidades *trans* e qual dimensão isso alcança na mudança de um nome que invisibiliza e inviabiliza uma vida.



No tocante ao feminino, lanço uma questão paradoxal, esse mesmo feminino que é negado e vigiado é o mesmo feminino que já usou barba no século XIX (mulheres de circo), já passou por uma revolução feminina, já queimou seus sutiãs em praça pública, já trocou saias por calças, já usou smoking, já se libertou dos espartilhos, já adotou o corte “à lá garçonne”, já feriu "normas" de feminilidade. E nós, homens de múltiplas e variadas formas de masculinidade, por quais revoluções, por quais processos nós passamos? É preciso rever essas categorias que nos imputam e assim nos admitirmos também como seres que transgridem, que se reinventam, senão permaneceremos condenados à uma lógica binária que reproduz e tem uma ressonância social marcada pelo par ativo(como o que come) *versus* passivo (como o que dá) como se os dois não "dessem", como o primeiro não fosse tão "ativo" quanto o segundo.

### 4.3. Entre Meetidos: mais, menos e nem tanto...

Mas, afinal, como se define a identidade MEETIDA? Na dinâmica atual da boate podemos dizer que há uma identidade MEETIDA ou identidades MEETIDAS plurais? O que torna uma identidade mais MEETIDA que outra? E quais são os embates que refletem a natureza dessas diferenças que são negociadas dentro de um mesmo espaço?

Os entrevistados relacionam bem duas formas distintas de perceber e experimentar o espaço MEET pelos sujeitos que lá frequentam.

-O que eu achava mais interessante era a questão da construção das pessoas numa dimensão muito narcísica, não pro narcisismo do Freud, mas a questão de uma reprodução do narcisismo social que eu via lá.

[...]existe uma conduta do pessoal que frequenta a MEET muito performática em que as pessoas estavam muito mais preocupadas em atender um certo tipo de jogo de contrato, muito mais um contrato de relações, de como se relacionar, de como se vestir, de como ter trato com as pessoas, das amizades com que se estabelecer, do que às vezes do que elas próprias são. Ai eu achava até estranho porque eu conhecia uma pessoa na MEET uma noite e fora da MEET a pessoa já era totalmente diferente. A forma ela se portava comigo lá era totalmente diferente fora. Uma coisa que eu percebia é que existia tanto a vontade de ter uma certa performance para você aparentar bem mas também tinha um desejo de você querer se divertir na noite. Se passar, mas sem passar feio. Era uma coisa que eu achava muito interessante. Uma coisa que ainda acho muito interessante é relação que o público da MEET tem com a imagem. A importância da imagem para com que eles estabelecer. Para você ir na MEET você tem que ter uma boa roupa, você tem que ter um bom trato, além de ter um bom trato você tem que está inserido no círculo de contatos do público que frequenta a MEET. Um espaço que se propõe ser comercial tem um público muito fechado e que ele procura conservar aquele público fechado e o público também cria formas de regulação pra ficar só aquele público mesmo. (entrevista realizada com José, estudante de Psicologia e frequentador da casa)

Este depoimento pensa o território meetiano como um lugar em que predomina, no conjunto de suas práticas, uma espécie de “contrato social” entre os sujeitos, que experimentam seus prazeres a partir de um “encontro” que só se dá sob a via do ver e ser visto e não das aproximações, das “pegações”, mas sim, das regulações e das “passassões”. Esse encontro aqui não acontece a partir das confluências, das convergências, do toque, do partilhar de sentidos, mas da supressão deles, na medida em que o ver e o olhar que singularizam esse modo de encontro “a lá meetiano”. O “contrato” então que se firma ao adentrar na casa procura ser vivido e expresso no âmbito do corpo e da performance. Logo, a partir da natureza dessa fala, ir à MEET coloca em jogo uma série de processos que passam pelo crivo do corpo, da aparência e da representação.

Outra fala expressa outras motivações acerca do lugar, demonstrando, assim, que as subjetividades vivem espaços e momentos de maneiras distintas.

Minha experiência lá é ótima, sempre que vou me divertir. Normalmente vou com meus amigos e namorado. Frequento a boate desde seu primeiro ano. Acho que não tenho muito a reclamar. A boate me agrada, conheço as sócias, existe uma certa "liberdade" pra você chegar nas mesmas, seja pra elogiar ou criticar elas estão sempre por perto, acho legal essa facilidade.  
[...] antigamente, eu via como pessoas fúteis, de “queixo erguido”, hoje o público é bem diversificado. Tem de tudo. Melhor escolha para uma balada GLS em Fortaleza. (entrevista realizada com Fábio, frequentador da casa )

Os depoimentos revelam o entrecruzamento de vivências que são contadas a partir da fala de atores sociais que sentem e experimentam o espaço MEET de modos bem particulares. Essas vivências levam em consideração o lugar social dos sujeitos e uma natureza múltipla das identidades individuais de cada sujeito. Porque só podemos pensar identidades nesse espaço a partir da compreensão do que vem a ser representação, pois é justamente essa atuação expressa no jogo social meetiano que se torna os sujeitos conhecidos naquele lugar. Uma espécie de subjetividade que é formada a partir de uma identidade coletiva MEETIDA que ali vai sendo territorializada.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são

tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Entender as identidades gays emergentes no território da boate MEET é questionar processos identitários que vão sendo negociados e corporificados desde o momento que o sujeito decide ir à boate. Decidir algo é determinar o que deve ser feito, é fazer escolhas e coloca em questão um planejamento prévio. Esse é o momento em que identidades vão sendo criadas, planejadas, detalhadas, montadas... Momento em que os sujeitos vão elaborando os trajetos que pretendem fazer naquela noite com seus corpos, aparências, performances. E, nesse sentido, a apresentação pessoal se torna instância primeira dos investimentos que são empreendidos pelo sujeito, pois não se pode apresentar-se ao outro, ao desconhecido conforme se apresenta para si no âmbito privado. A apresentação para o outro exige cuidados e elaborações. Apresentar-se para o outro envolve, assim, uma sequência de processos de montagens e desmontagens de identidades que se pretende “vestir” para se apresentar. Assim, MOTA (2008) nos faz pensar que:

O vestir envolve gestos, comportamentos, escolhas, fantasias, desejos, fabricação sobre o corpo (e de um corpo), para a montagem de personagens sociais coletivos ou individuais, exercendo assim comunicação, exprimindo noções, qualidades, posições, significados. A função de comunicação do corpo se acentuou no século XX, com a força de uma cultura da imagem, tornando-se meio de expressão de subjetividade, revelação do eu. Se vista e diga-me quem és.

Como já foi trabalhado em algum momento desta investigação, o espaço da fila na boate figura como primeiro espaço de agenciamento que se dá *in loco*. É ali que o sujeito vai negociar seus repertórios identitários para saber que “roupa” melhor lhe traduz naquele instante. A fila, portanto, é um espaço de ritos, na medida em que atua como o lugar do meio que carrega tanto a realidade da rua com todos os seus desdobramentos bem como a realidade da boate. A fila não é claro, nem escuro. A fila é lugar de penumbra. Assim, a fila vai atuando, conjugada com os sujeitos, na transmutação daquele espaço em território. O espaço físico da boate se territorializa quando os sujeitos ali se estabelecem. A MEET como um espaço físico localizado no bairro Varjota na cidade de Fortaleza frequentado por um público gay eminentemente *distinto* de nossa cidade ganha dimensões outras e se converte em território de trocas, em um espaço de jogos, de sociabilidades, de apresentações, de negócios.

A MEET se “prepara” para receber os MEETIDOS e criar com eles uma relação que começa às 23h00min das sextas, dos sábados e dos feriados e termina quando o último MEETIDO resolve voltar à vida comum. Mas nem todos podem ser tão MEETIDOS na casa, pois a mesma regula com os signos que são criados e estabelecidos ali os que são mais

MEETIDOS e os que são menos MEETIDOS e os que não nem tanto, os entremeios. A casa, através da força onomástica da palavra MEETIDO estampada nas blusas dos *barmens* convida todos os seus frequentadores a serem MEETIDOS, mas a dinâmica, os jogos que são estabelecidos entre aquelas subjetividades pronta-para-o-uso são determinantes para classificar os MEETIDOS segundo o grau de discricção, de distinção, de comedimento, de beleza, de performance ...

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra “metido” está associada ao verbo metediço que significa intrometido, indiscreto, metido. E MEETIDO, possui um mesmo significado? O perfil do MEETIDO parece está mais associado à discricção, à distinção, ao decoro, ao polimento, à contenção. Assim, parece que estamos falando de uma forma de ser metido que só se articula quando em território meetiano. As maneiras de ver significar esse MEETIDO são plurais e as falas dos entrevistados expressam bem isso:

[...] acho que o temo MEETIDO eu vejo como se fossem aqueles clientes fiéis... que estão pelo menos duas vezes ao mês frequentando e tal. (Fala de Fábio, frequentador da casa)

A partir dessa reflexão se torna possível pensar esse espaço como um todo simbólico que reflete e reproduz aspectos de nossa estrutura social. Será pretensioso de minha parte dizer que a MEET conformaria alguns de seus aspectos aos de uma instituição social total, que é gestada no campo do simbólico e vez por outra se corporifica, se concretiza nos jogos de poder que são externados e possíveis só nas particularidades daquele lugar.

[...] no mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu – por exemplo seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens – fora de contato com coisas estranhas e contaminadoras. No entanto, nas instituições totais esses territórios do eu são violados: a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas (GOFFMAN, 2008, p.31).

Logo, pensar esse território meetiano como uma instituição total simbólica é pensar que existe uma dinâmica que é própria do lugar, ou seja, que é construída em consonância com as formas de negociações que se estabelecem entre os seus frequentadores. Sob essa perspectiva, a MEET pode ser aquilo que o MEETIDO quer que ela seja. Assim, a MEET pode ser escola, hospital, casa, quartel, motel, rua, shopping, boate, igreja nos permitindo compreender que as relações engendradas naquele espaço transformam corpos e aparências de sujeitos A, B, C, D e E., em uma identidade MEETIDA, que pode ser mais, menos ou nem tanto. As identidades, assim, para serem iniciadas e processadas na casa passam antes por um

rito de passagem que terá uma ressonância, a posteriori, nos corpos, nas aparências e nas representações que serão postas em evidência.

Aos ritos de passagem cabe uma atenção peculiar, pois com eles podemos perceber as formas que a estrutura social assume e suas características constitutivas. Os ritos de passagem marcam a transição de um estado social para outro, ele o reivindica e o legitima, o torna passível de ser, se não compreendido completamente, pelo menos aceito culturalmente. Aos indivíduos que a eles se submetem cabe uma total disposição essa nova etapa de sua vida social, pois como afirma Turner, não somente um novo saber será adotado, mas uma modificação ontológica está inscrita em sua trajetória. (MENESES, 2000)

Como todo rito de passagem antecede um rito de iniciação nesse caso aqui não acontece diferente. A MEET como escola ensina e dispõe dos signos que caracterizam um MEETIDO. Os signos são expressos não só nos símbolos que figuram nas portas dos banheiros da casa, revelando uma espécie de aprendizado altopoiético na construção de corpo-imagem que carregue ou tente representar o ideal de ser MEETIDO. Os aprendizados, as incorporações e as construções se caracterizam, nesse sentido, como um processo que está acessível “para todos” aqueles que desejam se sentir pertencentes a esse universo.

Contudo, há aqueles que rompem com a lógica do lugar, que rompem à lógica dos corpos, das aparências, das performances, da “discrição”. E, como consequência de seus atos, pagam sanções. Sanções que são expressas nos olhares de acusação, de ojeriza, de repulsa, de estranhamento, mas que também são conjugados com aqueles olhares admirados, que apoiam aqueles quem têm coragem de se expressar, de desconsertar, de confundir, de perturbar, de chocar. Esses indivíduos que chocam, constitui-se em outra categoria, que são daqueles que, em geral, não procuram estar presos a classificações, que não procuram reproduzir signos e significados de uma cultura heteronormativa em uma modalidade de existência outra que, por ser outra, não pretende ser igual.

Assim, embora haja tensionamentos que repercutem em embates que se apresentam sutis entre os vários MEETIDOS, podemos dizer que a identidade do MEETIDO, assegurada as suas particularidades, está associada a uma identidade tribal, conforme nos aponta Maffesoli apud (2005):

Para o autor, as práticas minúsculas constituem o terreno sob o qual se constrói a sociedade. É a necessidade de pertencer que constitui o laço social, a partilha de emoções e sensações. A existência social está submissa a um “poder” multiforme, uma potência que reafirma a solidariedade e que favorece a fusão e estabelecimento de uma relação tátil – na massa interagimos, criamos grupos, nos tocamos.

Logo, as identidades MEETIDAS se chocam e se revelam marcadas por contradições que são visibilizadas através das vivências que os sujeitos vão experimentando ali dentro, porém convivem sob o mesmo território, resignificando aquele lugar de maneira diferente e fazendo gestar naquela casa novas formas de regulação. A identidade tribal meetiana está relacionada a um modo particular de estar juntos, que tem na identificação de uma mesma forma de orientação sexual sua principal força de estar, embora as diferenças existam e sejam sentidas principalmente pelas muitas maneiras pelas quais esses sujeitos se constroem e expressam suas identidades lá dentro, o que acaba por possibilitar pensarmos, a partir da lógica conceitual do que vem a ser um MEETIDO, em existências MEETIDAS que se traduzem em identidades mais MEETIDAS, menos MEETIDAS, e aquelas que um processo de espetacularização simulada dialoga e se exprime tanto a partir dos signos do "centro" (o mais MEETIDO) como a partir dos da margem (o menos MEETIDO).

Essas relações identitárias insinuam uma questão de classe marcada pelo estilo de vida. A ideia de classe vai demarcando distinções específicas no interior do território da boate. “Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais, que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência”. (BOURDIEU, 1983)

Uma espécie de distinções *in* e distinções *out* vão revelando referenciais que a identidade meetida se apropria para estabelecer uma política das diferenças. Existem nesse sentido diferenças que são mais próximas do referencial MEETIDO, que se revelam por vezes mais ameaçadoras do que aquelas diferenças mais distantes que adquirem performance nos corpos das mulheres, nos corpos das *drag queens*, das travestis. A diferença em si, em um território marcado por um esforço, uma educação, à homogeneidade, desconserta uma lógica que se impõe na construção do MEETIDO. Deste modo, as distinções *in*, percebidas entre gays em geral que frequentam o espaço da boate se revelam bem mais conflitantes do que as distinções *out* que englobam uma multiplicidade de possibilidade identitárias que ocupam o mesmo território da boate, mas que requerem para si outras alcunhas. As convergências existentes no campo das orientações sexuais revelam diferenças nas performances ensaiadas no âmbito do gênero. Se a casa parece ser voltada, haja vista sua predominância, para homens que procuram ter algum tipo de encontro com outros homens, o território meetiano vai delineando que modalidade de homens tem espaço ali dentro para tornar o encontro possível. O encontro, assim, é marcado também por esses embates que negociam identidades *in* e identidades *out*, apontando quais MEETIDOS estão “dentro” da MEET e quais aqueles, dada a sua forma de apresentação, estão “fora”.

Nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los. (FREUD, 1921/2011, p. 57)

Em que pese à existência de uma política das diferenças, é importante corroborar que em território meetiano todos se tornam, se fazem MEETIDOS, embora uns mais e outro menos. Maffesoli (2005) chama esse espírito congregador de ressurgimento comunitário que parece emergir no lugar. O lugar, embora marcado por microterritórios, embora seja apropriado pelas identidades e ganhe certa particularidade ele acaba sendo marcado pela sua conotação física que nos possibilita pensar que, embora todas as "ruas" possibilitem os sujeitos criar caminhos diferentes, ao fim, elas sempre convergem para um mesmo caminho. As "ruas" no espaço da MEET seriam os microterritórios simbólicos que os sujeitos vão criando/recrindo. Nesse sentido, em alguns momentos da noite é sentido o entrecruzamento de vários caminhos.

Retomando a discussão sobre a identidade, alio uma discussão teórica da identidade me apropriando de algumas questões colocadas por Bhabha (1998) quando ele se propõe problematizá-la, às investigações etnográficas que me possibilitaram pensar em uma identidade MEETIDA que parece marcada pelos seguintes aspectos:

[...] existir significa ser interpelado com relação a uma alteridade, ou seja, é preciso existir para um Outro. Como tal, a construção da identidade do sujeito implica num desejo lançado para fora, em direção a um Outro externo; desse modo, a base para a construção da identidade é constituída pela relação desse desejo para com o lugar do Outro. Isso resulta naquilo que Fanon (1986) chama de "sonho de inversão"; sonho esse no qual o colonizado sonha em um dia ocupar o lugar do colonizador. Por sua vez, o colonizador sonha, atemorizado e de forma paranóica, com a ameaça de perder seu lugar de privilégio para o colonizado. Assim, o desejo colonial enquanto construção da identidade do sujeito é sempre articulado em relação ao lugar do Outro.

Assim, a identidade do MEETIDO só se realiza coletivamente. Só existe na presença do outro, o que reforça a ideia da tribo. Embora procurem expressar suas performances de maneiras particulares, a presença do outro ali é fundamental nesse processo, pois é o outro o principal balizador desses signos da diferença. O olhar do outro que vai ratificar o espaço social do sujeito ali na boate, logo a que *ethos* MEETIDO o sujeito vai está relacionado, ou com aquele que é considerado de direito e de fato como o "verdadeiro" MEETIDO ou com as outras possibilidades de ser MEETIDO, que emergem como desdobramentos, como ensaios

da primeira. São exatamente esses signos da diferença que vão demarcando esses MEETIDOS *fakes* ou esses Menos MEETIDOS.

Em segundo lugar, nesse espaço relacional marcado pela alteridade e duplicidade, surge o desejo ambíguo da vingança que provoca um processo de cisão (*splitting*): ao mesmo tempo em que o colonizado sonha em ocupar o lugar do colonizador, ele não quer abrir mão de ocupar simultaneamente seu lugar de colonizado; isso porque o sabor da vingança do colonizado surge a partir do desejo de se ver como um colonizado ocupando agora o lugar de seu antigo carrasco, o colonizador; (Ibdem)

Aqui podemos falar desses embates sutis que se estabelecem em um espaço que é marcado por similaridades e diferenças. Há maneiras de se fazer MEETIDO ali dentro e é muito lúcido pensarmos conforme nos aponta Freud que as diferenças consideradas mais "ameaçadoras" são aquelas que estão mais próximas de nós. O narcisismo das pequenas diferenças como o autor coloca. Há, portanto, na dinâmica da boate aquilo que podemos chamar de relações de poder que vão acentuando essas diferenças, criando, assim, hierarquias e, conseqüentemente, embates, que procuram sempre serem expressos da maneira mais sutil para não perturbar as formas de ordenamento da casa.

Em terceiro lugar, o processo de identificação nunca se limita à afirmação de uma identidade preexistente e pressuposta; pelo contrário, trata-se sempre da produção de uma imagem de identidade acompanhada simultaneamente pela tentativa agonística de transformar o sujeito, fazendo com que ele assuma essa imagem. A cisão e a angústia no processo de identificação surgem justamente na percepção do espaço intersticial e relacional entre a imagem (a máscara) e a pele; e a percepção desse espaço faz com que o sujeito se esforce mais ainda a tentar eliminar a distância inapagável entre a máscara e a pele, na busca por uma imagem 'autêntica'. (Ibdem)

A autenticidade do meetido reside no ato da simulação. O MEETIDO só existe quando simula. A identidade do MEETIDO só se faz existente quando em estado de performance, sendo que esse estado aqui não está marcado pelo momento, mas pela permanência. Ser MEETIDO é conseguir atuar no corpo, na roupa, na performance uma identidade de longa duração ou pelo menos que consegue durar enquanto se está na boate.

Trabalhando ainda a perspectiva da identidade tribal, o MEETIDO parece experienciar no espaço da boate uma lógica do armário, porém ressignificada, que surge no território da boate. Existe assim um armário *in* (de dentro) que torna aqueles corpos regulados e marca uma contenção da fuga. Se existem linhas de fuga marcadas pelas identidades outras que entram pelas "portas de detrás" da casa e lá dentro perturbam a aparente homogeneidade daquele território, existe também uma contenção dessa "fuga", expressa pelos "verdadeiros" MEETIDOS.



Portanto, na MEET, a homogeneidade das aparências revela contradições que existem e se expressam nas falas e sentimentos que cada entrevistado vai exteriorizando, permitindo-nos montar uma cartografia do lugar e das identidades que assumem uma forma particular de existência lá dentro, revelando uma casa de sentidos e experiências múltiplas, configurando para alguns como espaço de sociabilidade, de paquera, de diversão, de encontros gays na cidade, mas para que outros está intimamente ligada a processos de construção, incorporação, afirmação identitárias que só são negociadas na MEET, território de encontros, sob as mediações do *music*, do *lounge*, dos espelhos, dos banheiros, do bar, do outro, de uma forma de existência plástica, sinestésica e simulada que ali prefigura como a verdade de cada um.

## 5. PARA NÃO CONCLUIR...

Sem ter a mínima pretensão de fechar questões aqui, mas de tencionar, de provocar e, ao mesmo tempo, de contribuir minimamente no debate de algumas questões que me incomodam e que falam de existências múltiplas nas formas de ser gay na cidade de Fortaleza é que compartilho minhas reflexões, tornando-as conhecidas no intuito de que as mesmas sejam fonte geradora de novas questões, de novos embates, apontando sempre para caminhos, para fluxos, para trânsitos, para linhas de fuga, para possibilidades, para devires em um eterno *continuum*...

Apropriar-me do espaço da boate Meet - Music & Lounge como um lugar de um estar junto gay específico ilumina o modo de pensarmos nossa cidade e como esses espaços de sociabilidade que se dizem autorizados para um determinado público reconfiguram a mesma, em um movimento contínuo de desterritorialização e reterritorialização.

A boate MEET emerge, portanto como um empreendimento gay que gera lucro, atrai turistas e cria identificações com um público específico, procurando manter uma identidade que se pretende ser uníssona e coerente. Além de entender a boate como um espaço de negócio, minhas reflexões procuram contemplar a Meet sob o âmbito do simbólico e do político de território em que se torna possível agenciamentos de diferentes identidades.

Desde a fila, perpassando pelos banheiros, pelo *lounge*, pelo bar e por outros espaços da casa vai configurando, ou melhor, formatando uma identidade que se performatiza no corpo do MEETIDO. Corpo este que emerge na casa como espaço de lutas e investimentos. O corpo do MEETIDO é um corpo regulado, um corpo-autômato, um corpo-conformado. A construção do corpo do MEETIDO se articula com o capital aparência (apresentação) e com a performance (representação) e "ganha o mundo", se agiganta no interior da boate. Esse corpo se apresenta no território meetiano como um corpo submetido a constante vigilância, um corpo que só existe sob a mediação da regulação. Regula-se a si mesmo e ao outro a partir da dinâmica do olhar. O olhar vai mapeando os sujeitos, estabelecendo limites e possibilidades, apontando para comportamentos que são bem vistos e bem aceitos e outros que são ojerizados. Além do olhar, espaços e objetos se tornam objetivados para regular os comportamentos e manterem essa dinâmica. Os espelhos se encontram, assim, nessa categoria de objetos presentes na casa e que dada a sua existência em vários espaços da boate vão atuando como elementos deflagradores de uma identidade que se apresenta como uma identidade de centro e outra que se corporifica sob os significantes da margem. Os banheiros

como um desses espaços, estabelecem dinâmicas diferentes que são particulares dada as singularidades desse lugar. Os banheiros acabam agenciando outras formas de encontro que em outros espaços da boate não são possíveis. Os banheiros permitem o trânsito dos corpos em um perímetro menor, o que permite que os corpos, mesmo que não queiram, se aproximam, se tocam. Os banheiros seriam assim espaços que possibilitam um entrecruzamento das identidades de centro e de margem, misturando corpos, lugares, símbolos, identidades... São nos banheiros, assim, que se cruzam histórias, intimidades, olhares, paqueras, jogos... Os banheiros são esses espaços de convergências, encontros marcados por trânsitos e por possibilidades que não possíveis em outros microterritórios da boate.

Além da dinâmica dos banheiros, outros espaços vão possibilitando encontros de naturezas diferentes que são mediados pela batida da música, pelos reflexos dos espelhos, pelo olhar do outro, pelos jogos de sedução... Encontros que são marcados pelo signo do comedimento, da polidez. O encontro dos Gays MEETIDOS de Fortaleza apresenta um tom de fixidez, de estaticidade, de representação. As performances que ali são engendradas vão tolhendo o movimento dos corpos que se autorregulam para estrear uma identidade que “veste” os signos de um está discreto, de um está machudo, revelando a natureza de um encontro que se pretende só entre Homens Gays MEETIDOS. Sendo assim, tudo aquilo que culturalmente está associado a possibilidades de transgredir em relação ao modelo do macho, imposto por uma cultura heteronormativa é reproduzido, é simulado, é parodiado.

Tolher-se, simular-se, representar-se tanto por meio do corpo, como da imagem, como da performance são, portanto, pré-requisitos para que o encontro se efetive. Entretanto, esse encontro nem sempre ocorre de modo tranquilo ou sem muitos transtornos. Vez por outra emerge uma identidade fronteira, que desafia as normas de regulação que ali são impostas. Essas “margens” identitárias são marcadas por símbolos, expressos em roupas, estilos e performances. São identidades plásticas, abertas, processuais, que se montam e desmontam-se com certa fluidez, pois são reconhecidas por seu caráter autocriador. São identidades-estilistas-de-si-mesmas. São *queers*. São “viados”, *drags*, travestis, transexuais, e todas as demais identidades que lhe são negadas sua existência. Sujeitos marcados pela abjeção, pela intolerância, como também por uma reinvenção contínua de si, expressas nas instabilidades, nas fraturas, em um não conformismo sem fim com a ideia de uma identidade fixa e permanente que os levam a utilizar seus corpos como eternos espaços de experimentação.

Os *queers* são sujeitos a quem foram atribuídos uma vida relegada, sujeitos expatriados de uma cultura que se pretende inteligível, cindida por binarismos que tentam reduzir a todo custo o repertório de possibilidades de ser e estar no mundo.

Sendo assim, a boate então se caracteriza como um lugar em que sujeitos são educados, corpos são docilizados, aparências são homogeneizadas e performances conformadas, emergindo como um território gay na cidade de homens gays *cults*, homens gays discretos, homens gays distintos. A casa possibilita, a partir de uma análise de seus sentidos simbólicos, diálogos com a classe, a partir dos lugares sociais dos sujeitos e do elemento que identifica sua representação identitária mais corroborada; com o gênero, a partir dos investimentos expressos em uma forma de pedagogia da identidade MEETIDA, reproduzindo no seu território uma lógica uníssona de ser homem. Pois ser homem em território meetiano está estritamente associado a processos que envolvem uma educação que só tem sentido de ser corporificada nos corpos-aparências-performances do MEETIDO quando se pensa que essa identidade será construída para ser apresentada, para ser vista.

Ser Homem então nesse espaço quer dizer suprimir o feminino, negá-lo, pois o feminino se configura como elemento ameaçador das identidades “machudas” que se pretendem másculas e viris, distantes de todas as representações efeminadas que acabam por transformar esse “Homem com H” em viado, em bicha, em um menos MEETIDO. Assim, em território meetiano, ser um Homem Masculino é negar seus jeitos femininos, pois é isso que torna o homem em Homem, autenticando com a marca do MACHO.

Portanto, não pretendendo achar que etnografando e produzindo algum tipo de conhecimento nos torna mais aliviados em relação ao peso que os atravessamentos que o “observar o observar” desempenham em nossos espíritos, espero que essa pesquisa não produza algum tipo de história, marcada pela fixidez e limitada no tempo e no espaço. São geografias que quero que marquem esse trabalho, revelando caminhos, percursos que nos conduzam a diferentes lugares e provoquem em nós uma permanente situação de mal-estar frente aquilo que pretende se colocar como realidade pronta e acabada. Se o trabalho cindir, confundir, embarçar, desconstruir, tencionar, provocar, perturbar, produzindo, assim, sensações correlatas, considero-me parcialmente satisfeito. Para não concluir, que venham os devires para nos revelar que as existências são precisam ser nomeadas para serem existências, pois é só partir das diferenças que tornamos menos pesada a nossa existência, afinal de contas, todos nós nascemos nus, só depois que a gente vira *drag*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO F.M.de B; ALVES, E.M. & CRUZ, M.P. **Algumas reflexões em torno dos conceitos de campos de habitus na obra de Pierre Bourdieu.** Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia v.1, n.1, jan-jun 2009.

ARAÚJO, Jair Bueno de. **A DESCONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS DOS GÊNEROS SEXUAIS EM JUDITH BUTLER.** SABER ACADÊMICO - n ° 11 - Jun. 2011.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina.** Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAPTISTA, Maria. M.M. **Habitus e ethos: tempo e espaço em exames de Português .** 2012

BARROS, Letícia Maria Renault de. **Um estudo sobre a noção de experiência no campo da cognição: a abordagem enativa /** Letícia Maria Renault de Barros. – 2010.

Barueri: Manole, 2005.

BAUDRILARD, Jean. **Simulações e simulacro.** Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

\_\_\_\_\_ (1995) **A Sociedade de Consumo.** Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70.

BERNARDET, J. C. - Os homossexuais no momento de sua definição, In Folhetim, suplemento dominical da Folha de São Paulo, 11 de Julho, p. 9,

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BOTELHO, Sandra M. **O corpo e a imagem corporal em adolescentes: um estudo numa escola pública no bairro de Jurujuba/Niterói/RJ,**Ano de Obtenção: 2013.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_ **¿Que significa hablar?** Economia de los intercambios lingüísticos. Madrid: Akal, 1985.

BRITO, Maria dos Remédios de. **Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guatarri sobre a ideia de subjetividade desterritorializada.** ALEGRAR nº09 - jun/2012

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade,** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_ **"Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo".** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_ **"Sujeitos do sexo/gênero/desejo".** In: BUTLER, Judith. Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.p 15-49

CABRAL, Luiz otávio . **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica.** Revista de Ciências Humanas (Florianópolis), v. 41, p. 141-156, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever.** In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 1998. p. 17-35.

CECCARELLI, P. R. . **O que as homossexualidades tem a dizer à psicanálise** (e aos psicanalistas). Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 08, p. 103-123, 2012.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre práticas e representações.** Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** IN: Revista Annales. Nov-Dez.1989, Nº 6.

COMOLLI, Jean-Louis. Cinema Contra Espetáculo. In: fórum doc.bh.2001. Publicação do 5º Festival do Filme Documentário e Etnográfico, Fórum de Antropologia, Cinema e Vídeo. pp.127-130. Belo Horizonte, 9 a 18/11/2001

CONNELL, Robert W. (1997). “**La Organización Social de la Masculinidad**”. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). *Masculinidad/es: Poder y Crisis*. Santiago: Ediciones de las Mujeres, pp. 31-48. [Também publicado em Connell, 1995a, capítulo 3].

CORTÁZAR, J. **Ônibus**. In: *Bestiário*, São Paulo: Circulo do livro, s/d

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DOEL, M. 1999. **Poststructuralist Geographies: the diabolical art of spatial science**. Lanham: Editora Unesp, 2005, v. , p. 309-333.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, M. 1999. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. **Para além do poder disciplinar e do biopoder**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 63, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** /tradução de Raquel Ramallete. -Imprensa: Petrópolis, Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GARCIA, Wilton. **Na ferveção da cultura gay paulistana: Ecos do im[pact]o Brasil**. Disponível em: <http://www.ecos.org.br/nafervecao/oprojeto.swf>. Acesso em: 17.11.13

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura**. In. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.03-21.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. SP: Perspectiva, 2008.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Edições 34, 1992.

\_\_\_\_\_ ; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_ **“É apenas um jogo”**: História da Mídia, Esporte e Público. In: GUMBRECHT, Hans. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. pp.115-135. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2002.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. 2006. **Império**. Rio de Janeiro: Record.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5 edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KEHL, Maria Rita. Folha de São Paulo. **“Com que corpo eu vou?”**. 2002.

LAURENTI, C. ; BARROS, Mari Nilza Ferrari de . **Identidade**: questões conceituais e contextuais. PSI. Revista de Psicologia Social e Institucional, Londrina, v. 2, n.1, p. 37-65, 2000.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. São Paulo: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_ **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003

LIPOVETSKI, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.

\_\_\_\_\_ **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Gilles Lipovetsky, tradução de Armando Braio Ara. – Barueri, SP: Manole, 2005.



LOURO, G. L. (Org.) . **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. v. 01. 174p .

\_\_\_\_\_ **Currículo, gênero e sexualidade** - refletindo sobre o "normal",

\_\_\_\_\_ **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

MACHADO, R. 1990. **Deleuze e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Graal.

MAFFESOLI, M. **O mistério da Conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_ **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MATOGROSSO, Ney. **Homem com H**. 2007.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MENESES, Inês. **Intimidade, norma e diferença**: A modernidade gay em Lisboa, *Análise Social*, vol. 34, n.º 153, pp. 933-955, 2000.

MENEZES, C. V. B. . **Antropologia da Performance**: Ritos Religiosos e Ação Performática. In: VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2010, Londrina. Seminário de Pesquisa em ciências Humanas - VIII SEPECH. LONDRINA: EDUEL, 2010. v. Único. p. 32-32.[

MESQUITA, Cristiane. **Políticas do vestir**: recortes em viés. Doutorado de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) São Paulo, 2008.

Mota, M. D. B. **Moda e Subjetividade**: Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. *Modapalavra e-periódico*. Ano 1, n.2, ago-dez 2008, pp. 21 – 30.

MOTT, L. R. B. **A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids**.. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

NIETZSCHE, F.. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, Camila. X; REGO, Nelson. **As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino de geografia**. Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 86-107, jan./jun., 2011

ORTEGA, Francisco. **Corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea/ Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos A. **Sobre o corpo social como espaço de resistência e reinvenção subjetiva**. Lugar Comum. Número 21-22, pp. 57-72 (s-d).

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

RODRIGUES, G. B. . **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia (UFF), Niterói, v. 7, p. 7-31, 2002.

ROHDEN, F. **O corpo fazendo a diferença**. Mana vol.4 n.2 Rio de Janeiro Oct. 1998  
Ronaldo Trindade. (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo:  
Rowman & Littlefield Publishers.

ROLNIK, Suely. **“Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma**. Conferência proferida nos simpósios: Corpo, Arte e Clínica(UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 11/04/03.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2012

SANCHES, Júlio César. SANT’ANA, Tiago. **Deixa ousada até a mais santinha!** Uma análise das propagandas do desodorante Axe. *Trabalho apresentado no IEBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura*, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Salvador, Anais... Salvador: UFBA, 2008 CD-ROM.

SANDER, Jardel. **Corpo-dispositivo**: cultura, subjetividade e criação artística. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 129-142, jul.-dez. 2011.

SANT'ANA, T. PET SOUNDS – AS BICHINHAS NA PRAIA DOS BEACH BOYS: A HOMOSSEXUALIDADE NA TELENOVELA TRÊS IRMÃS. FACOM-UFBA – SALVADOR-BAHIA-BRASIL. 2010..

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brigido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. **Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 25, n. 2, Jun. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 03 Dec. 2013.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos.** Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SIMÕES, J. A. ; FRANÇA, Isadora Lins . **Do gueto ao mercado.** In: James N. Green;

SIQUEIRA, Holgónsi Soares Gonçalves. **JEAN BAUDRILLARD:** importância e contribuições pós-modernas. Publicado no Caderno MIX - Ideias - Jornal “Diário de Santa Maria - Edição de 31/03 - 01/04/2007”.

SOUSA, Filho. Alípio de. **Foucault:** O cuidado de si de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística. (Trabalho apresentado no IV Colóquio Internacional Michel Foucault. Abril de 2007, Natal. Inédito.)

SOUSA, Noelma C. de.; MENESES, Antônio. B.N. T. de. **O poder disciplinar:** uma leitura em Vigiar e Punir. SABERES, Natal – RN, v. 1, n.4, jun 2010.

SOUSA, Saulo Lopes de. SANTOS, Hendy Barbosa. SOARES FILHO, Antonio Coutinho. **Além do espelho:** o mito do duplo no filme Cisne Negro, de Darren Aronofsky. Revista Temática, Ano IX, n. 11 – Novembro/2013.

SWAIN, Tania Navarro. **“As teorias da carne”:** corpos sexuados, identidades nômades, In: Labrys, estudos feministas, número 1-2, julho/dezembro de 2002. <http://www.unb.br/ih/his/gefem>

\_\_\_\_\_. **“Epistemologia feminista plural: corpos sexuados, identidades nômades”.** 2002

TEIXEIRA, R. P. ; OTTA, Emma . **Grafitos de banheiro**: um estudo de diferenças de gênero. Estudos de Psicologia (Campinas), Natal, RN, v. 3, n.2, p. 229-250, 1998.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1999].

VALE, Alexandre F. C. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

VENCATTO, Ana Paula. **Fervendo com as drags**”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de mestrado, PPG Antropologia Social UFSC, Florianópolis, 2002.

